UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ELOISA TEREZINHA BAPTISTA DE SOUZA

O QUE OS/AS JOVENS DO ENSINO MÉDIO TÊM A ENSINAR PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR? UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Lages
2024

ELOISA TEREZINHA BAPTISTA DE SOUZA

O QUE OS/AS JOVENS DO ENSINO MÉDIO TÊM A ENSINAR PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR? UMA PESQUISA BIBLIOGÁFICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense para a defesa de Mestrado em Educação. Linha de Pesquisa: Processos Socioculturais em Educação.

Orientadora: Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos

Lages

2024

Ficha Catalográfica

S719q

Souza, Eloisa Terezinha Baptista de
O que os/as jovens do ensino médio têm a ensinar para a educação escolar? Uma pesquisa bibliográfica / Eloisa Terezinha Baptista de Souza ; orientadora Prof. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos. – 2024.
122 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense. Lages, SC, 2024.

1. Juventude. 2. Educação da juventude. 3. Educação básica. 4. Educação escolar. I. Vasconcelos, Valéria Oliveira de (orientadora). II. Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Catalogação na fonte – Biblioteca Central
CDD 370

Eloísa Terezinha Baptista de Souza

O QUE OS/AS JOVENS DO ENSINO MÉDIO TÊM A ENSINAR PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR - UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense para a Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação. Linha de Pesquisa: Processos Socioculturais em Educação.

Lages, 01 de novembro de 2024

BANCA EXAMINADORA:

gov.br Documento assinado digitalmente
VALERIA OLIVEIRA DE VASCONCELOS
Data: 01/11/2024 14:45:07-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos
Orientadora e Presidente da Banca - PPGE/UNIPLAC

gov.br Documento assinado digitalmente
IRAI MARIA DE CAMPOS TEIXEIRA
Data: 04/11/2024 02:49:42-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Iraí Maria de Campos Teixeira
Examinadora Externa – PPGE/UFSCar

gov.br Documento assinado digitalmente
LUCIA CECCATO DE LIMA
Data: 07/11/2024 20:20:49-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Lucia Ceccato de Lima
Examinadora Interna - PPGE/UNIPLAC

Aos meus dois amores Victor Hugo e Vitória. Impossível imaginar minha vida sem vocês. Não consigo imaginar minha vida sem a alegria, o sorriso e o carinho de vocês! Aos meus pais Celso Baptista de Souza e Terezinha Zoraide de Souza (*in memoriam*), que sempre se esforçaram e trabalharam para que eu conquistasse meus objetivos, e do céu estão vibrando para a realização dos meus sonhos. Aos meus irmãos e suas famílias por sempre acreditarem no meu potencial e me incentivarem a conquistar minha carreira e profissão. Sobretudo a Deus, pelo dom da Vida e a oportunidade de poder vivenciar neste mundo e desfrutar da felicidade de ser quem eu sou!

AGRADECIMENTOS

A Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC, por oferecer e disponibilizar a oportunidade de cursarmos este Mestrado.

A todos/as os/as mestres/as e doutores/as, pelo empenho, dedicação, iniciativas e disposição em estruturar os cursos e currículos deste mestrado.

À Turma 2023, por trilhar junto comigo esta caminhada rumo ao conhecimento, aos aprendizados e à continuidade da nossa formação acadêmica.

À Profª Dra. Valéria de Oliveira Vasconcelos, orientadora deste trabalho, pelo apoio, compreensão e carinho com que sempre me conduziu neste aprendizado, não me deixando desistir.

À Profª Dra. Iraí Maria de Campos Teixeira, examinadora externa, que me avaliou de forma tão carinhosa e me auxiliou no discernimento da minha pesquisa bibliográfica.

À Profª Dra. Lucia Ceccato de Lima, examinadora da nossa instituição, anteriormente minha professora na graduação em Pedagogia e, agora, novamente na turma de Mestrado 2023, que sempre me acolheu carinhosamente e com muito respeito.

À minha amiga Lucimara Medeiros Funks Camargo (in memoriam), que me incentivou a ingressar no mestrado, chorou comigo ao comemorar a conquista, mas, pelos desígnios de Deus, nos deixou um mês após o início da minha jornada.

À minha amiga Denise Aparecida Araújo Zampieri, que por muitos anos foi minha gestora, com quem aprendi muito, e que, agora, no mestrado, esteve ao meu lado durante este percurso, ouvindo minhas angústias.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, o meu sincero reconhecimento. Este estudo não teria sido possível sem suas colaborações. Gostaria de citar cada amigo/a. Muita gratidão!

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Declaro que os dados apresentados nesta versão da Dissertação para a Defesa são decorrentes de pesquisa própria e de revisão bibliográfica referenciada segundo normas científicas.

Lages, 01 de novembro de 2024.

gov.br
Documento assinado digitalmente
ELOISA TEREZINHA BAPTISTA DE SOUZA
Data: 19/12/2024 16:52:29-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Eloisa Terezinha Baptista de Souza

RESUMO

A presente pesquisa traz como eixo principal a discussão acerca do que os/as jovens estudantes do ensino médio têm a ensinar para a educação escolar. Para tal, nos propusemos a realizar uma revisão de literatura a fim de compreender as concepções dos/as jovens-juventudes, com a educação escolar. Foi utilizado como base de pesquisa os periódicos da CAPES, o qual julgamos interessante e necessária para a melhor compreensão sobre o tema. A questão de estudo que orientou esta pesquisa é: "Quais as contribuições que os/as jovens estudantes do ensino médio podem trazer para a educação escolar?" Tem-se como objetivo geral: Compreender a percepção de jovens estudantes do ensino médio sobre sua relação com a educação escolarizada contida em literatura específica e como essas percepções influenciam suas experiências e perspectivas educacionais. A análise de pesquisa foi a partir da metodologia de pesquisa bibliográfica. O levantamento bibliográfico (revisão de literatura) abrangeu publicações inseridas na Plataforma de Indexação de Periódicos da CAPES, com a definição dos seguintes descritores: "juventude" + voz" + "escola". Foram analisados vinte e cinco(25) artigos, todos eles tendo como protagonista os jovens, a juventude, a voz e a contribuições dos jovens para a educação escolar, sendo elaboradas três categorias de análise: Jovens e Juventudes: Educação Escolar e a Voz das Juventudes. A pesquisa considerou os seguintes critérios para seleção dos textos: artigos somente em português, sem recorte temporal; leitura de títulos e resumos; a escolha dos artigos ocorreu a partir dos textos que indicavam a presença do protagonismo juvenil. A análise dos dados da pesquisa ocorreu a partir da análise de conteúdo. (Bardin, 2016). A análise de dados foi realizada mediante categorias de estudo para auxiliar no processo de investigação crítica, dando início a caminhos exploratórios de descobertas baseados nos princípios freirianos. Ao concluir esta pesquisa, esperamos ter contribuído para dar visibilidade ao tema dos jovens estudantes, no âmbito escolar, com vistas ao avanço do conhecimento a respeito desta etapa de vida dos estudantes, bem como para a ampliação do campo de pesquisa sobre os/as jovens estudantes, especialmente no que diz respeito à compreensão da relação das juventudes e da educação.

Palavras-chave: Juventude; Educação da Juventude; Educação Escolar e Educação Básica.

ABSTRACT

The main thrust of this research is to discuss what young high school students have to teach school education. To this end, we set out to carry out a literature review in order to understand young people's conceptions of school education. CAPES journals were used as a research base, which we believe is interesting and necessary for a better understanding of the subject. The study question that guided this research is: “What contributions can young high school students make to school education?” The general objective is: To understand the perceptions of young high school students about their relationship with school education contained in specific literature and how these perceptions influence their educational experiences and perspectives. The research analysis was based on the bibliographic research methodology. The bibliographic survey (literature review) covered publications included in the CAPES Journal Indexing Platform, using the following descriptors: “youth” + “voice” + “school”. Twenty-five
(25) articles were analyzed, all of them featuring young people, youth, the voice and contributions of young people to school education, and three categories of analysis were drawn up: Young People and Youth: School Education and the Voice of Youth. The research considered the following criteria for selecting the texts: articles only in Portuguese, with no time frame; reading of titles and abstracts; the choice of articles was based on texts that indicated the presence of youth protagonism. The research data was analyzed using content analysis (Bardin, 2016). The data analysis was carried out using categories of study to assist in the process of critical investigation, initiating exploratory paths of discovery based on Freirean principles. In concluding this research, we hope to have contributed to giving visibility to the issue of young students in the school environment, with a view to advancing knowledge about this stage of students' lives, as well as expanding the field of research on young students, especially with regard to understanding the relationship between youth and education.

Keywords: Youth; Youth Education; School Education and Basic Education.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Nuvem de palavras.....54

Figura 2 - Nuvem de palavras baseado nas categorias da pesquisa.....95

Quadro 1 - Levantamento de artigos da base Periódicos CAPES, conforme os descritores

.....58

Quadro 2 – Apresentação dos artigos que foram selecionados para a Pesquisa.....61

Quadro 3 – Distribuição do número de artigos, por periódico 65

Quadro 4 - Artigos publicados entre os anos de 2011 a 2022 66

Quadro 5 - Distribuição dos artigos, segundo o número de autores por obra.....66

Quadro 6 - Categoria de estudo 01 e seus artigos 68

Quadro 7 - Categoria de estudo 02 e seus artigos 75

Quadro 8 – Categoria de estudo 03 e seus artigos.....87

LISTA DE SIGLAS

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BNCC - Base nacional Comum Curricular
BR - Rodovias Federais
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
EEB - Escola de Educação
Básica EP - Educação Popular
HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana
LDB - Lei de Diretrizes e Base
LGBT - Lésbicas, gays, bissexuais,
transexuais OIT - Organização
Internacional do Trabalho ONGs -
Organização não Governamental PCSC -
Proposta Curricular de Santa Catarina PL -
Projeto de Lei
SINAJU - Sistema Nacional da Juventude
UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense
WEB - Teia ou Rede

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **12**
1. INTRODUÇÃO **14**
2. REFERENCIAL TEÓRICO **20**
2.1 A VOZ QUE NÃO QUER CALAR 30
2.2 . JUVENTUDE, TECNOLOGIAS E PROTAGONISMO: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E TRANSFORMADORA 33
2.3 A PADRONIZAÇÃO DA SOCIEDADE DE FORMA DESCRIMINATÓRIA 36
2.4 PERÍODOS TRANSITÓRIOS DOS/AS JOVENS E SUAS CONFLUÊNCIAS 39
2.5 ESCOLAS COMO MEIO DE CONEXÃO DAS JUVENTUDES 42
2.6 CURRÍCULO ESCOLAR E SUAS DIVERSIDADES 49
3. METODOLOGIA **55**
3.1 COLETA DE DADOS 57
3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO 59
3.3 ANÁLISE DO MATERIAL COMPILADO 59
3.4 ASPECTOS ÉTICOS 60
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO **61**
4.1 DADOS REFERENTES À IDENTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS 65
4.2 ARTIGOS CONFORME OS PERIÓDICOS 65
4.3 ARTIGOS DISTRIBUÍDOS POR ANO DE PUBLICAÇÃO 66
4.4 ARTIGOS DE ACORDO COM A QUANTIDADE DE AUTORES 66
4.5 ANÁLISE DOS ARTIGOS QUE COMPÕEM A AMOSTRA DA PESQUISA 67
4.6 JOVENS E JUVENTUDES 67
4.7 EDUCAÇÃO ESCOLAR 75
4.8 A VOZ DAS JUVENTUDES 86
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS **96**
6. REFERÊNCIAS
101
7. APENDICE A: QUADRO 9 - ARTIGOS DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA COM SEUS RESUMOS E PERIÓDICOS
107

APRESENTAÇÃO

Sou natural de Urubici (SC), nasci no dia 25 de abril de 1969. Meu pai era descendente de italianos, e minha mãe, de portugueses. Urubici, cidade serrana, com aproximadamente 12.000 habitantes, excluindo o fluxo turístico. Sua economia é diversificada, e possui belíssimos pontos turísticos, sendo a Serra Catarinense a região mais fria do Brasil.

Desde cedo, nossos pais nos ensinaram a importância do estudo, ressaltando que, por meio dele, as portas para o conhecimento se abririam, tornando nossos sonhos possíveis. Por ser uma cidade do interior e pequena, Urubici oferecia apenas até o ensino médio, e não havia transporte escolar para outros municípios que permitisse aos estudantes continuarem seus estudos.

Aos quatorze anos, comecei minha carreira na educação como auxiliar de professora em creches e séries iniciais, conciliando trabalho com os estudos. Passei por diversas escolas em Urubici, até assumir uma função administrativa na área da educação na prefeitura do município. Após concluir o ensino médio em Urubici, fui estudar em Florianópolis, mas não me adaptei aos costumes do litoral, já que sou serrana.

Decidi então morar em Lages, cidade com costumes mais próximos aos de minha terra natal. Na época, poucas cidades em Santa Catarina possuíam faculdades, e Lages abrigava a Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), que hoje é uma renomada instituição. Para custear meus estudos, consegui um emprego. Saí de Florianópolis sozinha, de ônibus, e encontrei uma pensão para morar próximo à UNIPLAC. Assim, comecei minha vida em Lages, trabalhando e estudando para alcançar meus objetivos.

A UNIPLAC foi decisiva em minha trajetória. Vim para Lages com o objetivo de estudar e, aqui, permaneci. Casei-me, formei minha família, tive filhos e me profissionalizei, sem nunca deixar de trabalhar.

Quando vim para Lages, em 1989, optei por cursar Pedagogia, acreditando que poderia contribuir social e politicamente com o conhecimento que adquiri. Em 1993, concluí o curso nesta renomada instituição, sempre conciliando trabalho e estudo. O concurso para especialista abriu apenas em 1998, ano em que fui aprovada e efetivada como especialista na Escola Antonieta Silveira, no município de Palmeira, SC. Em

2002, obtive remoção para a EEB Industrial de Lages, onde permaneço até a presente data.

Procuro aplicar minha experiência na área administrativa, buscando constantemente meu aprimoramento por meio de diversos cursos de capacitação, como o Pró-Gestão Escolar, a pós-graduação em Prática Escolar numa Visão Psicopedagógica, a Especialização em Administração Escolar, entre outros. Exercer o cargo de especialista em assuntos educacionais exige constante atualização de conhecimento. Por isso, tomei a decisão de ingressar no mestrado da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), visando a construção de um novo olhar, a ampliação de conhecimentos e o desenvolvimento do pensamento crítico.

Fazer um mestrado não é apenas uma maneira de formalizar o que já se sabe, mas sim um caminho para sistematizar experiências, construir novos conhecimentos e promover mudanças significativas na educação, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino. Mesmo já tendo muitos anos de experiência em escolas públicas e atuando nas áreas administrativa e pedagógica, pode ser um passo estratégico e significativo para aprofundar meus conhecimentos e contribuir de forma mais substancial para o desenvolvimento da educação escolar.

Apesar da experiência prática ser um diferencial, o mestrado contribuirá para estudar teorias contemporâneas da educação, tendências pedagógicas e explorar metodologias inovadoras, permitindo o aprofundamento na capacidade de análise crítica sobre os desafios enfrentados no cotidiano escolar e encontrar soluções embasadas cientificamente, possibilitando sistematizar essas vivências em conhecimento acadêmico, contribuindo para estudos que dialoguem diretamente com a realidade da educação escolar.

Vários autores influenciaram a escolha do tema da minha dissertação, entre eles Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire e Juarez Dayrell, que serviram como ponto de partida para sua elaboração. O tema, que aborda juventude, jovens estudantes e a relação deles com a escola, está diretamente atrelado ao meu trabalho, uma vez que a instituição de ensino não é formada apenas por uma estrutura de concreto, mas também pela interação humana.

Paulo Freire, patrono da educação brasileira, revolucionou minha visão sobre a educação escolar, especialmente com seu livro Pedagogia do Oprimido, em que defende uma pedagogia que atue com a classe oprimida, contribuindo para sua emancipação por meio do pensamento crítico. Freire, junto a outros autores e autoras,

ampliou minha percepção sobre a função social da escola no ambiente de trabalho.

A função social da escola vai além da transmissão de conteúdos; ela se configura como um espaço essencial para a formação integral dos estudantes, promovendo valores, cidadania, criticidade e equidade. É na escola que muitas crianças, adolescentes e jovens encontram oportunidades para superar desigualdades sociais e construir trajetórias mais promissoras. Nesse sentido, o papel do/a professor/a é central, pois ele atua como mediador/a no processo de ensino-aprendizagem e como agente transformador na vida dos/as estudantes.

Ao ingressar no mestrado, tenho a oportunidade de aprofundar meus estudos e compreender, com base em teorias e pesquisas acadêmicas, como minha prática pode ser mais efetiva e alinhada às necessidades da comunidade escolar. Por meio desse aprofundamento, posso investigar questões relevantes que envolvem os jovens, a educação inclusiva e o uso de tecnologias como ferramentas pedagógicas. Como professora e profissional da educação, o mestrado também amplia minha capacidade de analisar criticamente os desafios enfrentados pelas escolas públicas e propor soluções inovadoras e fundamentadas. Com isso, consigo potencializar minha atuação nto nas áreas administrativas e pedagógicas, contribuindo para a construção de uma escola mais democrática e comprometida com a formação de cidadãos/ãs conscientes e preparados para interagir com um mundo em constante transformação.

Ao me aprofundar nos ensinamentos de autores e autoras, compreendo a importância de enxergar os/as jovens estudantes como protagonistas do processo educacional. Essa perspectiva reforça a relevância de ouvir suas vozes, respeitar suas vivências e construir, junto a eles, um ambiente escolar que seja acolhedor, significativo e promotor de justiça social. Assim, o mestrado não é apenas uma etapa acadêmica, mas uma experiência que enriquece minha visão como educadora e fortalece minha contribuição para o desenvolvimento de uma educação de qualidade.

1. INTRODUÇÃO

A concepção de educação que defendemos aqui se baseia em um processo de construção de aprendizagens para formação de cidadãos/ãs críticos/as. O ato humano de educar existe em todos os lugares, tanto no trabalho escolar quanto na comunidade. Sabemos que não há uma única forma, nem um único modelo de educação e que a educação acontece de diversas formas, diversos tempos e diversas práticas.

Segundo Brandão (2020, p.35): "A ideia de que a educação não serve apenas à sociedade, ou à pessoa na sociedade, mas à mudança social e a formação consequente de sujeitos e agentes na/da mudança social, pode não estar escrita de maneira direta nas leis do ensino". Frente à concepção acima, entendemos que, a partir do nascimento, as crianças estão mergulhadas em um contexto social repleto de informações e conhecimentos, ao longo da vida cada um/a passa por diversas etapas de socialização, modos de vida, grupos sociais, pois segundo Brandão (2020, p.10): "A socialização realiza em sua esfera, as necessidades e projetos da sociedade e realiza em cada um de seus membros, grande parte daquilo que eles precisam para serem reconhecidos como 'seus' e para existirem dentro dela.".

Muitos relatos pautados no senso comum dizem que os/as jovens nada sabem da vida e que suas necessidades se baseiam quase que exclusivamente em questões biológicas, como saúde, alimentação, vestuário, entre outras. Mas como todas, são pessoas dotadas de inteligência e aprendem à medida que vão vivendo e construindo conhecimentos por meio de interações com a própria sociedade que convivem. Para Freire (2000, p.78) "Não é no silêncio que os seres humanos se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão".

Refletindo sobre essa intenção pensamos que é um vasto campo de estudo dentro da Pedagogia, Sociologia da educação e outras disciplinas relacionadas. Precisamos considerar o contexto sociocultural dos/as jovens e como constroem suas identidades e visões de mundo dentro de um contexto sociocultural específico. Isso inclui fatores como classe social, etnia, gênero, religião, geografia e território. Cada um desses aspectos molda suas experiências e perspectivas em relação à educação.

Os/As jovens trazem consigo uma variedade de interesses, talentos e experiências pessoais para o ambiente escolar. A maneira como eles/as envolvem-se com a educação pode ser influenciada por elementos individuais. Por exemplo, um/a jovem interessado/a em música tem maiores chances de envolver-se em disciplinas

direcionadas às artes.

Outro aspecto relevante são as relações sociais e interpessoais, as interações com colegas, professores/as, familiares e outros membros da comunidade escolar que desempenham papel crucial na construção da identidade e na percepção da educação dos/as jovens. De acordo com Charlot (2000) citado por Dayrell (2005, p. 42):

> [...] o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade.

Não podemos deixar de considerar a tecnologia e a mídia como um dos principais influenciadores neste processo, na contemporaneidade. As redes sociais vêm desempenhando papel cada vez mais importante na vida dos/as nossos/as jovens, moldando percepções, comportamentos e formas do aprender. A integração adequada da tecnologia na educação pode aumentar o envolvimento e promover uma compreensão mais profunda dos conteúdos. Os desafios, as oportunidades, as questões socioeconômicas são exemplos de fatores determinantes que compõem o processo de formação, desde o início da educação básica até a formação acadêmica, oferecendo oportunidades de crescimento pessoal e desenvolvimento no ambiente escolar e em toda sociedade que pertence.

Entendemos que determinadas abordagens pedagógicas influenciam significativamente a percepção dos/as jovens sobre o processo educacional. Abordagens pedagógicas inclusivas, colaborativas e participantes tendem a ser mais significativas no processo de ensinar-e-aprender. Por outro lado, muitas vezes a escola é excludente e pouco receptiva às diversidades. Por isso a pergunta que orientou a presente pesquisa foi: “Quais as contribuições que os/as jovens estudantes podem trazer para a educação escolar?”.

Diante do pressuposto de que todos/as os/as estudantes trazem diferentes formas de saber, produzindo seu próprio conhecimento, afirma Brandão (1981, p. 9):

> Não há uma forma única, nem um único modelo de educação; a escola não é um único lugar onde ela aconteça e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.

Para que pudéssemos nos aprofundar nesta questão sobre a percepção dos/as jovens foi realizada uma pesquisa bibliográfica, tendo como inspiração inicial o trabalho de Luiza Regina Florêncio dos Santos Guerreiro, cujo tema foi "A Vez e a Voz de Jovens sobre a Educação Escolar: Uma Pesquisa Bibliográfica", sob a orientação da Profª. Drª. Valéria Oliveira de Vasconcelos e que foi de fundamental importância para o enriquecimento desta dissertação.

Os/As estudantes têm potencial suficiente, enriquecedor para transformar e construir o conhecimento, já a escola tem a responsabilidade de aprimorar essa capacidade, favorecendo a autonomia do aprender. É nesse período que o "ser Jovem" começa a ter novas experiências e conhecimentos, responsabilidades, mudanças de comportamento, paixões, laços de amizades profundas, começa a idealizar seus sonhos e a lutar para alcançá-los.

Dayrell (2011) conceitua juventude ou juventudes a partir de distintas concepções. A juventude para alguns autores e para Dayrell seria a faixa etária, o período vivido, carregando em si muitos significados. Já o termo "juventudes" é apontado com enorme gama de categorias juvenis e todas suas particularidades. Inúmeras possibilidades e formas do/a jovem se expressar, personalidades, comportamentos, grupos que compartilham e que constroem seus modos de ser e de agir na sociedade, perpassando a ideia de tempo, idade, necessidades, desafios, entre outros. Portanto, não podemos falar do/a jovem atualmente, desconsiderando os diferentes contextos em que eles/as estão inseridos.

De acordo com Dayrell (2011), nesta pesquisa iremos trabalhar com o conceito de juventudes. Sabemos que existem os vários mundos, vários olhares, diferentes culturas, modos de vida, classes, religiões, etnias, portanto as diferentes juventudes ganham evidencias nas cidades.

Trataremos também o termo o/a jovem ou os/as jovens para aqueles/as que se encontram com idade entre 15 a 29 anos segundo o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/13): "§ 1o Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade." (Estatuto da Juventude, 2013, p.

26)[1].

Uma das diferenças presentes entre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para o Estatuto da Juventude é a faixa etária de cada um. O ECA postula que: "§ 2o Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente".

Segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina- PCSC (2005): [...] "o termo jovem abrange as fases tanto da adolescência quanto da juventude propriamente dita, e que se distinguem". Assim, o termo abrange a maioria dos estudantes que frequentam as etapas finais do ensino fundamental e o Ensino Médio. Em Santa Catarina, encontram-se estudantes que estão vivenciando plenamente a adolescência, enquanto outros já ingressaram no período que a sucede, a juventude.

Ainda conforme a Proposta Curricular de Santa Catarina:

> O(A) jovem está exposto(a) a profundas transformações físicas e emocionais peculiares a sua condição transitória de estar e ser jovem sendo, à medida que se desenvolve solicitado assumir precocemente papéis e modelos sociais, que muitas vezes, ainda não está preparado(a) (PC Santa Catarina, 2005, p.70).

Segundo o autor Dayrell a Constituição Federal de 1988 reflete uma visão ampliada dos direitos, incluindo os/as jovens como sujeitos de direitos, especialmente nos campos da educação, cultura, saúde e participação social. Dayrell utiliza essa base para refletir sobre a juventude como uma fase construída socialmente, impactada por contextos políticos e culturais que exigem políticas públicas específicas e inclusivas.

Do ponto de vista de Dayrell (2011, p. 118):

> Dois pressupostos norteiam as reflexões sobre juventude e trabalho: a educação como direito de todos, consagrado na Constituição Federal de 1988 e reafirmado na LDB de 1996, e o trabalho como dimensão central do ser humano. Assim é impossível falar em jovem e trabalho sem que se interponha o terceiro termo da equação, a escola.

O autor utiliza a base constitucional para refletir sobre os direitos da juventude como uma fase de construção social que é impactada, impactada por contextos sociais políticos e culturais que exigem políticas públicas específicas, inclusivas e igualitárias. Nesta direção entende-se que é fundante, ouvir os/as jovens, sobre temas

[1] "Art. 1o Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE."

diversificados, suas percepções e expectativas, proporcionando-lhes debates e diálogos como espaço de acolhimento e ajuda para desenvolver comportamentos sociais e emocionais, auxiliando- os nas decisões e no melhor convívio da sociedade.

Assim esta pesquisa contou com o seguinte objetivo geral: Compreender a percepção de jovens sobre sua relação com a educação escolarizada contida em literatura específica e como essas percepções influenciam suas experiências e perspectivas educacionais. E como objetivos específicos: Levantar pesquisas na área de Educação e Juventude que tratem especificamente da voz dos/as jovens estudantes do ensino médio; 2- Identificar nessas pesquisas o que os/as jovens estudantes do ensino médio pensam sobre sua própria realidade; 3 - Analisar como a escola/comunidade escolar, pode melhor atender às demandas desses/as jovens;

A presente dissertação, ao levantar os temas pautados de maneira rigorosa, optou por realizar uma revisão de literatura, permitindo identificar, abordar os determinados temas de maneira rigorosa, optou por realizar uma pesquisa bibliográfica, permitindo identificar e analisar estudos já publicados nesse contexto educacional. A pesquisa foi conduzida seguindo a partir de escolha da plataforma de indexadores CAPES, sendo feito a escolha de vinte e cinco artigos para serem estudados, contribuíndo para uma análise com maior aprofundamentos nos temas abordados e forneceram subsídios para futuros estudos nas determinadas áreas da educação, estimulando a autoaprendizagem e dos estudantes e reflexões da força da voz das juventudes como mediadores no processo social e educacional.

Partimos para o referencial teórico sempre corrobando com os determinados autores citados na pesquisa. Como metodologia, optou-se pela revisão de literatura. Após a escolha da plataforma e dos artigos, surgiram os principais eixos temáticos sendo divididos os artigos em três categorias: Jovens e Juventudes; Educação Escolar e a Voz das Juventudes. Foram feitos quadros e tabelas que possibilitaram mapear as temáticas que surgiram com o estudo dos artigos e respectivo referencial teórico.

Esta dissertação esta composta por 06 seções: A primeira delas é a "INTRODUÇÃO", que apresentou o tema de estudo, o problema da pesquisa, o objetivo geral e objetivos específicos, menciona os principais autores que embasam a pesquisa e a justificativa de estudo.

Antecede a introdução uma "APRESENTAÇÃO" da autora com o percurso escolar/acadêmico da mesma que indicam o significado do estudo.

A segunda seção trata do "REFERENCIAL TEÓRICO" que foi dividido em 06

subseções sendo elas: 2.1 A voz que não quer calar; 2.2 Juventudes, tecnologias e protagonismo: construindo uma educação inclusiva e transformadora; 2.3 A padronização da sociedade de forma discriminatória; 2.4 Períodos transitórios dos/as jovens e suas confluências; 2.5 Escolas como meio de conexão das juventudes e 2.6 Currículo escolar e suas diversidades.

Na seção 3 é apresentada a "METODOLOGIA" da pesquisa com a descrição da seção 3.

Quanto a seção 04 "RESULTADOS E DISCUSSÃO", são apresentados os resultados da pesquisa e a análise que ocorreu em 03 categorias: "Jovens e juventudes"; "Educação escolar" e "A voz das juventudes".

Para finalizar a dissertação comenta-se as "CONSIDERAÇÕES FINAIS", que mostram os principais resultados e as principais reflexões sobre a pesquisa e possibilidades de continuidade dos estudos sobre juventudes estudantis.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

As juventudes caracterizam-se pela criatividade, potência, energia e por diferentes motivações para investir nos estudos escolares (ou não). Quando instigadas, são plenamente capazes de produzir conhecimentos e ensinamentos. O processo de ensinar e aprender depende de inúmeros fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, que são determinantes para o desenvolvimento do/a jovem enquanto ser humano crítico e autônomo (Arroyo, 2012; Dayrell, 2011).

Os/as jovens têm potencial para contribuir com a educação escolar de diversas maneiras. Segundo Streck (2014), esse potencial pode transformar a escola em um *ethos* humanizador, possibilitando que os/as jovens se tornem agentes de mudança na escola e na comunidade. Como afirmava Freire (2000, p. 84): "Para o/a educador/a humanista ou o revolucionário autêntico, a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles/as com os outros homens/mulheres e não estes".

As juventudes constituem uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, marcada por importantes transformações físicas, psicológicas, emocionais e sociais. A educação desempenha um papel fundamental na formação dos/as jovens, proporcionando conhecimentos, habilidades e valores necessários para que possam atuar de forma ativa e consciente. Além disso, a educação contribui para o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e da capacidade de tomar decisões responsáveis.

Através da educação, as juventudes caminham em busca de um futuro melhor. Investir na educação dos/as jovens é investir no desenvolvimento sustentável da sociedade, permitindo o crescimento pessoal e profissional, além de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e democrática.

Para Sposito e Carrano (2003, p. 37):

> Mais uma vez, percebe-se que a presença de atores coletivos juvenis diversificados asseguraria, em tese, o caráter plural e democrático da participação. O caráter emergente dessa nova agregação dos interesses e da sociabilidade juvenil no âmbito da cidade, muito mais ligada a formas expressivas, resistentes a certa racionalidade instrumental inerente ao mundo da política institucional, abre para um novo campo de conflitos e de ações que poderão, de certo modo, contribuir para uma reinvenção da esfera pública, na esteira dos movimentos sociais observados a partir dos anos de 1970 na sociedade brasileira (Sposito; Carrano, 2003, p. 37).

É na fase da juventude que começam os questionamentos sobre o futuro: qual

profissão escolher, qual curso superior seguir. Nessa etapa, ocorre um amadurecimento tanto biológico quanto intelectual, além do desenvolvimento de conhecimentos em múltiplas situações, maior autonomia e capacidade de tomar decisões.

A partir de 1988, a Proposta Curricular de Santa Catarina passou a se pautar na discussão sobre o currículo escolar, buscando refletir a concepção de sociedade desejada para o estado. Após esse período, aprofundaram-se temáticas multidisciplinares que contribuíram para a prática pedagógica dos/as professores/as. Por meio de uma educação pública abrangente e de qualidade, tornou-se possível vislumbrar a redução das desigualdades, a diminuição da pobreza e a mitigação de outros problemas sociais.

Nesse contexto, surgiu uma preocupação com a evasão escolar e com o enriquecimento dos conteúdos curriculares, visando possibilitar aos/às estudantes uma melhor compreensão de seu papel como cidadãos/ãs e o planejamento de metas para um futuro profissional.

Diante do pressuposto de que todos os estudantes trazem diferentes formas de saber e produzem seu próprio conhecimento, Brandão (1981) afirma que:

> Não há uma forma única, nem um único modelo de educação; a escola não é um único lugar onde ela aconteça e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (Brandão, 1981, p. 09).

O ensino deve estar orientado pela práxis, integrando ação e reflexão, de modo a permitir a criação e recriação do trabalho escolar.

A violência está presente em todos os lugares e assume as mais variadas formas. Apenas por meio da conscientização e do conhecimento é possível que os/as jovens rompam com os muros da indiferença. Muitas vezes, os/as jovens são vistos sob a ótica dos adultos. Embora a família seja um espaço de amparo, ela também pode ser um obstáculo à autonomia dos/as jovens, ao impor padrões que nem sempre refletem a diversidade e a singularidade de cada indivíduo, especialmente em questões ligadas ao gênero. Cada jovem é único, com sua própria individualidade.

A adolescência e a juventude são períodos marcados por tensões, tanto para os/as jovens quanto para suas famílias. Muitos adultos têm dificuldade em lidar com a sexualidade dos/as jovens. Preconceitos sobre o tema levam à repressão e à falta de

espaços para expressão e subjetividade.

Os desejos, afetos e mudanças de comportamento dos/as jovens frequentemente os afastam do convívio familiar, fazendo com que a escola se torne um espaço essencial para acolhimento e aceitação. Segundo Dayrell (2011, p. 27): “A escola, como espaço não apenas de aquisição intelectual-cognitiva, mas também de formação para a vida adulta e de construção de identidade, deve participar intensivamente dessa corresponsabilidade”.

Ao longo do tempo, a escola e seus princípios têm sido considerados pilares da sociedade. Contudo, o comportamento dos/as jovens é influenciado por redes sociais e outros fatores que impactam suas perspectivas de futuro. A negação da importância da escola na vida dos/as jovens muitas vezes está relacionada aos desafios da puberdade e às dúvidas sobre sua autoafirmação.

Quando a escola não atende às necessidades sociais dos/as jovens, estes passam a enxergar as questões escolares com desinteresse. Isso é agravado pelo modo arcaico com que familiares e a sociedade abordam questões comportamentais, assim como pelos problemas de saúde mental, muitas vezes exacerbados pelas redes sociais.

Apesar da tendência de homogeneizar e naturalizar os/as jovens, é difícil defini- los/as de maneira precisa. Como Kehl (2004) aponta, essa definição é elástica e depende de diversos critérios além da idade cronológica. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) situa a juventude entre 15 e 24 anos, com base no acesso ao mercado de trabalho (Martins, 2002). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelecido pela Lei nº 8.069/1990, caracteriza a adolescência como o período compreendido entre os 15 e os 18 anos de idade. O Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852/2013, considera como jovens pessoas entre 15 e 29 anos, com a garantia de direitos relacionados à diversidade, igualdade de oportunidades e inclusão social.

O conceito de “juventude” geralmente simboliza o período em que os indivíduos permanecem mais tempo nos espaços escolares. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), a obrigatoriedade do ensino se aplica ao Ensino Fundamental, com progressiva extensão ao Ensino Médio.

A juventude, ao assumir um papel transformador na sociedade, reflete o potencial criativo, energético e crítico dos/as jovens. Eles/as têm a capacidade de questionar estruturas sociais e promover mudanças, sendo atores ativos na construção de uma sociedade mais justa. Essa visão contrasta com a ideia de que os/as jovens são meros receptores de normas e tradições.

O autor, ao afirmar que a juventude será responsável pela transformação da sociedade, destaca o potencial dos/as jovens como protagonistas sociais. Ele reconhece a juventude como uma fase de criatividade, energia e capacidade crítica, essencial para questionar estruturas sociais e promover mudanças. Essa visão valoriza os/as jovens como atores ativos na construção de uma sociedade mais justa, em oposição à ideia de que seriam apenas receptores passivos de normas e tradições.

> Considero importante tentar compreender essa relação entre os/as jovens e os processos educativos, com base em uma perspectiva que rompe com essas visões pré-concebidas sobre a juventude. É necessário um esforço para ouvir mais os/as jovens a partir de sua condição social: O que eles têm a dizer sobre essa questão? Qual lugar a educação e a escola ocupam em suas vidas? O que explica o modo como se comportam hoje nas escolas? (Dayrell, 2011, p. 101).

A educação não se limita ao ambiente escolar. Ela deve ser compreendida de maneira ampla, envolvendo famílias e comunidades, com todos/as desempenhando um papel ativo e comprometido na promoção de uma educação de qualidade, acessível a todos/as, independentemente de origem social, econômica ou cultural. Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental na formação dos/as jovens, em conjunto com as famílias. Conforme destaca Dayrell (2011, p. 102): "[...] os processos educativos se diversificam, atravessando a vida escolar e familiar".

É essencial que a educação seja orientada pelos princípios da inclusão, igualdade e diversidade, respeitando as diferenças e promovendo oportunidades. Dayrell (2007, p. 1109) observa que "Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade".

Compreender as expectativas dos/as jovens em relação à escola é um passo crucial para construir uma sociedade mais justa, equitativa e democrática. Valores como respeito, empatia e solidariedade, quando estimulados, possibilitam aos/as jovens contribuir de forma significativa para a transformação social. Como aponta Dayrell (2011, p. 85): "É a partir dos percursos dos/as jovens na escola que as formas de desigualdades, de tempos, passados e presentes, vão sendo analisadas".

Os/as jovens necessitam de uma escola que assuma como função principal a socialização do conhecimento e a formação integral, promovendo o desenvolvimento pleno do indivíduo enquanto cidadão/ã. A escola deve ser um espaço onde eles/as possam se preparar para realizar seus projetos de vida. Nesse contexto, Dayrell (2011,

p. 27) afirma: “A escola, como espaço não apenas de aquisição intelectual-cognitiva, mas também de formação para a vida adulta e de construção de identidade, deve participar intensivamente dessa corresponsabilidade”.

Dayrell (2011, p.09) também destaca a importância de “[...] contribuir para a disseminação das reflexões em torno da juventude, fortalecendo o movimento existente em prol dos direitos desse segmento da população, bem como para a ampliação e consolidação das políticas públicas voltadas para os jovens brasileiros”.

Assim, é fundamental repensar as práticas de ensino e aprendizagem, valorizando um diálogo contínuo com os/as jovens. Freire (2001, p. 109) defende que:

> O saber democrático jamais se incorpora autoritariamente, pois só tem sentido como conquista comum do trabalho do educador e do educando. Portanto adentrar o universo juvenil é de suma importância para compreender as angústias dos jovens, para que se possa aprender com eles novos horizontes que revelam um ensino-aprendizagem agregador e saudável, transformador de mentes e atitudes provocativas para uma sociedade melhor.

A educação no Brasil, conforme Cury (2002), é um direito garantido desde a formação do Estado nacional independente. Políticos e educadores liberais trouxeram ideias e discussões sobre quem seria o sujeito desse direito e qual o papel do Estado na garantia da oferta educacional no país. Nesse contexto, começaram a se preocupar com uma escola mais direcionada à vida cotidiana, acessível a todas as pessoas, independentemente de classe social.

Segundo Brandão (1995, p. 87), “A luta pela democratização do ensino resultou na escola pública. No reconhecimento político do direito de estudar para todas as pessoas, através de escolas gratuitas de ensino leigo, oferecido pelo governo”.

A história da educação foi marcada por avanços e retrocessos decorrentes de mudanças políticas, sendo evidente a necessidade de maior reconhecimento e garantia dos direitos das populações excluídas. Conforme Dayrell (2011, p. 102), “[...] os processos educativos se diversificam, atravessando a vida escolar e familiar”.

Os/as jovens são capazes de contribuir para criar espaços de pesquisa nas escolas, transformando-as em um *ethos* humanizador (Streck, 2014). Esses projetos podem ser desenvolvidos com a participação ativa dos/as próprios/as jovens, possibilitando que se tornem agentes de mudança na escola e na comunidade.

Como afirma Freire (2000, p. 84), “Para o/a educador/a humanista ou o revolucionário autêntico, a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles/as com os outros homens/mulheres e não estes”.

A escola deve preparar os/as estudantes para serem agentes de mudança social e promotores de desenvolvimento. Brandão (1995, p. 84) reforça: “A educação é hoje considerada como um fator de mudanças: um dos principais instrumentos de intervenção na realidade social com vistas a garantir a evolução econômica e a evolução social e dar continuidade à mudança no sentido desejado”.

Após o período da ditadura cívico-militar (1964-1985), a Constituição Federal de 1988 ampliou as discussões sobre a garantia dos direitos sociais, tratando a educação como um direito de todos/as e um dever do Estado.

A partir de 1990, reformas educacionais tornaram obrigatória a matrícula de estudantes dos quatro aos dezessete anos, abrangendo o ensino fundamental e médio. Essas medidas geraram um aumento considerável nas matrículas, tornando a geração atual mais escolarizada do que as anteriores.

Para Dayrell (2011, p. 104), “Tais reformas, impulsionadas por múltiplos fatores de ordem econômica, política e social, ancoraram-se no discurso de que a educação se constitui em um capital, absolutizando muitas vezes a sua capacidade para promover o desenvolvimento social”.

Segundo Brandão (1995, p. 18), “A educação existe na história e nas sociedades do homem. Não é anterior a ele, e em todos os sentidos é uma construção social do homem”. Brandão destaca que a educação é uma construção social e histórica, surgindo e se transformando de acordo com os contextos culturais, econômicos e políticos, sendo fruto das relações sociais. Essa visão reflete a educação como um processo dinâmico e coletivo, moldado pelas necessidades e valores de cada época.

Dayrell (2011, p. 105) questiona: “Como exigir que valorizem uma escola desvalorizada pelo Estado e pelas políticas públicas? Como esperar que sejam protagonistas se as experiências de participação estimuladas pela escola indicam uma visão estreita e limitada como essa?”

O autor também aponta que “as reformas educacionais foram capazes de ampliar as matrículas, mas sem a promoção de condições adequadas que permitissem a permanência e a vivência de uma educação de melhor qualidade” (Dayrell, 2011, p. 107).

Por meio do aprendizado, a pessoa promove o avanço de sua vida, constrói valores éticos e prática sua cidadania de forma plena, reconhecendo seus direitos e responsabilidades. Com base nesse fundamento educacional, torna-se crucial assegurar uma prática pedagógica autêntica.

É necessário oferecer aos/às jovens oportunidades que respeitem seu

conhecimento de vida, ajudando-os/as a analisar sua identidade e planejar melhor seu futuro. Freire (2005, p. 135) explica: “Sem teoria, na verdade, nós nos perdemos no meio do caminho. Mas, por outro lado, sem a prática, nós nos perdemos no ar, [...] só na relação dialética contraditória, prática-teoria, nós nos encontramos, e, se nos perdemos, às vezes, nos reencontramos por fim”.

O mesmo autor nos ensina que:

> Não podíamos compreender, numa sociedade dinamicamente em fase de transição, uma educação que levasse o homem a posições quietistas ao invés daquela que o levasse à procura da verdade em comum, “ouvindo, perguntando, investigando”. Só podíamos compreender uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, que deve ser usada tanto quanto possível criticamente, ou com acento cada vez maior de racionalidade (Freire, 2001, p. 98).

Para Brandão (2020, p. 185): “Justamente porque de maneira crítica e consciente reconhecemos todos os desafios e dilemas que se colocam diante de quem se dedica à educação, penso que devemos colocar justamente sobre ela, e em nossas mãos e mentes, todo um empenho de esperança e de ações humanamente emancipadoras”.

Cavaliere (2009, p. 34) relata que “Uma escola que possibilitasse esse conjunto de vivências seria uma instituição complexa – com funções socializadoras amplas e assentadas em regras previamente e continuamente acordadas – capaz de incorporar as diferentes experiências culturais da população”.

Atualmente, a escola, como uma instituição social moderna, tem o potencial de desempenhar o papel de promotora da educação integral. No entanto, é importante destacar que, embora o ambiente escolar seja o principal espaço para sua concretização, as ações voltadas à educação integral não se restringem exclusivamente à escola. De acordo com Cavaliere (2022), a educação integral também abrange outras dimensões essenciais, como o acesso ao esporte, à inclusão digital, à saúde e à cultura, que devem ser contempladas para sua efetivação plena.

No decorrer de muitas décadas, a educação Brasileira não considerou a voz dos/as estudantes**.** A luta pelo reconhecimento de diferenças, pelo direito ao questionamento dos/as jovens criam forças democráticas capazes de mudar as desigualdades da sociedade. Segundo Dayrell (2011, p. 318):

O desvelamento da opressão se dá no processo histórico cujos embates permitem, que os sujeitos ressignifiquem sua posição frente a outros, e se reposicionem,

assim como se expanda a consciência coletiva sobre as formas de opressão, até então naturalizadas e não desveladas.

É necessário um esforço para ouvir os/as jovens a partir de sua condição social, compreendendo como a educação e a escola ocupam lugar em suas vidas e influenciam seu comportamento. É fundamental dar importância à voz e à expressão individual dos/as jovens na sociedade.

Os/as jovens precisam ter o direito de participação ativa em sua educação escolar, valorizando oportunidades para expressar opiniões, contribuir com ideias e tomar decisões sobre sua própria aprendizagem. O papel da escola na formação dos/as jovens é crucial, e ela deve explorar diferentes vozes e perspectivas, estimular o pensamento crítico e promover habilidades como o diálogo e a colaboração.

Devemos incluir reflexões e análises sobre a experiência da juventude contemporânea, sua relação com a sociedade e a importância da escola como espaço de formação e desenvolvimento pessoal. Parafraseando o *Relatório da Voz dos Alunos* (2024), os estudantes concretizam sua voz por meio de diversas iniciativas realizadas em parceria com as escolas, que proporcionam momentos e espaços para o exercício pleno, ativo e criativo da cidadania, participando da dinâmica escolar.

Quando a escola considera as ações e a voz dos/as estudantes, ela permite que eles/as participem ativamente do processo de ensino-aprendizagem, deixando de ser sujeitos passivos. A escola deve proporcionar possibilidades e meios para que os/as jovens se envolvam de maneira construtiva, desenvolvendo sua subjetividade, elaborando iniciativas pedagógicas e permitindo-lhes exercer suas expressões. Isso inclui inseri-los como protagonistas na sociedade.

Segundo Brandão (2020, p. 37): "A educação é uma conversa entre pessoas ao redor não apenas de 'novidades', mas de novos saberes". Quando a escola ouve a voz dos/as estudantes, ela se apropria de melhorias para atendê-los/as da melhor maneira possível. Ainda conforme Brandão (2020, p. 38): "Palavras, pensamento, ideias são pensados para serem ditos, dialogados, reciprocizados".

É indispensável que o/a professor/a atue como mediador/a na sala de aula, promovendo um ambiente propício ao diálogo. É necessário encontrar maneiras de conduzir o processo educativo dentro da realidade e do contexto de cada um/uma, implementando ações que atendam às necessidades dos/as educandos/as.

Independentemente do lugar, as pessoas possuem voz. Segundo Brandão (2020, p. 37):

> Uma vez habitante de uma linguagem rica, complexa e articulada, a palavra aspira sair de si-mesma. E o “falar, quer “dizer”. Tanto as palavras quanto os saberes que elas enunciam existem porque, continua e perenemente elas se coletivizam.

Brandão (2020) apresenta a cultura como um fenômeno plural, coletivo e transitório, onde ideias, palavras e saberes circulam entre as pessoas, sem pertencimento exclusivo. Ele rejeita a visão determinista, como a de sermos apenas "portadores de genes", propondo que somos mediadores de conhecimentos, que nos atravessam e seguem adiante, enfatizando o caráter compartilhado e contínuo da cultura. Na visão do autor (2020, p. 36):

> A cultura é plural, coletiva e recíproca. Palavras e seus saberes passam por nós nos visitam e atravessam, e seguem adiante. Alguns biólogos afirmam que nós não somos mais do que “portadores de genes” Não creio muito, mas pode ser. E podemos crer, aí sim que nós somos portadores – e nunca proprietários - de palavras, de ideias e de saberes.

Brandão (2020) reforça que o conhecimento só ganha significado quando compartilhado. Ele enfatiza a troca recíproca de saberes, sentimentos e significados, destacando que o aprendizado é um processo coletivo e intersubjetivo, enraizado no contexto cultural em que vivemos e no diálogo com outras pessoas. Afirma Brandão (2020, p. 37) que:

> O que aprendi e sei (ou penso que sei) somente faz sentido se existe não apenas em mim, ou “dentro de mim”, mas se continuamente sai-de-mim e flui. E passa de mim a outros que reciprocamente tornam também meus os seus saberes, os seus sentidos, os seus significados. Se possível junto com os meus sentimentos, as suas sensibilidades. As diferentes pessoas de um mundo cultural em que eu nasci e vivo e com outras pessoas partilho.

É necessário repensar o currículo escolar, considerando, como escreve Arroyo (2017), “outros sujeitos, outras pedagogias”, que poderiam contribuir para melhorar a vida dos/as estudantes. Algumas ideias incluem um currículo relevante e atualizado, que reflita as necessidades e interesses dos/as estudantes, integrando conteúdos e experiências significativas para suas vidas e que os preparem para os desafios do mundo contemporâneo.

Os estudos realizados nesta pesquisa bibliográfica sobre as expectativas dos/as jovens em relação à escola mostram que elas variam amplamente, influenciadas por fatores como experiências individuais, interesses, aspirações e necessidades. No entanto, algumas expectativas comuns podem ser identificadas, como o desejo por um

ambiente de aprendizagem produtivo, positivo e inclusivo. Os/as jovens esperam que a escola seja um espaço onde se sintam seguros/as, respeitados/as e valorizados/as como seres humanos, promovendo inclusão, diversidade e equidade.

O papel da escola tem se transformado ao longo do tempo, evidenciando cada vez mais a necessidade de preparar os/as jovens para um mercado de trabalho competitivo, inovador e tecnológico. Contudo, é igualmente essencial que a escola fomente o exercício de uma cidadania consciente em uma sociedade dinâmica, preparando-os/as para atuarem como sujeitos ativos nesse processo.

Este trabalho será estruturado em seis subseções, permitindo uma abordagem ampla e crítica sobre juventude e educação escolar. Cada tema abordará aspectos específicos, promovendo reflexões que auxiliem na compreensão das demandas das juventudes.

"A voz que não quer calar", focará na valorização da expressão juvenil, reforçando a importância de escutar as perspectivas dos/as jovens como agentes de transformação social e educacional.

"Juventude, tecnologias e protagonismo: construindo uma educação inclusiva e transformadora", analisará como as múltiplas experiências e redes de sociabilidade dos/as jovens moldam seu futuro e papel na sociedade, destacando as interações entre escola, trabalho e cultura.

"A padronização da sociedade de forma discriminatória", questionará as normas e estereótipos que excluem determinados grupos juvenis, promovendo a discussão sobre inclusão e diversidade no ambiente educacional e social.

"Períodos transitórios juvenis e suas confluências", abordará a juventude como uma fase de transição, onde diferentes influências culturais, sociais e emocionais impactam a formação da identidade.

"Escolas como meio de conexão das juventudes", tratará a escola como um espaço de socialização e troca, reconhecendo seu potencial de conectar os/as jovens e ampliar horizontes sociais, culturais e educacionais.

"Currículo escolar e suas diversidades", discutirá como o currículo pode (e deve) refletir a pluralidade das juventudes, garantindo que suas experiências e contextos sejam representados e valorizados.

Essas subseções dialogam entre si, promovendo uma análise integrada e inclusiva sobre os desafios e potencialidades da juventude, em busca de práticas educativas mais democráticas e representativas.

Nas subseções a seguir, serão trabalhados diversos autores/as, entre eles/as estarão também alguns dos/as autores/as dos artigos escolhidos utilizados para a análise das categorias dada à importância dos textos selecionados.

2.1 A VOZ QUE NÃO QUER CALAR

A voz dos estudantes é essencial para transformar a escola em um espaço de diálogo e construção coletiva. Quando os/as jovens participam ativamente, suas perspectivas enriquecem o processo educativo, promovendo seu desenvolvimento, o aprimoramento da escola e o progresso da sociedade. Esse diálogo fortalece a cidadania e o protagonismo juvenil. Segundo Dayrell (2007), dar voz aos estudantes implica reconhecê-los como agentes capazes de interpretar, questionar e transformar a realidade em que vivem, ao invés de tratá-los como receptores passivos do conhecimento (Dayrell, 2007).

O objetivo da subseção "A voz que não quer calar" é destacar a importância de reconhecer, valorizar e promover a expressão dos/as jovens estudantes no ambiente escolar e na sociedade. A subseção busca evidenciar como a participação ativa dos/as jovens, suas perspectivas e vivências podem transformar a educação em um espaço de diálogo, criação coletiva e construção de saberes significativos. Além disso, a subseção visa problematizar práticas educacionais que silenciam os/as estudantes e defender abordagens pedagógicas inclusivas e democráticas, alinhadas às ideias de Paulo Freire e outros/as autores/as.

A expressão "a voz que não quer calar" refere-se a eixos temáticos que se entrelaçam em uma discussão sobre a importância de dar voz e espaço para os/as jovens expressarem suas opiniões, ideias e desejos. Paulo Freire (2000) enfatiza que a voz dos educandos é fundamental no processo de aprendizagem, e destaca que o diálogo é uma prática de liberdade, na qual educadores e educandos aprendem uns com os outros, rompendo com a ideia de educação bancária.

As autoras Mattos e Alves (2015) destacam que a participação ativa dos/as estudantes na educação é um caminho para transformar a realidade educacional. Elas defendem que o processo de ensinar não deve ser apenas a transferência mecânica de conteúdos, mas sim um espaço vivo, de criação e troca de experiências. Isso implica reconhecer os estudantes como protagonistas e capazes de contribuir para novas

formas de entender e interpretar o mundo a partir de suas perspectivas e vivências, promovendo um aprendizado significativo e humanizado.

Ainda segundo Mattos e Alves (2015), ouvir as vozes dos alunos pode abrir caminhos para transformar a realidade educacional, promovendo um ensino que ultrapasse a mera transmissão de conhecimentos. Esse ensino deve tornar-se um espaço de vivência, produção de saberes e enfrentamento de desafios, fomentando novas interpretações e percepções da realidade a partir de diferentes perspectivas.

Para Freire (2000), reconhecer a voz dos estudantes significa vê-los como sujeitos históricos, cujas experiências devem ser respeitadas na construção do conhecimento. O autor critica modelos educacionais que silenciam os educandos e defende uma educação problematizadora, que promova a reflexão crítica e a transformação social.

Dar voz aos/às jovens possibilita que se sintam respeitados e acolhidos no ambiente escolar. Uma das estratégias que podem ser utilizadas são as rodas de conversa e trocas de experiências.

As rodas de conversa sobre temas relevantes para o convívio escolar e o ensino- aprendizagem são ferramentas eficazes para promover um ambiente escolar mais inclusivo. Além disso, a criação de canais de comunicação anônimos pode auxiliar no relato de situações desconfortáveis, fortalecendo a confiança dos estudantes na escola como um espaço acolhedor e participativo.

O conceito de "rodas de conversa" é amplamente associado a práticas de diálogo educativo e crítico, baseadas em Freire (2005), Brandão (2020) e Dayrell (2007). Freire (2005) destaca a importância do diálogo como essência da educação libertadora, promovendo a troca de experiências para compreender e transformar a realidade. Segundo ele, o ato educativo deve ser dialógico e amoroso, permitindo que todos compartilhem suas vozes e aprendam uns com os outros em um ambiente de respeito e colaboração.

Para Brandão (2020) reforça a prática das rodas de conversa como uma metodologia horizontal e comunitária que valoriza as vivências e saberes dos participantes, enquanto Dayrell (2007) aborda a relevância desses espaços para promover o protagonismo juvenil e a reflexão crítica sobre o contexto social e escolar.

Nas metodologias de diálogo como as rodas de conversa, tratou a valorização dessa metodologia como uma estratégia pedagógica para promover o diálogo, a reflexão crítica e a inclusão social, seguindo perspectivas de Freire (2005), Brandão

(2020) e Dayrell (2007).

Freire (2000) defende que o diálogo é uma prática essencial para a educação, pois permite a troca de saberes entre educadores e educandos, reconhecendo-os como sujeitos ativos no processo de aprendizado. Esse processo é transformador e rompe com modelos tradicionais de ensino. Freire (2000, p.92) afirma que: “Sem o diálogo não há comunicação, e sem estra não há verdadeira educação”.

Pacheco (2011) sugere a importância de reconhecer e dar voz a pessoas ou grupos que normalmente são ignorados ou marginalizados na sociedade. A expressão “nós” implica um senso de pertencimento e uma afirmação de que todos merecem ser ouvidos. A palavra "dinâmicas" destaca a natureza em constante mudança dos relacionamentos e interações humanas, indicando que as dinâmicas sociais são complexas e requerem uma análise cuidadosa para entender completamente as vozes que estão presentes.

De acordo com Pacheco (2011), escutar a voz dos/as jovens e suas opiniões é essencial, pois questões como se eles devem ou não ser ouvidos e se têm ou não direito a ter direitos não são debatidas frequentemente na televisão, pelo menos não nos programas que eles assistem. Também não é debatido na Internet, pelo menos não nos sites que costumam acessar, nem nas escolas.

Portanto ouvir a voz dos/as jovens estudantes é reconhecê-los/as como protagonistas no processo educativo, valorizando suas experiências, perspectivas e contribuições para a construção de um ambiente escolar mais democrático, inclusivo e conectado às realidades contemporâneas. Ao ouvir e dialogar com os/as jovens, as instituições de ensino deixam de ser apenas espaços de transmissão de conhecimento e se tornam locais de construção coletiva, onde os estudantes participam ativamente de decisões que afetam suas vidas.

Como destaca Freire (2000), a verdadeira educação só é possível por meio do diálogo, que permite a troca mútua e a construção conjunta de saberes. Essa abordagem fortalece a autonomia dos/as jovens, potencializa suas habilidades críticas e criativas e contribui para formar cidadãos conscientes, preparados para enfrentar os desafios sociais, tecnológicos e culturais do mundo atual.

A subseção "A voz que não quer calar" remete à ideia de que há uma manifestação genuína entre os/as jovens, uma vontade de falar sobre suas preocupações, lutas e perspectivas. Essa voz, muitas vezes, é ignorada ou silenciada pela sociedade, seja por preconceitos, desvalorização da juventude ou falta de

oportunidades para que eles se expressem. No entanto, é importante reconhecer que os/as jovens têm muito a contribuir em diversos âmbitos da vida social, política e cultural.

2.2 JUVENTUDE, TECNOLOGIAS E PROTAGONISMO: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E TRANSFORMADORA

Nesta seção será apresentado a importância do impacto das tecnologias, de um ambiente escolar acolhedor e inclusivo e tratado sobre o bullyng. Segundo Dayrell (2007), o autor discute amplamente o protagonismo juvenil, destacando como os/as jovens constroem suas identidades e participam ativamente na sociedade, inclusive no ambiente escolar. Ele enfatiza que a escola não deve ser apenas um espaço de transmissão de conhecimento, mas também de diálogo e reconhecimento das vozes e experiências juvenis.

O objetivo dessa subseção foi discutir e analisar como as tecnologias, o protagonismo juvenil e um ambiente escolar acolhedor podem contribuir para a construção de uma educação inclusiva e transformadora. A seção abordou temas como: Protagonismo juvenil, tratando da importância de reconhecer os/as jovens como sujeitos ativos no processo educativo, capazes de reinterpretar o mundo e integrar tecnologias no cotidiano escolar de forma inovadora, como destacado por Dayrell (2007).

Dayrell (2007) aborda o impacto das tecnologias digitais, ressaltando o potencial dos/as jovens em ensinar à sociedade novas formas de utilizar essas ferramentas para transformar a educação e ampliar a inclusão social. Na visão de Dayrell (2007), os/as jovens não são meros/as receptores/as de informações, mas sujeitos ativos que reinterpretam o mundo a partir de suas vivências e interações tecnológicas.

Para o autor: “Os jovens têm mostrado capacidade de ressignificar os espaços educativos, integrando as tecnologias digitais ao cotidiano escolar de maneira criativa e dinâmica, transformando o processo de ensino-aprendizagem em algo mais interativo e significativo.”(Dayrell, 2007, p.56). Essa perspectiva coloca o jovem como protagonista nas práticas pedagógicas, contribuindo para a criação de uma educação mais democrática e conectada às realidades contemporâneas.

Rautter e Salles (2012) destacam que pais e educadores têm perdido o protagonismo como principais fontes de informação para os/as jovens. A internet e

outros meios de comunicação oferecem acesso rápido e irrestrito a praticamente qualquer tipo de conteúdo, deslocando o papel tradicional dos adultos nesse processo. Segundo as autoras, apesar de pais e educadores ainda serem responsáveis legais pelos/as jovens, o acesso facilitado a informações pela internet, televisão, revistas e jornais satisfaz a curiosidade de forma imediata, tornando a mediação adulta menos requisitada.

Ainda segundo Rautter e Salles (2012), a inclusão da história e da individualidade de cada pessoa é fundamental na construção de uma sociedade diversa, garantindo os direitos civis e sociais, como educação, saúde e trabalho, independentemente das características pessoais. Essa abordagem promove um ambiente mais abrangente e igualitário, permitindo o desenvolvimento das potencialidades, habilidades e dignidade humana. As autoras questionam: "Será que a tutela que o adulto exerce sobre as crianças e adolescentes está realmente sendo precocemente perdida?" (Rautter e Salles, 2012, p. 101).

Volmer et al (2019) utilizaram as tecnologias e idealizaram um projeto de leitura com estudantes do ensino médio em uma escola comunitária de Porto Alegre. Nesse contexto, eles analisaram um roteiro e um curta-metragem produzido em 2018, com base na leitura de contos de Machado de Assis. Os/as autores/as (Volmer et al., 2019) afirmam que o objetivo do projeto foi investigar os posicionamentos dos adolescentes sobre si mesmos e sobre os outros, explorando hábitos culturais, traços identitários, posicionamentos político-ideológicos e sonhos, além de analisar as percepções desses jovens sobre utopias e realidades .

A geração mais jovem, exposta às tecnologias digitais, demonstra habilidades avançadas nessa área. Dayrell (2007) enfatiza que os/as jovens podem ensinar a escola e a sociedade a integrar e utilizar as ferramentas digitais de maneira eficaz, transformando a educação em um espaço mais interativo e inovador. Ele destaca a importância de incluir a juventude no processo de transformação digital, ressaltando o papel das tecnologias na democratização do acesso à informação e na ampliação das possibilidades educacionais.

Dayrell (2011) reforça que as tecnologias não apenas enriquecem o ensino, mas também potencializam a voz ativa dos alunos, promovendo habilidades de colaboração e aprendizado crítico. A integração significativa das tecnologias no currículo escolar deve fomentar práticas pedagógicas inclusivas e preparar os estudantes para os desafios de um mundo em constante mudança. Essa abordagem promove o

desenvolvimento de competências socioemocionais, como resiliência, empatia e comunicação, essenciais para a formação integral dos educandos.

Brandão (2002) também aborda o uso das tecnologias na educação, defendendo que elas são ferramentas essenciais para transformar práticas pedagógicas. O autor argumenta que, quando integradas de forma crítica e criativa, as tecnologias ampliam a capacidade dos estudantes de aprender, colaborar e inovar. Para o autor, a educação deve ir além da instrução formal, formando cidadãos críticos, criativos e conscientes de seu papel na sociedade.

A escola é um ambiente onde os/as jovens passam grande parte do dia. Por isso, é essencial que a gestão pedagógica estimule a criação de laços afetivos e que seja um ambiente acolhedor, sendo que as tecnologias aproximam os estudantes das escolas.

Através das tecnologias nas escolas, os estudantes encontram novas formas de interação, que favorecem a socialização e a formação de seus grupos, indiferente do tamanho. Ferramentas como redes sociais, aplicativos e plataformas colaborativas permitem que eles se conectem, compartilhem interesses em comum e fortaleçam vínculos, tanto no ambiente presencial quanto no digital.

Sposito (2020) analisa que pequenos grupos nas periferias urbanas têm contribuído para ações coletivas, ressignificando a dimensão territorial local e fomentando iniciativas culturais, sociais e econômicas.

As tecnologias, especialmente as redes sociais, ampliaram o alcance do bullying, transformando-o em cyberbullying, onde agressões deixam de se limitar ao ambiente físico e passam a ocorrer de forma contínua e pública no espaço virtual. Essa exposição potencializa os danos emocionais às vítimas, que enfrentam dificuldades para escapar das perseguições. A falta de mediação no uso das tecnologias agrava o problema, exigindo educação digital e intervenções preventivas.

O *bullying*, tema cada vez mais discutido, é uma prática que sempre existiu, embora com outros nomes. Essa violência pode causar sérios danos emocionais aos estudantes, especialmente durante a adolescência, fase marcada por descobertas e inseguranças. É fundamental que a escola crie ações que previnam o *bullying* e ofereça espaços seguros para que os/as jovens possam expressar suas dificuldades sem medo ou vergonha.

A escola, ao promover espaços de participação e diálogo, assume um papel crucial na construção de uma sociedade mais equitativa e democrática. Por meio da

valorização da diversidade e da inclusão, ela permite que os/as jovens desenvolvam habilidades de liderança e cidadania ativa, contribuindo para um futuro mais justo e solidário.

De acordo com Freire (2001), por exemplo, discute a importância do diálogo e do respeito às diferenças nas relações educativas. Ele afirma que "a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa" (Freire, 2001, p.34).

Nessa perspectiva podemos refletir sobre a necessidade de práticas escolares que promovam a convivência democrática e respeitem a individualidade dos estudantes, prevenindo situações de exclusão ou violência, como o bullying. Segundo Freire (2001 é essencial uma educação dialógica, transformadora e fundamentada no amor e no respeito às realidades e diferenças humanas, como parte essencial da prática pedagógica.

As tecnologias desempenham um papel fundamental na aquisição de conhecimento pelos estudantes, oferecendo acesso rápido a informações, ferramentas interativas e recursos educacionais diversificados. Plataformas digitais, jogos educativos e aplicativos permitem que eles aprendam de forma personalizada e dinâmica, complementando o ensino tradicional e estimulando o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas.

É fundamental valorizar as perspectivas e contribuições dos/as jovens para melhorar a educação e construir uma sociedade mais inclusiva e engajada. Por meio do conhecimento, as pessoas constroem valores éticos e praticam sua cidadania de maneira plena, entendendo seus direitos e responsabilidades.

As tecnologias têm transformado profundamente a vida dos/as estudantes, oferecendo novas possibilidades de acesso ao conhecimento e ampliando o alcance das práticas educacionais. A utilização de ferramentas digitais é essencial para democratizar a educação, tornando-a mais inclusiva e acessível. Autores como Dayrell (2007, 2011) e Brandão (2002) reforçam a importância de metodologias que valorizem a participação dos/as estudantes.

A educação inclusiva e respeito às diferenças, aborda a necessidade de práticas escolares que fomentem a convivência democrática, previnam o bullying e ofereçam espaços seguros para o diálogo e a expressão dos/as estudantes.

Por fim, a subseção buscou ressaltar a importância de práticas educativas que

combinem diálogo, respeito às diferenças e uso criativo das tecnologias, fortalecendo a formação de cidadãos críticos e conscientes.

2.3 A PADRONIZAÇÃO DA SOCIEDADE DE FORMA DESCRIMINATÓRIA

A padronização da sociedade de forma discriminatória ocorre quando normas e expectativas uniformes ignoram a diversidade cultural, social e individual, reforçando desigualdades e exclusões. Esse processo, frequentemente impulsionado por sistemas educacionais, padrões de consumo e mídia, marginaliza grupos que não se encaixam nesses moldes, como minorias raciais, de gênero ou sociais. Para combater tais práticas, é essencial promover a valorização das diferenças, o respeito às identidades plurais e políticas inclusivas que assegurem equidade e representatividade, reduzindo preconceitos estruturais.

Esta subseção terá como objetivo discutir como a padronização da sociedade de forma discriminatória impacta negativamente a diversidade e a inclusão social, destacando o papel da educação como ferramenta de transformação. A análise é fundamentada nos pensamentos de Freire, que critica práticas educacionais que reforçam opressões, e nas reflexões de outros/as autores/as sobre a importância do diálogo e da valorização das vozes jovens.

A padronização da sociedade, especialmente de forma discriminatória, pode ser analisada à luz das ideias de Freire (2005) que critica a homogeneização e a opressão cultural impostas por sistemas sociais e educacionais. Freire aponta que a educação bancária, caracterizada pela transmissão passiva de conhecimentos, reforça padrões sociais discriminatórios e silencia as vozes das classes populares e marginalizadas.

Segundo Freire (2005), destaca a importância de uma educação libertadora, que valorize as culturas, histórias e singularidades dos oprimidos, em vez de moldá-los a um padrão único e opressor. Ele afirma que a verdadeira educação deve promover a autonomia, o diálogo e a conscientização dos indivíduos sobre suas realidades sociais para que possam transformar essas estruturas de opressão.

De acordo com o autor (Freire, 2005) argumenta que a padronização discrimina ao desconsiderar as diversidades culturais e históricas, perpetuando desigualdades sociais. Ele enfatiza que "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediados pelo mundo" (Freire, 2005, p.72). Isso reflete

sua visão de que a educação deve ser um processo participativo e plural, combatendo as estruturas discriminatórias.

Essa crítica é extremamente relevante nos contextos contemporâneos, em que a globalização e as dinâmicas sociais tendem a impor padrões culturais e econômicos, marginalizando identidades e saberes locais. Freire (2005) nos convida a resistir a essas formas de padronização por meio da prática educativa crítica e dialógica.

É fundamental para a análise da padronização de forma discriminativa, reconhecermos a importância de aprender com as juventudes. Esses assuntos interligados evidenciam a necessidade de criar espaços para que os/as jovens possam se expressar e serem valorizados. Cada vez mais, os/as jovens demonstram consciência sobre a importância da diversidade e inclusão, expressando empatia e solidariedade.

Por meio da participação ativa das juventudes, estamos construindo uma sociedade mais inclusiva, justa e preparada para enfrentar os desafios do presente e do futuro. Nesse contexto, o debate sobre o Projeto de Lei (PL) Escola Sem Partido Art. 1º nos artigos 23, inciso I; 24, inciso XV e § 1º; e 227) é significativo, pois busca proibir a abordagem de temas como gênero e sexualidade nas escolas, alegando que tais questões configurariam uma postura "partidária" da escola. A justificativa é que essas discussões devem ocorrer exclusivamente no âmbito familiar, enquanto o papel da escola seria apenas transmitir conhecimento.

Checa e Scisleski (2018), afirmam que o PL defende que temas relacionados à formação moral e ética devem ser responsabilidade exclusiva das famílias, retirando da escola a função de tratar essas questões. Essa perspectiva transfere para o espaço privado um papel anteriormente compartilhado com o Estado e a escola, reforçando a ideia de que a cidadania se constrói apenas na esfera familiar. As autoras destacama campanhas que utilizavam mensagens como "Educar é um ato político", em defesa da função constitucional da escola de educar e formar cidadãos, contrapondo-se à tentativa do PL de silenciar debates essenciais.

Segundo as autoras (Checa e Scisleski, 2018), entender que a proposta de neutralidade do espaço escolar contida no PL é, na verdade, uma forma de perpetuar a invisibilização de juventudes LGBT+ ao proibir o debate sobre gênero e sexualidade. Essa política, ao impor o silêncio, legitima a violência contra essa população e colabora para o desmonte de políticas públicas que promovem a visibilidade e proteção de grupos marginalizados, contribuindo para sua exclusão sistemática.

De acordo com Checa e Scisleski (2018), em um documentário, uma professora

reflete sobre a importância de zelar pela aprendizagem dos estudantes, conforme prevê a LDB. Ela argumenta que abordar as vivências dos alunos é essencial, pois dificuldades e sofrimentos pessoais podem comprometer significativamente o processo educacional.

Amorim e Azevedo (2017) sugerem que é possível aprender com os/as estudantes devido à sua capacidade de refletir e avaliar suas experiências escolares. Contudo, alertam que as vozes dos/as jovens não devem ser vistas como verdades absolutas, uma vez que cada indivíduo carrega peculiaridades, dúvidas e influências culturais. Ainda assim, a valorização dessas perspectivas contribui para uma abordagem educacional mais plural e contextualizada.

Percebe-se uma grande necessidade de promover o empoderamento, especialmente de meninas e mulheres, como forma de combater pensamentos machistas.

Brandão (2020) ressalta a importância da participação ativa dos/as jovens, incluindo meninas e mulheres, em processos de tomada de decisão na escola, como conselhos estudantis e elaboração de políticas escolares. O autor acredita que essa prática fortalece o empoderamento juvenil e fomenta uma cultura mais democrática e inclusiva, permitindo que os/as estudantes contribuam para a transformação de suas realidades e do ambiente escolar.

Os/as jovens frequentemente são interpretados sob a ótica dos adultos, o que pode limitar sua autonomia. Apesar de a família ser um espaço de amparo, ela também pode impor padrões que não servem como modelos universais de comportamento, especialmente em relação à sexualidade, ignorando que cada jovem é um indivíduo único.

> Os jovens são constantemente observados e analisados a partir do olhar dos adultos, que procuram interpretar seus comportamentos, desejos e ações segundo referenciais de uma outra geração. Essa postura tende a ignorar que os jovens constroem seus próprios significados, produzem suas identidades e elaboram suas práticas culturais em diálogo com o contexto em que vivem, sendo, portanto, sujeitos ativos na construção de suas histórias (Dayrell, 1996, p.121).

A subseção também debateu as consequências de políticas como o Projeto de Lei Escola Sem Partido, que busca silenciar discussões sobre gênero e sexualidade. Além disso, ressalta a necessidade de empoderar jovens, promovendo a participação ativa deles na escola e na sociedade como um todo, combatendo desigualdades

estruturais.

2.4 PERÍODOS TRANSITÓRIOS DOS/AS JOVENS E SUAS CONFLUÊNCIAS

Os períodos transitórios dos/as jovens são marcados por profundas mudanças físicas, emocionais e sociais, que moldam sua identidade e visão de mundo. Esses momentos de transição envolvem escolhas acadêmicas, descobertas pessoais e desafios nas relações familiares e sociais. As confluências surgem quando experiências culturais, digitais e sociais se entrelaçam, influenciando suas perspectivas e comportamentos. É essencial que a sociedade e as instituições, como a escola, reconheçam essas fases, promovendo apoio, diálogo e espaços que acolham a diversidade de trajetórias juvenis e suas potencialidades transformadoras.

O objetivo desta seção é discutir os períodos transitórios vividos pelos/as jovens, A seção busca analisar como essas transições moldam a identidade e as escolhas dos/as jovens, abordando também os desafios impostos por desigualdades econômicas, sociais e culturais. Além disso, enfatiza-se a importância de um sistema educacional que reconheça e valorize as singularidades juvenis, promovendo um espaço de diálogo, inclusão e protagonismo no processo de ensino-aprendizagem. Através das contribuições de autores como Freire, Dayrell, Brandão, e outros, esta seção contextualiza a juventude como uma etapa crucial para a construção de sujeitos sociais críticos, autônomos e participativos.

A juventude representa uma fase da vida repleta de descobertas, sonhos e questionamentos. É fundamental que os/as jovens sejam ouvidos e levados em consideração em questões que afetam seu presente e futuro.

De acordo com Araújo et al. (2015), é essencial promover uma sociedade solidária, crítica e participativa, que fomente o exercício da cidadania e o cumprimento do papel social. Essa abordagem contribui para a construção de conhecimento, atitudes e valores, criando um ambiente de convivência social que favoreça a inclusão de todas as pessoas.

Conforme as autoras Rauter e Salles (2012), citam que, segundo Paulo Freire, na educação bancária, os conteúdos e saberes são desconsiderados em relação à vivência dos/as estudantes, criando práticas hierárquicas nas quais o/a professor/a é visto como detentor do saber e o/a estudante como mero repositório de informações.

Freire (2005) define a educação bancária como um modelo em que o educador

"deposita" conteúdos nos educandos, sem promover o diálogo ou a criticidade: “Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (Freire, 2005, p. 72). Ele critica essa abordagem por desumanizar os aprendizes, defendendo, em vez disso, uma educação libertadora, baseada no diálogo e na construção coletiva do conhecimento.

As transições juvenis não seguem trajetórias lineares, sendo marcadas por momentos de entrada e saída do mercado de trabalho, interrupções na vida escolar e mudanças na estrutura familiar. Essa complexidade reflete desigualdades, como renda, gênero e raça, que moldam as experiências dos/as jovens e criam desafios únicos em sua trajetória para a vida adulta. Segundo Dayrell:

> As transições vividas pelos jovens, longe de seguirem um padrão linear, são marcadas por percursos variados e, muitas vezes, descontínuos, atravessados por questões como classe social, gênero, raça e etnia. Essas condições estruturam as oportunidades e os desafios enfrentados pelos jovens em sua inserção no mercado de trabalho, continuidade escolar e construção de projetos de vida (Dayrell, 2007, p. 62).

Para o autor (Dayrell, 2007) reflete diretamente a questão das desigualdades que influenciam as transições juvenis. Tais transições são frequentemente influenciadas por políticas públicas que afetam a educação e o trabalho juvenil, destacando a necessidade de estratégias inclusivas para apoiar a juventude nesses processos.

Segundo Dayrell (2007) “As políticas públicas voltadas para a juventude devem considerar sua diversidade e os múltiplos contextos sociais em que estão inseridos, buscando promover inclusão e ampliar as oportunidades de desenvolvimento." (Dayrell, 2007, p.45).

Dayrell (2011) discute a juventude como um período marcado por mudanças intensas e transitórias, destacando que não se trata apenas de uma fase de passagem para a vida adulta, mas de uma etapa significativa por si mesma. Ele enfatiza que a juventude é um processo de constituição de sujeitos sociais,em que os/as jovens, influenciados/as pelo meio social e pelas trocas relacionais, desenvolvem modos diversos de ser jovem. Esses períodos transitórios envolvem transformações no corpo, nos afetos e nas referências sociais, refletindo a pluralidade de experiências juvenis e sua importância no contexto social.

Segundo o autor: “Esses jovens são comumente desafiados pelas dificuldades

econômicas que enfrentam para sobreviver e realizar seus projetos futuros" (Dayrell, 2011, p. 1071). O autor discute as realidades da juventude e do trabalho, especialmente no que se refere a como os/as jovens enfrentam desafios econômicos e lidam com seus projetos de vida. Dayrell (2011) enfatiza que os/as jovens frequentemente se deparam com a instabilidade em suas vidas profissionais e pessoais, o que molda suas experiências educacionais e laborais.

O autor (Dayrell, 2011) também destaca a importância de compreender os/as jovens não apenas como uma fase da vida, mas como indivíduos que constroem ativamente seus futuros, mesmo quando esses futuros são marcados pela incerteza e por recursos limitados.

Brandão (2020) aborda os períodos transitórios dos/as jovens como momentos de construção de identidade, marcados por desafios e transformações individuais e sociais. Em seus escritos, ele enfatiza que a juventude é uma fase de transição que combina tensões entre as expectativas impostas pelos adultos e as vivências próprias dos/as jovensbg8ve. Essa fase é caracterizada por descobertas, conflitos e a busca por autonomia e pertencimento.

Para Brandão (2020) os períodos transitórios, como a passagem da adolescência para a juventude adulta, são vistos como momentos de reconfiguração e definição de novos rumos, nos quais os indivíduos buscam entender e afirmar sua identidade.

De acordo com o autor (Brandão, 2020), ele destaca que a educação deve considerar as singularidades desse período, promovendo espaços de diálogo e reflexão que permitam aos/às jovens expressarem suas experiências e construírem sentido em suas trajetórias. Ele reforça a ideia de que as vivências juvenis são cruciais para a formação de cidadãos críticos e participativos, especialmente em contextos sociais que demandam inclusão e justiça social.

Para Brandão (2020), educadores e escolas devem atuar como mediadores que ajudam os/as jovens a navegar por esses momentos de transição, promovendo um ambiente acolhedor e respeitando a diversidade de histórias e perspectivas que emergem nesse processo. A formação de identidade ocorre a partir de um processo dinâmico, em que o jovem experimenta diferentes papéis sociais, culturais e profissionais, e precisa lidar com questões como expectativas familiares, acadêmicas e sociais.

É, portanto, uma fase de construção de novos caminhos, onde o jovem começa

a projetar e concretizar seu futuro, enfrentando, ao mesmo tempo, os desafios internos e externos dessa jornada de autodescoberta e desenvolvimento.

Através da subseção abordada, foi possível refletir sobre os períodos transitórios das juventudes, abordando as profundas mudanças físicas, emocionais, sociais e identitárias que caracterizam essa fase da vida. As transições influenciam a formação da identidade dos/as jiovens, suas escolhas acadêmicas, desafios familiares e sociais, e como as experiências culturais, digitais e sociais se entrelaçam em sua vivência.

Além disso, foi abordado a importância de um sistema educacional que acolha e reconheça as particularidades desses períodos, promovendo a participação ativa dosãs jovens, respeitando suas experiências e potencialidades, e favorecendo a construção de uma sociedade mais inclusiva e solidária.

As ideias de autores como Freire, Dayrell, Araújo, Brandão, e Rauter e Salles são usadas para aprofundar a compreensão da juventude como uma fase de transição e de construção de sujeitos críticos e autônomos, reconhecendo a importância do diálogo, da inclusão e do protagonismo juvenil no processo educativo.

2.5 ESCOLAS COMO MEIO DE CONEXÃO DAS JUVENTUDES

Como um espaço de aprendizagem e socialização, as escolas desempenham um papel crucial na conexão dos/as jovens com contextos sociais mais amplos, especialmente quando se trata de fomentar relações, construir identidades e prepará-los para papéis futuros ajudando-os a formar conexões que vão além da sala de aula, assim a escola é um espaço de formação objetiva.

Esta subseção tem por objetivo discutir o papel da escola como um espaço crucial para a conexão dos/as jovens com contextos sociais mais amplos, destacando a importância da leitura e da linguagem na construção de identidade, desenvolvimento crítico e socialização. A subseção também aborda as questões das reformas educacionais, as condições estruturais e pedagógicas das escolas e a necessidade de uma educação que valorize a diversidade, promova a resistência e prepare os estudantes para atuar na sociedade de forma crítica e transformadora.

De acordo com Borges (2018), as diversas vozes dos estudantes revelam uma polifonia que pode ser considerada como um elemento na construção do currículo, onde os dissensos são percebidos como alternativas viáveis. Com base na noção de

juventudes em trânsito, o autor explora como os/as jovens se conectam com seus processos educativos e as representações que constroem sobre si mesmos.

Segundo o autor, "o conhecimento escolar, entendido como atos de significação, é uma dimensão criadora dos modos de subjetivação e diferença, capaz de permitir a emergência dos trânsitos juvenis presentes na escola de hoje" (Borges, 2018, p. 25).

Borges (2018) refere-se às juventudes como "quimera", Um ser mitológico frequentemente descrito como uma criatura híbrida, composta por características de diferentes animais, como leão, cabra, serpente e, em alguns casos, dragão. A juventude na escola pode ser considerada uma quimera, uma mistura de crianças/adolescentes com credos diversos, descobrindo e vivendo a sexualidade, reafirmando ideias e posições no mundo, desejando algo para além do vivido entre os muros escolares.

De acordo com a autora Raquel Pacheco (2011), uma pesquisa feita com um determinado grupo de estudantes revelou que a escola está longe de ser um espaço democrático, que coloca os estudantes como atores centrais do processo educacional. Pelas vozes dos discentes, "a escola é reconhecida pelos próprios alunos como um lugar que tem tudo para ser acolhedora, interessante, agradável, mas precisa ser um ambiente de respeito mútuo" (Pacheco, 2011, p. 89).

Ao abordar a relação entre o conhecimento escolar e a juventude, considerando as perspectivas dos sujeitos, é pertinente refletir sobre as ideias expressas por Mattos e Alves (2015, p. 11): "os caminhos a trilhar a partir dessa perspectiva e preocupações que são inerentes a confrontações e delimitações partem da própria dialética do campo de pesquisa e da educação".

Como um espaço de aprendizagem e socialização, as escolas desempenham um papel crucial na conexão dos/as jovens com contextos sociais mais amplos, especialmente quando se trata de fomentar relações, construir identidades e prepará-los para papéis futuros.

Segundo Borges (2018), a linguagem pode ser compreendida como um meio para encontrar respostas, enquanto a escola se configura como um espaço de coexistência e resistência de diferentes crenças e saberes do mundo moderno, com docentes persistindo em suas redes e estudantes demonstrando resiliência.

A citação de Borges (2018) destaca a linguagem como uma ferramenta essencial para a busca de respostas e como a escola, ao ser vista como um espaço de coexistência e resistência, abriga diferentes crenças e saberes no contexto do mundo

moderno. Quando conectamos essa ideia à leitura, podemos entender que a linguagem, ao ser usada na leitura e na interpretação de textos, desempenha um papel fundamental na construção de significados e no processo de descoberta de respostas para as questões que os estudantes enfrentam.

A leitura funciona como direcionamento para a construção de narrativas que permitem aos alunos construírem suas próprias identidades. A narrativa é uma parte essencial de todas as sociedades, atravessando diferentes épocas e locais, desde os primórdios da humanidade. Ela se manifesta em tudo o que compartilhamos, seja em uma conversa com amigos, em um filme, em uma receita culinária ou em um diário pessoal.

Os autores ainda comentam que:

> [...] o leitor é, nesse sentido, peça-chave quando o assunto é leitura; é ele que atribui vida e, portanto, sentido ao escrito. [...] Para que a obra alcance sua realidade estética, ou seja, a sua concretização, é preciso que seja lida, transformada para transformar, ganhe vida para dar vida, é preciso interação com o receptor (Volmer et al., 2019, p. 256).

Volmer et al. (2019), diz que por meio da leitura são concretizados os direitos fundamentais dos seres humanos, pois contribui tanto para o desenvolvimento social, moral, intelectual e emocional quanto permite desenvolver o texto como processo de realização, constituindo-o como realidade. Enfatiza-se o papel fundamental do leitor/expectador na construção das significações do texto.

Dessa forma, as narrativas literárias representam um ato comunicativo com o propósito de estimular e direcionar a busca por significados. “Torna-se possível observar a forma como os estudantes imaginam, interpretam e representam o próprio mundo e, consequentemente, aquilo que foi inspirado pelas leituras” (Volmer et al., 2019, p. 272). Esse processo só ocorre porque a leitura tem poder transformador, permitindo aos sujeitos transmitirem sua voz de diferentes formas.

A leitura, como uma das principais ferramentas de aprendizagem, é diretamente afetada por essas condições de ensino. Em escolas com infraestrutura precária, falta de recursos didáticos e com currículos descontextualizados, a prática da leitura muitas vezes não é suficientemente estimulada ou aprofundada. Sem apoio adequado, os alunos podem se sentir desmotivados ou desinteressados, e a leitura, que é um instrumento central no desenvolvimento da capacidade crítica, de compreensão e de expressão, pode se tornar uma tarefa árdua e desinteressante.

Portanto, no contexto das reformas educacionais, é fundamental garantir não apenas o acesso à educação, mas também a qualidade do ensino, com ênfase na promoção da leitura. A leitura é uma prática que não se limita à decodificação de palavras, mas que envolve a construção de sentidos e a capacidade de pensar criticamente sobre o mundo.

Em um ambiente escolar de qualidade, a leitura deve ser vista como um processo ativo, no qual os/as estudantes têm acesso a diferentes tipos de textos e contextos, capazes de enriquecer suas experiências, ampliar seus horizontes e fortalecer sua autonomia intelectual.

Quando as reformas educacionais falham em criar essas condições ideais, os estudantes, especialmente os de contextos mais vulneráveis, podem ser privados do pleno desenvolvimento de suas habilidades de leitura, o que compromete não só o aprendizado escolar, mas também a sua participação ativa na sociedade. Portanto, a leitura não deve ser vista apenas como uma habilidade técnica, mas como uma ferramenta essencial para a formação de cidadãos críticos e capazes de refletir sobre as condições em que vivem, resistindo às limitações impostas por um sistema educacional insuficiente.

A citação de Dayrell (2011) destaca um ponto crucial sobre as reformas educacionais no Brasil e em outros contextos similares. Trata de um paradoxo observado em diversas iniciativas de expansão da educação nas últimas décadas.

Por um lado, essas reformas conseguiram aumentar o acesso à educação, promovendo a matrícula de mais jovens nas escolas, o que é um avanço significativo em termos de inclusão educacional. No entanto, Dayrell (2011) critica o fato de que, embora o número de matrículas tenha aumentado, isso não foi acompanhado de melhorias nas condições estruturais e pedagógicas das escolas, nem de um apoio adequado aos estudantes.

Isso inclui questões como infraestrutura inadequada, falta de recursos, desvalorização dos profissionais da educação, currículos pouco conectados às realidades dos alunos, e políticas públicas que não garantem a permanência dos/as jovens na escola, especialmente os de contextos mais vulneráveis.

Dayrell (2011) aponta que o aumento das matrículas sem essas melhorias em qualidade e em condições de ensino resulta em uma educação que, apesar de ser mais acessível, continua a ser de baixa qualidade para muitos estudantes, impactando diretamente seu processo de aprendizagem e sua permanência no sistema educacional.

Portanto, a crítica do autor é que a expansão do acesso à educação precisa ser acompanhada de reformas profundas que garantam não só o ingresso dos alunos, mas também o desenvolvimento de um ensino de qualidade, que os mantenha na escola e os prepare adequadamente para a vida adulta e profissional.

Segundo Dayrell (2011, p. 107), “as reformas educacionais foram capazes de ampliar as matrículas, mas sem a promoção de condições adequadas que permitissem a permanência e a vivência de uma educação de melhor qualidade”.

Olhar o/a estudante como um ser social é papel da escola. Ele deve ser visto como sujeito do seu próprio desenvolvimento, em um processo em que a construção não acontecerá por experiências isoladas ou fragmentadas, mas sim por um ensino- aprendizagem continuado, que ultrapasse o espaço escolar, auxiliando-o a tornar-se um ser crítico e reflexivo capaz de atuar na sociedade contemporânea. Como afirmava Freire: Para Dayrell (2011, p. 27), “a escola, como espaço não apenas de aquisição intelectual-cognitiva, mas também de formação para a vida adulta e de construção de identidade, deve participar intensivamente dessa corresponsabilidade”.

Ainda existem muitas escolas no Brasil com precariedade de estrutura física e de funcionamento. Escolas sem condições básicas de ventilação, água potável, higiene, professores suficientes, laboratórios, bibliotecas, merenda escolar, entre outros fatores, dificultam o trabalho escolar, desmotivam os/as estudantes e prejudicam suas aprendizagens, causando evasão escolar.

A escola apesar das dificuldades é o local onde os/as jovens podem se preparar para realizar seus projetos de vida. Os movimentos estudantis estão crescendo cada vez mais. Embora em passos lentos, essa mudança é evidente, principalmente em cursos superiores.

De acordo com Sposito (2020), as modalidades de lutas protagonizadas por estudantes nas universidades vêm tornando mais visíveis novos formatos, como os coletivos, que dialogam com as representações tradicionais, mas não se confundem com elas. Esses coletivos emergem, muitas vezes, a partir dos limites percebidos nessas representações. No entanto, nas ações coletivas de estudantes da educação básica, há pouca produção que explore esses novos formatos, além das ocupações.

A qualidade do ensino é indispensável para a formação intelectual e moral. O pensar e as reflexões preparam o indivíduo para viver coletivamente, sendo assim, é muito importante que as questões ligadas à sociedade façam parte da organização

curricular.

Dayrell (2011) ressalta a importância de disseminar reflexões sobre a juventude, fortalecendo o movimento em defesa dos direitos desse grupo e promovendo a ampliação e consolidação de políticas públicas direcionadas aos/às jovens brasileiros. Segundo autor:

> É fundamental promover reflexões sobre a juventude, não apenas para compreender suas múltiplas dimensões, mas também para fortalecer as lutas em defesa de seus direitos e incentivar a criação e a consolidação de políticas públicas que atendam às suas necessidades e potencialidades (Dayrell 2011, p. 29).

No contexto da juventude, as escolas são vistas como locais essenciais para a construção de redes sociais. Elas facilitam o desenvolvimento de amizades, experiências compartilhadas e até resistência coletiva diante das pressões sociais.

Como argumenta Dayrell (2007), o ambiente escolar não é apenas um local para a transmissão de conhecimento, mas também para a expressão da cultura jovem, onde as dinâmicas sociais podem moldar a maneira como os/as jovens se relacionam com seus pares e com os adultos.

Essa visão está alinhada com a filosofia educacional de Freire (2005) que enfatiza a educação como um processo de diálogo e aprendizagem mútua, permitindo que os/as jovens desenvolvam habilidades de pensamento crítico enquanto fazem parte de um coletivo social.

Além disso, como instituições sociais, as escolas estão frequentemente intrinsecamente ligadas às condições sociopolíticas do momento. Em contextos neoliberais, por exemplo, há um foco na preparação dos/as jovens para o mercado de trabalho por meio de sistemas educacionais que enfatizam a competitividade e o empreendedorismo (Dayrell, 2011).

Em todos os casos, a forma como os/as jovens se comportam mudou por meio das redes sociais e por questões que dirigem o futuro de cada um. A negação quanto à importância da escola para a vida dos/as jovens está relacionada aos problemas da puberdade, bem como às dúvidas recorrentes de sua autoafirmação.

Porém, cabe ressaltar que a escola deve ser um espaço acolhedor e que trabalhe no desenvolvimento integral dos/as estudantes. Segundo Dayrell (2007), é essencial que os/as professores/as compreendam as múltiplas realidades vivenciadas pelos/as jovens e adaptem suas práticas pedagógicas de forma a estimular a participação ativa

e crítica, oferecendo oportunidades para que cada estudante possa desenvolver suas potencialidades.

Para tanto, torna-se indispensável considerar a juventude como um momento da vida marcado por transições, experimentações e desafios, influenciados pelas diferentes esferas da vida social. É neste contexto que a escola pode desempenhar um papel central na construção de valores e na formação de cidadãos/as comprometidos/as com a transformação social.

Dayrell (2011) reforça a necessidade de um currículo escolar que dialogue com a diversidade cultural e social dos/as estudantes, reconhecendo suas vozes e contribuindo para o fortalecimento de sua identidade. Tal proposta implica repensar as práticas educativas tradicionais e buscar alternativas que tornem o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e inclusivo.

A leitura, enquanto prática que envolve a decodificação e interpretação de signos linguísticos, é um dos principais meios pelos quais os estudantes se envolvem com a linguagem. No ambiente escolar, a leitura não apenas permite que os estudantes acessem informações e conhecimentos, mas também que desenvolvam a capacidade crítica e reflexiva sobre as diferentes perspectivas que existem no mundo.

Nesse sentido, a leitura é uma prática que se conecta diretamente com a ideia de que a linguagem pode ser um meio para encontrar respostas, já que, ao ler, os estudantes constroem suas próprias respostas sobre o conteúdo, as situações sociais e as questões que os cercam. Além disso, a leitura dentro da escola é também um espaço de resistência, pois oferece a oportunidade de desafiar e questionar as normas estabelecidas, promovendo a diversidade de pensamentos e saberes.

A escola, portanto, tem o potencial de ser um lugar onde os/as jovens podem não apenas adquirir conhecimentos, mas também desenvolver competências essenciais para enfrentar as complexidades do mundo em que vivem. É papel da escola estimular a reflexão crítica, o respeito à diversidade e o compromisso com a justiça social, formando indivíduos capazes de atuar como agentes de transformação em suas comunidades e na sociedade como um todo.

2.6 CURRÍCULO ESCOLAR E SUAS DIVERSIDADES

Todos nós aprendemos de diferentes formas e estilos. Algumas pessoas aprendem melhor por meio de abordagens práticas e experiências, enquanto outras por

métodos de ensino mais tradicionais. É fundamental refletir sobre a relevância e o engajamento do currículo escolar. Um currículo interessante pode incluir atividades que possibilitem aprendizagens conectadas com práticas aplicáveis ao mundo real.

O objetivo dessa seção é destacar a importância de trabalhar currículos escolares que sejam contextualizados, flexíveis e conectados às realidades dos/as jovens. Ela enfatiza a necessidade de um currículo que vá além das dimensões cognitivas, integrando aspectos socioemocionais e culturais, promovendo o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, comunicação e resolução de problemas.

A seção também aponta para a relevância de uma abordagem educativa que valorize as experiências concretas dos estudantes, reconheça suas culturas e realidades, e contribua para uma formação integral e significativa, preparando-os para atuarem como protagonistas de suas trajetórias e cidadãos críticos na sociedade contemporânea.

Trabalhar currículo nas escolas é garantir uma educação significativa e relevante, que esteja alinhada às realidades e necessidades dos estudantes, promovendo o desenvolvimento integral de suas competências cognitivas, socioemocionais e culturais. Um currículo contextualizado e flexível busca conectar o conteúdo escolar ao mundo real, incentivando o pensamento crítico, a criatividade e a resolução de problemas, preparando os/as jovens para serem protagonistas de suas trajetórias.

A escola pode promover uma variedade de estratégias de ensino e aprendizagem para atender às necessidades individuais de cada estudante. Esses estudantes podem contribuir de diversas maneiras, trazendo suas experiências de vida e oferecendo insights importantes sobre questões como diversidade, inclusão, tecnologia e mudança social. A escola se beneficia com essa interação, promovendo-os como parceiros ativos no processo educacional, valorizando suas contribuições e experiências, e preparando-os para os desafios do mundo contemporâneo.

Os/as professores/as, muitas vezes, atuam como expiradores e modelos, inspirando os/as jovens em sua trajetória educacional e no contexto mais amplo da vida. Por isso, não podemos deixar de enfatizar a importância da participação e do empoderamento dos/as jovens, que desejam e precisam ter o direito à voz e à participação ativa em sua educação.

Brandão (2020) enfatiza que a educação não se resume apenas à transmissão de conhecimentos, mas inclui a formação dos indivíduos para se engajarem criticamente

com o mundo ao seu redor. Segundo o autor, a educação deve ser um processo dinâmico, que reflita e se adapte às necessidades evolutivas da sociedade e dos indivíduos a quem serve.

Ainda segundo Brandão (2020), é necessário criar oportunidades para que os/as jovens expressem suas opiniões, contribuindo com ideias e participando das tomadas de decisão sobre sua própria aprendizagem. Desta forma, prepararemos cidadãos/ãs críticos/as, seres humanos pensantes e reflexivos, fortalecendo habilidades e conhecimentos essenciais para o sucesso acadêmico, profissional e pessoal.

A relevância e a aplicabilidade do conteúdo são, sem dúvida, questões-chave para que essa mudança atenda às necessidades dos/as jovens, valorizando a importância do que é aprendido nas unidades escolares para suas vidas cotidianas e futuras carreiras. Os conteúdos precisam ser significativos.

Os/as jovens demonstram interesse em currículos que integrem aprendizado prático, projetos interdisciplinares e conexões com o mundo real. Para que eles/as possam atuar no mundo como protagonistas de suas histórias, é fundamental oferecer oportunidades para o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, comunicação eficaz e resolução de problemas.

Dayrell (2011) aponta que os currículos são frequentemente criticados por sua desconexão com as realidades dos/as jovens, sendo os próprios estudantes os primeiros a perceberem esse distanciamento em relação às suas vidas cotidianas. O autor enfatiza que há um foco predominante nas dimensões cognitivas, em detrimento das sociais e emocionais, o que estreita a perspectiva sobre as culturas juvenis e contribui para uma compreensão limitada dos/as jovens no contexto escolar.

De acordo com Dayrell (2011) ainda comenta sobre a desconexão entre os currículos tradicionais e as experiências vividas pelos/as jovens, enfatizando a necessidade de uma abordagem educacional que integre melhor as dimensões socioemocionais e culturais da vida dos estudantes.

A partir das aprendizagens personalizadas, é possível permitir aos/as estudantes que desenvolvam habilidades de acordo com seus objetivos individuais, oportunizando que os/as professores/as também trabalhem o aspecto socioemocional, integrando resiliência, empatia e facilidade de comunicação.

As formas de avaliação devem ser repensadas e elaboradas com oportunidades para respostas construtivas, valorizando o processo de ensino-aprendizagem em vez de focar somente nos resultados. Devemos pensar em currículos escolares que

valorizem atividades de aprendizagem envolventes, com práticas aplicáveis ao mundo real, a fim de ajudá-los a alcançar seus objetivos.

Para que o/a jovem possa ser e estar no mundo como verdadeiro/a protagonista de sua história, ele/ela precisa de oportunidades para desenvolver habilidades como pensamento crítico, comunicação e resolução de problemas. Segundo Freire,(2011) um currículo verdadeiramente libertador incentiva o pensamento crítico, fomenta a criatividade e respeita os estudantes como co-criadores do conhecimento.

O currículo, então, pode ser flexível, participativo e contextualizado, refletindo as experiências e os desafios dos estudantes em suas realidades sociais e culturais.

> O currículo muitas vezes ignora as realidades cotidianas dos estudantes, refletindo uma visão técnica e normativa, sem dar espaço à experiência concreta dos alunos. Ao ser descontextualizado, o currículo muitas vezes se distancia das culturas juvenis, criando uma lacuna entre o que é ensinado nas escolas e as vivências reais dos estudantes, o que compromete a sua relevância e efetividade (Dayrell, 2014, p. 82).

Dayrell (2014) reflete a crítica ao distanciamento entre o currículo tradicional e as realidades sociais e culturais dos/as jovens, apontando a necessidade de um currículo flexível e contextualizado que se conecte com as experiências dos estudantes, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade social.

Para uma educação de qualidade, é necessário que se invista na qualificação de professores/as, gestores/as, estudantes e todos os envolvidos no processo educacional, possibilitando o desenvolvimento de suas habilidades e permitindo que concluam a educação básica com uma formação adequada à sociedade contemporânea e competitiva.

> Não podíamos compreender, numa sociedade dinamicamente em fase de transição, uma educação que levasse o homem a posições quietistas ao invés daquela que o levasse à procura da verdade em comum, "ouvindo, perguntando, investigando". Só podíamos compreender uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, que deve ser usada tanto quanto possível criticamente, ou com acento cada vez maior de racionalidade (Freire, 2001, p. 98).

Também é importante realizar avaliações diagnósticas para dar voz aos estudantes. O instrumento de avaliação, nesse contexto, terá como propósito identificar o nível de desenvolvimento das habilidades e competências de aprendizagem, bem como observar os principais déficits apresentados. A partir dos resultados, a escola pode promover ações para corrigir a aprendizagem e favorecer o rendimento escolar, pois o conhecimento não é pronto; ele é construído, dialogado, pela experiência de si próprio

e dos outros.

Existem inúmeras questões importantes que devem ser observadas quanto ao bem-estar dos estudantes. Um fator muito importante a ser destacado é o peso excessivo das mochilas dos/as estudantes com material didático, prejudicando a saúde deles/as. Muitos estudantes têm fortes dores na coluna e precisam ser submetidos a tratamentos, muitas vezes como fisioterapia.

Os armários para os/as estudantes das escolas nem sempre estão disponíveis. O uso de armários nas unidades escolares deve ser uma medida adotada para a prevenção da saúde física e do bem-estar deles/as. Reduzir o peso das mochilas pode ajudar a prevenir lesões nas costas e promover uma postura saudável. No entanto, a disponibilização de armários individuais deve ser cuidadosamente planejada para garantir que o atendimento às necessidades seja acessível a todos, levando em consideração questões de espaço, segurança e praticidade.

Parafraseando Dayrell (2005), ele anuncia a necessidade de a educação refletir as condições reais dos estudantes, o que poderia incluir as demandas físicas da vida escolar, como o peso das mochilas. Ele explica como as condições sociais diversas se cruzam com as expectativas do sistema educacional.

Por meio desse novo olhar sobre a educação para todos, foram criados projetos e possibilidades de que o sistema fosse modificado pelo povo, sendo possível a transformação em agente de sua própria história e que todos tivessem acesso à educação brasileira. São pequenas modificações que fazem a diferença na vida dos/as nossos/as jovens estudantes.

Parafraseando Santos e Sales (2021), as autoras reforçam a importância de preservar o currículo escolar, reconhecendo-o como fundamental para a formação integral dos/as estudantes, desenvolvendo habilidades de análise, argumentação e participação cidadã em uma sociedade complexa e em constante transformação.

Segundo Brandão (2002, p. 55): **“**O currículo é um campo de disputas ideológicas, onde se confrontam diferentes projetos de sociedade". Brandão, ao destacar que o currículo é um campo de disputas, aponta que a escolha do que será ensinado nas escolas não é neutra, mas carregada de valores, ideologias e concepções de sociedade. Cada grupo social, político ou econômico tende a influenciar, de alguma forma, os conteúdos e a organização do currículo, com o objetivo de moldar as futuras gerações segundo suas próprias visões de mundo, interesses e perspectivas.

Essas disputas ideológicas podem envolver, por exemplo, quais saberes devem

ser priorizados, quais valores morais devem ser ensinados, ou como a história deve ser narrada, com foco em diferentes grupos, classes sociais ou perspectivas culturais. O currículo reflete e reproduz as relações de poder presentes na sociedade. Quem define o que entra e o que sai do currículo tem um poder significativo sobre a formação dos cidadãos e, consequentemente, sobre o futuro da sociedade.

Abordar currículo escolar possibilitou refletir a importância de um currículo que considere as diversas formas de aprendizagem dos estudantes, as suas realidades sociais e culturais, e promova a participação ativa dos/as jovens no processo educativo.

Esta subseção destacou a necessidade de currículos que integrem as dimensões sociais, emocionais e culturais, além de proporcionar práticas aplicáveis ao mundo real, com foco no desenvolvimento de habilidades essenciais como pensamento crítico, comunicação e resolução de problemas. A reflexão também sugere a valorização das experiências dos estudantes, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e relevante para suas vidas cotidianas.

O objetivo de trabalhar essas 06 subseções foi contribuir na reflexão sobre os/as jovens estudantes, a complexidade e as múltiplas dimensões da educação, especialmente no contexto juvenil escolar e suas realidades. Cada subseção trata de um aspecto específico da experiência juvenil e do papel da escola na formação de cidadãos críticos e participativos, capazes de atuar de forma transformadora na sociedade.

Em conjunto, essas subseções têm como objetivo promover uma reflexão crítica sobre como a educação pode e deve se adaptar às necessidades das juventudes, considerando as diversas formas de aprendizagem, as questões de inclusão e as mudanças sociais. Além disso, buscam valorizar a experiência dos/as jovens,, incentivando a participação ativa deles no processo educacional e social.

A partir das 06 seções trabalhadas : “A voz que não quer calar”, “Juventude, tecnologias e protagonismo: construindo uma educação inclusiva e transformadora”, “A padronização da sociedade de forma descriminatória”, “Períodos transitórios juvenis e suas confluências”, “Escolas como meio de conexão das juventudes” e “Currículo escolar e suas diversidades” foi possível criar uma núvel de palavras com as palavras principais de cada texto e as palavras chave da pesquisa.

Figura 1 - Nuvem de palavras

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que, conforme Minayo (1995, p. 220-221), "responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes". Nesse sentido, a pesquisa qualitativa explora informações subjetivas sobre os agentes pesquisados, sendo não numérica na coleta de dados.

A escolha da metodologia para o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa não é uma tarefa simples e envolve diversas incertezas quanto ao caminho a ser seguido. Optamos por realizar uma revisão de literatura, o que nos levou à busca em bancos de dados, e escolhemos a plataforma CAPES, por seu fácil acesso e compreensão. Ao selecionar os artigos, priorizamos aqueles que abordam o protagonismo dos/as jovens em diferentes contextos de suas vivências, como na escola, na comunidade e no trabalho.

Azevedo (2016) afirma que a revisão de literatura tem como objetivo fornecer uma visão geral das fontes sobre um tema específico, possuindo características de investigação científica, o que implica ser sistemática e abrangente.

Seu propósito é reunir e organizar estudos anteriores, e os métodos utilizados para sua construção devem ser claros, com a indicação detalhada dos passos para recuperar, selecionar e avaliar os estudos relevantes já publicados sobre o tema em questão.

A revisão de literatura qualitativa, conforme Bardin (2016), caracteriza-se pela análise profunda de textos, com foco nos significados, ideias e contextos, ao invés de quantificar dados. Ela busca interpretar os conteúdos das fontes selecionadas, identificando padrões, temas e lacunas. Para Minayo (2008), é essencial controlar a subjetividade na pesquisa qualitativa.

Embora seja interpretativa, deve utilizar critérios claros de seleção e análise. Severino (2007) também aborda a sistematização teórica, que envolve a organização das informações para construir ou refinar teorias.

A definição da questão de estudo, o objeto/sujeito da pesquisa, os objetivos do trabalho, a forma de coleta e análise de dados, e os resultados obtidos são etapas fundamentais que sintetizam a metodologia de qualquer pesquisa. Os documentos

utilizados neste estudo são fontes valiosas, que forneceram subsídios importantes, gerando evidências e informações. A revisão das fontes foi realizada com atenção, visando alcançar os objetivos propostos.

Para a organização e análise do material, utilizamos técnicas de fichamento dos artigos, o que possibilitou o desenvolvimento e a estruturação do conteúdo selecionado.

A análise de dados foi realizada por meio de categorias de estudo, com o objetivo de auxiliar no processo de investigação crítica, iniciando caminhos exploratórios baseados nos princípios freirianos.

Consoante a freire (1987), a pesquisa foi conduzida com uma abordagem dialógica e conscientizadora, permitindo a compreensão dos assuntos abordados para a tomada de decisões por parte daqueles que os permeiam.

A adoção de categorias de estudo tem como propósito despertar a reflexão e possibilitar a tomada de consciência, facilitando a criação e recriação de novas formas de caminhar.

Como cita Freire (2011), "o ser precisa saber-se no mundo, além de estar nele". A reflexão sobre si no mundo reflete na ação sobre ele. Sob a perspectiva dos princípios freirianos, que denunciam um mundo opressor, a existência de homens e mulheres deve ser pensada de forma concreta, assumindo a criticidade libertadora e anti-hegemônica por meio da educação.

A intenção deste estudo é colaborar com a visibilidade do tema jovens e juventude" no âmbito familiar e escolar. Durante a pesquisa, encontramos a tese de guerreiro, intitulada a vez e a voz de jovens sobre a educação escolar: uma pesquisa bibliográfica (Freire, 2018), que nos inspirou a refletir e contribuiu para o enriquecimento do tema abordado.

A compreensão dos/as jovens e das juventudes exige rigor nas pesquisas. Por isso, a realização deste estudo seguiu os seguintes passos:

- Escolha da plataforma de indexação: plataforma de periódicos da capes.
- Definição dos descritores: "juventude" + "voz" + "escola".
- Pesquisa na plataforma com os seguintes critérios: artigos somente em português, sem recorte temporal.
- Leitura de títulos e resumos para escolher os artigos, priorizando os textos que indicavam o protagonismo dos/as jovens e suas narrativas, levando em consideração os descritores.

- Seleção dos artigos a serem contemplados na presente pesquisa, com o número total de artigos escolhidos.
- Leitura na íntegra de 25 artigos, com os respectivos fichamentos.

Ao realizar uma revisão de literatura, os pesquisadores podem utilizar técnicas de análise de conteúdo para organizar e interpretar os textos estudados, revelando padrões, lacunas e insights teóricos que fundamentam a pesquisa. Segundo os autores, a revisão de literatura é um processo sistemático que envolve passos específicos a serem seguidos.

Parafraseando Severino (2007), é necessário identificar, selecionar e analisar os estudos relevantes sobre um determinado tema na revisão de literatura. A identificação dos estudos deve ser realizada por meio da busca em fontes confiáveis (artigos, livros, teses), permitindo situar o pesquisador no estado atual do conhecimento. A revisão deve resultar em uma síntese organizada, estruturando as informações de forma lógica, abordando o que já foi estudado, as lacunas existentes e as novas perspectivas.

Gil (2008) afirma que é fundamental mapear as lacunas no conhecimento existente e realizar uma análise crítica a partir da avaliação das contribuições, metodologias e resultados dos estudos, destacando convergências e divergências.

Lakatos e Marconi (2003) ressaltam a importância de organizar e sintetizar informações para fundamentar a pesquisa. Segundo os autores, é necessária uma seleção criteriosa, começando pela escolha de materiais com base em critérios como relevância, qualidade e atualidade da fundamentação teórica. Esses elementos servem como base para justificar o problema de pesquisa e orientar a escolha dos métodos e hipóteses.

Embora Bardin (2016) não trate diretamente da revisão de literatura, ela aborda a análise de conteúdo como uma ferramenta para sistematizar e interpretar informações em textos, a qual pode ser aplicada em revisões bibliográficas. Segundo a autora, "A análise de conteúdo não se contenta em inventariar os elementos presentes, mas pretende revelar os significados subjacentes, interpretando o conteúdo de forma sistemática e objetiva" (Bardin, 2016, p. 42).

Embora Bardin (2016) não defina diretamente a revisão de literatura, seu foco principal esteja na análise de conteúdo como metodologia, a autora argumenta que a revisão de literatura pode ser contextualizada como uma etapa preparatória para a

aplicação de métodos analíticos, permitindo identificar categorias e temas para análise posterior. Seguir os passos estabelecidos é essencial para garantir rigor e relevância à pesquisa.

3.1 COLETA DE DADOS

A investigação teve início no dia 1º de junho de 2024, por meio do Portal de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com a análise de 27 estudos. Destes, dois artigos eram propagandas de sites de pesquisa, um era uma dissertação, um era uma tese, um estava em espanhol e três eram duplicados, resultando em 19 artigos analisados. Em 11 de junho, foi realizada uma nova pesquisa na mesma plataforma, utilizando os mesmos descritores. Dessa vez, foram encontrados 21 artigos, dos quais 15 já haviam sido identificados na pesquisa anterior, e 6 artigos novos foram incluídos. Ao todo, foram selecionados 25 artigos para a presente pesquisa.

Os artigos encontrados foram numerados conforme o ano de publicação e, em seguida, identificados e apresentados de acordo com as normas de referência bibliográfica.

Com relação aos descritores “Juventude” + “Voz” + “Escola”, encontramos diversos artigos relevantes para o tema em questão, resultando na seleção final de 25 artigos, os quais foram escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 - Levantamento de artigos da base Periódicos CAPES, conforme os descritores:

Descritores (01/06/2024)	**Artigos encontrados**	**Artigos selecionados**
“Juventude and Voz and Escola”	27	19
Descritores (11/06/2024)	---------	---------
“Juventude and Voz and Escola”	15	06
Total	**42**	**25**

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Ao utilizar os descritores percebemos a importância destes na construção, na formação e transformação social, de pensamento crítico, de inclusão, igualdade, diversidade, formadores de diferentes saberes, de conhecimento, a voz e a vez dos/as jovens estudantes dentro e fora dos espaços escolares, buscamos assumir uma postura consciente e crítica, para superar a visão preconceituosa e tradicional que nos permeia,

de que nossos/as jovens estudantes nada soubessem ou nada buscassem.

Após a leitura dos resumos dos artigos escolhidos, que julgamos serem relevantes para o nosso estudo, articulamos o conteúdo dos textos em diálogo com autores e autoras que investigam sobre a temática. Os artigos indicam a presença do protagonismo dos/as jovens, e estudantes bem como as suas narrativas. Observou-se também uma recorrência de determinadas palavras-chave, que se mostraram essenciais para a compreensão e o desenvolvimento dos artigos.

3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Para a inclusão dos artigos neste estudo, foram adotados os seguintes critérios:

- Os trabalhos científicos deveriam ser produzidos na língua portuguesa, abordando temas relacionados aos/as jovens, juventudes, a voz da juventude, a educação escolar dentro e fora das unidades escolares e suas experiências, seguindo os descritores "juventude + voz + escola";
- A fonte deveria ser confiável, ou seja, estar relacionada a sites oficiais de pesquisa;
- Os artigos não deveriam ter recorte temporal específico, ou seja, sem restrição de ano de publicação.

Já os critérios de exclusão foram os seguintes:

- Fontes não confiáveis, isto é, aquelas que não estavam relacionadas a sites oficiais de pesquisa;
- Artigos publicados em idiomas que não fossem o português;
- Artigos que se limitassem a propagandas e anúncios, sem conteúdo científico relevante.

3.3 ANÁLISE DO MATERIAL COMPILADO.

Durante a análise dos estudos selecionados, foram observadas várias semelhanças, como a presença recorrente de autores/as e pesquisas que contribuíram significativamente para o aprofundamento do tema em análise. Diversos autores/as foram pesquisados para amparar nossa trajetória desafiadora de construir uma pesquisa bibliográfica, e encontramos muitos que tratavam do tema proposto.

A intenção deste trabalho foi contribuir para dar maior visibilidade ao tema da

juventude no contexto escolar, revisitando artigos já publicados e buscando colaborar para o avanço do conhecimento sobre oas/as jovens brasileiros, especialmente no que diz respeito à compreensão da relação entre "juventude, voz e educação".

Após o levantamento preliminar do tema, os artigos foram agrupados de acordo com as categorias de estudo, seguindo os seguintes passos:

- Escolha do tema, da plataforma de indexadores e dos descritores, seguida de uma pré-análise e leitura do material selecionado.
- Releitura do material e definição dos artigos que atendiam aos requisitos da pesquisa, conforme os critérios de inclusão e exclusão.
- Destaques no material selecionado, com o uso de marca-textos, resumos, clips e anotações.
- Interpretação dos textos, com o objetivo de destacar as informações mais relevantes para os objetivos desta pesquisa, realizando os fichamentos correspondentes.
- Separação de citações curtas e longas, que foram selecionadas para servir de referencial e análise, além da criação de rascunhos com diversos temas.
- Elaboração de quadros contendo título, resumo, autor/a, palavras-chave, periódicos e links citados, organizados de forma cronológica.

Com base nos eixos temáticos mais recorrentes, construímos três categorias nas quais os artigos foram distribuídos, de acordo com o protagonismo presente em cada um deles.

3.4 ASPECTOS ÉTICOS

Por se tratar de uma revisão de literatura, que não envolve seres humanos, verificamos, conforme a Resolução 196/96 sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras das Pesquisas com Seres Humanos, que não seria necessária a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa para a realização deste estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados 25 artigos, para compor a amostra desta Pesquisa Bibliográfica, sendo enumerados por ano de publicação, título, autor, palavra-chave e periódicos no quadro 2 abaixo.

Quadro 2 – Apresentação dos artigos que foram selecionados para a pesquisa

ontinua)

Ano	Título	Autor	Palavras - chave	Periódico
2011	Nós também temos voz: dinâmicas e movimentos em análise	Pacheco, Raquel	Mídia, Educação, Jovens, Pesquisa etnográfica	Olhar de Professor
2012	Concepções sobre as fases da vida na comunidade escolar pelas vozes da infância e adolescência contemporânea	Mariana Rauter Leila Maria Ferreira Salles	Adolescência, Infância. Vida adulta e contemporaneidade.	Contexto & Educação
2014	A filosofia dos jovens sobre o ser jovem: uma pesquisa sociopoética	Cristiane T. Carneiro Francimeiry Carvalho Khatia R. P. Santos Maria A. R. Bezerra Shara J. H. C. Adad	Jovens, Colégio Técnico, Sociopoética	Revista Holos
2015	As potencialidades do photovoice enquanto metodologia participativa na formação de educadores sociais	Lia Araújo Maria Pacheco Figueiredo Maria João Amante Esperança Ribeiro Jales	Photovoice, intervenção socioeducativa, infancia, juventude, pessoas idosas, educação social	Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viseu
2016	Influências do ensino médio nas perspectivas de futuro de seus estudantes	Wender Faleiro Roberto Valdes Puentes Milena Cristina Aragão	Ensino médio; Escola; Projetos de vida; Juventudes	Revista Educação – UFSM

Fonte: Capes Periódicos **-** Própria autora- 2024.

(Continua)

Ano	Título	Autor	Palavras - chave	Periódico
2016	A sociologia da infância como suporte para os professores: a criança e a essência do brincar	Nathalia Franco Alves Monique Bahr Pimentel Márcia Regina Canhoto de Lima José Milton de Lima	Professoras, Infância, Escola.	Colloquium Humanarum – Unoeste
2017	As lições dos alunos: o futuro da educação antecipado por vozes de crianças e jovens	José Pedro Amorim Joaquim Azevedo	Vozes dos alunos, participação de estudantes, melhoria da escola, infância, juventude.	Revistas Científicas da Universidade Católica Portuguesa
2017	Como ocupar uma escola? Pesquiso na internet: política participativa nas ocupações de escolas públicas no brasil	Richard Romancini Fernanda Castilho	Juventude. Mobilização. Engajamento. Midiativismo. Política Participativa.	Intercom
2018	O silêncio como discurso: o projeto de lei “escola sem partido” e a invisibilidade da juventude lgbt na lógica da mordaça	Maria Eduarda Parizan Checa Andrea Cristina Coelho Scisleski	Juventude LGBT, Escola sem Partido, Discurso.	Revista Nanduty
2018	“A gente sempre tem uma convicção muito maior do que vai fazer aos 20 do que com 15 anos:” a juventude como “imaturidade”	Alessandra Amaral da Silveira Caroline Braga Michel	Corpo, Juventude, Body modification	Revista Unioeste
2018	Juventudes em trânsito: notas etnográficas sobre a relação dos estudantes do ensino médio com o conhecimento escolar	Luiz Paulo Cruz Borges	Conhecimento escolar; Escola contemporânea; Etnografia; Juventude	Revista e-Mosaicos
2018	Sentidos de jovens vivendo com hiv frente aos estigmas, preconceitos e vulnerabilidades em ambiente educacional	Degmar Francisco dos Anjos José Henrique Monteiro da Fonseca Jessika Karoliny Ostelony Silva	Escola; HIV/Aids; Preconceito; Ambiente educacional	Revista Prática Docente
2018	A juventude estudantil moderna na confluência da contemporaneidade	Dorgival Gonçalves Fernandes	Juventude, Estudante, Disciplina, Michel Foucault.	Revista Eletrônica de Educação

Fonte: Capes Periódicos **-** Própria autora- 2024.

(Continua)

Ano	Título	Autor	Palavras - chave	Periódico
2019	Estudantes de camadas populares e a afiliação à universidade pública	Wânia Maria Guimarães Lacerda	Acesso à educação superior, Sociologia da Educação, Desigualdades socioeducacionais.	Revista Eletrônica de Educação
2019	A voz da juventude nos interstícios narrativos	Volmer Louvani Ana Cândida Santos de Carvalho Luciano Dirceu dos Santos Leonardo Guilherme Van Leeuven	Análise do discurso, Leitura na escola, Narrativas literárias, Curta-metragem.	Gláuks - Revista de Letras e Artes,
2019	Análise do discurso nas pesquisas em educação: perspectivas foucaultianas	Maria Cecilia Luiz Flávio Caetano da Silva Clarissa Galvão Bengtson	Pesquisa em educação; Análise do discurso; Perspectivas foucaultianas	Revista Eletrônica de Educação
2020	Escola, juventude e perspectivas de futuro: alguns apontamentos	Luciano Plez de Melo Leila Maria Ferreira Salles	Escola, Jovens, Perspectivas de futuro.	Cadernos Cedes
2020	Educação libertadora e juventude: uma intervenção psicossocial com alunos do ensino médio	Rodolfo Victor Cancio Evangelista Mariele Ribeiro Dias Fernanda Mendes Resende	Intervenção Psicossocial; Educação Libertadora; Educação Bancária; Adolescentes.	Revista Pretextos
2021	Ensino médio integral em tempo integral: competência socioemocional para uma educação integral?	Daniel De Souza França Jane Mery Richter Voigt	Política curricular; Ensino integral; Ensino Médio; Currículo; Competência socioemocional	Revista Reflexão e Ação
2021	Os sentidos do ensino de filosofia para juventudes: narrativas de jovens do ensino médio	Priscila Gomes dos Santos Christianne Thereza de Almeida Sales	Juventudes, Sentidos do Ensino de Filosofia, Projeto de Vida.	Revista Brasileira de Desenvolvimento
2022	Ensinar longe da escola: ensaio sobre as representações em E. Durkheim e R. Chartier	Roni Cleber Dias de Menezes Vivian Batista da Silva	Imagem da sala de aula, Representações coletivas, Émile Durkheim, Roger Chartier.	Clássicos da Educação - Estudos Avançados
2022	Web rádio palafita: quais vozes falam pelo dique da Vila Gilda em Santos – SP?	Maria Conceição Golobovante	Oralidade midiática, Rádio comunitária, Educação.	Revista Boitatá

Fonte: Capes Periódicos **-** Própria autora- 2024.

(Conclusão)

Ano	Título	Autor	Palavras - chave	Periódico
2022	Paulo Freire e educação popular: práxis descolonizadoras em tempos neoconservadores	Fabiana Rodrigues de Sousa Valéria Oliveira de Vasconcelos	Paulo Freire; Educação Popular; Educação Superior; Descolonização.	Revista Reflexão e Ação
2022	Educação popular e experiências estéticas - a pedagogia do cinema vai ao sistema socioeducativo fluminense	Beatriz Batistela Rodrigues	Educação estética; Socioeducação; Pedagogia do Cinema; Educação popular; Escrevivências.	Revista Communitas
2022	O ensino de educação brasileira: recortes de leis que deram voz à formação escolar de jovens no Brasil	Maria Deuselena Dias de Souza Gisafran Nazareno Mota Jucá	Leis, Mudanças, Ensino.	Revista Brasileira de Desenvolvimento

Fonte: Capes Periódicos **-** Própria autora- 2024.

Analisando o Quadro 2, podemos observar que os artigos foram escritos no período entre 2011 a 2022, e apresentam relatos de acordo com os descritores, trazendo aspectos sobre a juventude, a educação escolar e como a voz dos/as jovens, devem ser ouvidas pela escola e sociedade.

4.1 DADOS REFERENTES À IDENTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS

A análise dos artigos que compõem a amostra desta pesquisa foi realizada a partir da identificação e sistematização dos dados presentes nos 25 artigos selecionados, todos centrados em temáticas que colocam jovens e juventudes como protagonistas. Os textos foram organizados em torno de três eixos principais: jovens e juventudes, educação escolar e a voz das juventudes.

4.2 ARTIGOS CONFORME OS PERIÓDICOS

Os artigos selecionados foram publicados em 22 periódicos distintos, todos escritos em língua portuguesa.

Quadro 3 – Distribuição do número de artigos, por periódico

Periódicos	Artigos localizados
Revista olhar de professor	01
Revista contexto & educação	01
Revista holos	01
Repositório científico do instituto politécnico de viseu	01
Revista do centro de educação – ufsm	01
Coolloquium humanarum – unoeste	01
Revistas científicas da universidade católica portuguesa	01
Intercom – revista brasileira de ciências da comunicação	01
Revista nanduty	01
Revista unioeste	01
E-mosaicos - revista multidisciplinar de ensino, extensão e cultura do instituto de aplicação fernando rodrigues da Silveira	01
Revista prática docente	01
Revista eletrônica de educação	03
Gláuks – revista de letras e artes	01
Cadernos cedes	01
Pretextos – revista de graduação em psicologia da puc - minas gerais	01
Reflexão e ação – revista do programa de pós-graduação em educação	01
Brazilian journals publicações de periódicos	01
Clássicos da educação – estudos avançados	01
Revista boitatá	01
Reflexão e ação revista do programa de pós-graduação em educação – mestrado e doutorado – unisc	01
Revista communitas	01
Brazilian journal of developmen	01
Total	25

Fonte: Capes Periódicos **-** Própria autora- 2024.

A tabela 01 demonstra que os artigos que compõem a mostra foram publicados em diversos periódicos, com discreta predominância na Revista Eletrônica de Educação e os demais em diversos periódicos de circulação nacional e internacional, disponível na Plataforma Capes e acessível a todos, trazendo o assunto sobre os "Jovens e juventudes"; "Educação escolar" e a "Voz das Juventudes".

4.3 ARTIGOS DISTRIBUÍDOS POR ANO DE PUBLICAÇÃO

Ao fazer a pesquisa sobre os periódicos, procuramos selecionar a partir do ano 2000, por serem mais atualizados e os que atenderam os descritores, tiveram seu início em 2011.

Quadro 4 - Artigos publicados entre os anos de 2011 a 2022

Ano de publicação	Quantidade de artigos
2011	01
2012	01
2014	01
2015	01
2016	02
2017	02
2018	05
2019	03
2020	02
2021	02
2022	05
Total	25

Fonte: Capes Periódicos **-** Própria autora, 2024.

4.4 ARTIGOS DE ACORDO COM A QUANTIDADE DE AUTORES

Os autores pesquisados, na maioria, trabalham em conjunto na produção dos artigos.

Quadro 5 - Distribuição dos artigos, segundo o número de autores por obra

Número de autores	Total
01 autor	6
02 autores	11
03 autores ou mais	4
04 autores ou mais	4
Total	25

Fonte: Capes Periódicos **-** Própria autora, 2024.

4.5 ANÁLISE DOS ARTIGOS QUE COMPÕEM A AMOSTRA DA PESQUISA

A análise dos artigos que compõem a amostra desta pesquisa foi estruturada em torno de três categorias temáticas principais: “jovens e juventudes”, “educação escolar” e “a voz das juventudes”. Esses eixos foram definidos com base nos temas centrais identificados nos textos analisados, de forma a organizar e aprofundar a compreensão sobre o papel dos/as jovens na educação escolar.

A categoria “jovens e juventudes” busca explorar as diferentes identidades, culturas e experiências dos/as jovens, confirmando sua pluralidade e relevância no contexto educacional e social. Por sua vez, “educação escolar” concentra-se na relação entre os/as jovens e o ambiente escolar, abordando práticas pedagógicas, currículos e as interações que ocorrem dentro desse espaço. Por fim, “a voz das juventudes” destacou a importância de ouvir as percepções, demandas e contribuições dos estudantes, acompanhando-os como protagonistas capazes de influenciar mudanças no sistema educacional.

Essas categorias possibilitam uma análise ampla e integrada, permitindo identificar conexões entre a experiência juvenil e os desafios do sistema escolar. Ao articular os três eixos, a pesquisa evidencia a relevância de considerar as perspectivas dos/as jovens para construir uma educação mais inclusiva, participativa e transformadora.

4.6 JOVENS E JUVENTUDES

No Brasil, as juventudes, como categoria social, ganharam maior destaque a partir da década de 1990. Parafraseando Dayrell (2007), as juventudes no contexto educacional enfatizam a diversidade e a complexidade das experiências juvenis, particularmente no ambiente escolar. O autor argumenta que os/as jovens chegam à escola carregando valores e práticas sociais próprias, que muitas vezes não atendem às normas institucionais. Esses jovens estudantes ressignificaram os espaços escolares, transformando-os em identidade em lugares de interação e construção de construção, mesmo em confronto com regras formais.

Segundo Dayrell (2007, p. 95), “a escola é ressignificada através das conversas, trocas afetivas e simbólicas. Os/as estudantes chegam trazendo consigo um referencial

de sociabilidade que não corresponde às referências institucionais". Essa perspectiva destaca como a interação dos/as jovens na escola revela suas necessidades de expressão, sociabilidade e busca por pertencimento, apontando desafios para políticas educacionais que consideram essas dimensões sociais e simbólicas.

Quadro 6 - Categoria de estudo 01 e seus artigos

Categoria	Artigos
Jovens e juventudes	Nós também temos voz: dinâmicas e movimentos em análise
	Concepções obre as fases da vida na comunidade escolar pelas vozes da infância e adolescência contemporânea
	As potencialidades do photovoice enquanto metodologia participativa na formação de educadores sociais
	A gente sempre tem uma convicção muito maior do que vai fazer aos 20 do que com 15 anos: a juventude como "imaturidade"
	Juventudes em trânsito: notas etnográficas sobre a relação dos estudantes do ensino médio com o conhecimento escolar
	A juventude estudantil moderna na confluência da contemporaneidade
	Estudantes de camadas populares e a afiliação à universidade pública
	A voz da juventude nos interstícios narrativos

Fonte: Capes Periódicos **-** Própria autora, 2024.

Na primeira categoria, "Jovens e juventudes", referimo-nos a um grupo heterogêneo, composto por diferentes raças, etnias e questões relacionadas a gênero, sexualidade, classe social, entre outros aspectos.

Os artigos categorizados no quadro 06 tratam de diversos assuntos relacionados aos/às jovens: como são e como querem ser vistos/as pela sociedade; jovens protagonistas de suas histórias; documentários; concepções sobre as fases da vida; análise em *photovoice* como metodologia, permitindo que aumentem a consciência das potencialidades e fragilidades sobre si e os outros. Alguns artigos focam na falta de maturidade percebida pelos/as jovens ao tratarem de determinadas decisões. Outros abordam o acesso de estudantes pobres às universidades, a análise de contos, a produção de curta-metragem, além de discussões sobre os conceitos de juventude a partir das condições dos/as estudantes.

Abordar os termos jovem(s) e juventude(s) na contemporaneidade possibilitou-nos importantes avanços para entender a importância de sua contribuição na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O/A jovem é sujeito de direitos, e a escola precisa fortalecer essa premissa.

Os/as autores/as Pacheco (2011), Rauter e Salles (2012), Araújo et al. (2015),

Silveira e Michel (2018), Borges (2018), Fernandes (2018), Lacerda (2019), Louvani et al. (2019), entre outros/as, enfatizam como a juventude apresenta-se de forma diversa em toda a sociedade, seja quanto a gênero, etnia, classe social, moradia, grupos sociais ou outros aspectos.

As pesquisas relatadas nos artigos foram realizadas em diversas unidades escolares, abrangendo escolas de educação básica e universidades, bem como em espaços fora do ambiente escolar, com grupos de jovens e em locais de medidas socioeducativas.

O público-alvo dos artigos foi bastante diversificado, abordando jovens em diferentes fases da vida. Os/as autores/as mencionados/as abaixo tiveram em seus artigos o "ser jovem" e "a juventude" como protagonistas.

Pacheco (2011) reforça o cinema como meio para diversas reflexões, abordando distintas temáticas e permitindo que os/as jovens expressem seus modos de vida e o que esperam para o futuro, reiterados por meio de sua fala. Segundo o autor: "O ponto de virada é marcado pelos episódios quando os/as jovens começam a sentir o projeto" (Pacheco, 2011, p. 96).

Baseando-se na pedagogia dialética de Freire, e permitindo que os/as jovens desenvolvessem seus conhecimentos nas mais variadas tecnologias, possibilitando que fossem os próprios protagonistas de seus trabalhos, Pacheco (2011, p. 97) destaca: "Nós nos baseamos no paradigma de que o conhecimento se gera ou se recria no diálogo ou na comunicação entre sujeitos, desaparecendo a relação tradicional educador/aluno". Ao apresentarem o projeto, concluíram que:

A expectativa era compartilhada por todos: havia grande ansiedade para assistir ao filme e, também, para observar as reações dos demais estudantes da escola que estariam presentes na exibição. Cartazes e convites foram distribuídos por toda a escola, convidando todos a participar desse evento tão significativo, onde os alunos (pelo menos alguns deles) da PM, no sentido mais amplo da palavra, "iriam ter voz" (Pacheco, 2011, p. 103).

As autoras Rauter e Salles (2012) investigaram as concepções sobre as etapas da vida, encontrando o mesmo diagnóstico entre todas. Segundo as autoras, as diferentes etapas da vida são compreendidas socialmente, revelando padrões culturais que atribuem papéis específicos a cada fase. Em suas investigações, identificaram que a infância é vista como um período destinado à brincadeira e à formação inicial, enquanto a adolescência e a juventude são consideradas etapas marcadas pela

escolarização e pelas primeiras experiências afetivas, como o namoro. Já a vida adulta é associada à responsabilidade e ao trabalho, com o papel central de prover sustento e estabilidade.

Essa classificação reflete uma visão tradicional das fases da vida, moldada por normas culturais que reforçam expectativas sociais para cada etapa. No entanto, a pesquisa também sugere que tais concepções podem limitar as possibilidades de desenvolvimento pessoal, ao não considerar a diversidade de trajetórias individuais e contextos socioculturais.

As autoras concluíram, através dos/as entrevistados/as, que a maioria deles/as parece não querer ser adultos/as, mas se preocupa com a profissão que vão seguir: "É chato ser adulto porque tem que ter responsabilidade" (C1, 10 anos de idade). "Adulto tem que trabalhar" (C2, 10 anos de idade). "Quero ser professora de Matemática" (A2, 18 anos de idade). "Ter um bom emprego, ser caminhoneiro" (A3, 17 anos de idade).

As autoras Araújo et al. (2015) reforçam o valor do *Photovoice* enquanto metodologia pedagógica na licenciatura de Educação Social, sendo entrevistados/as 35 estudantes que frequentaram a "Intervenção socioeducativa com crianças e jovens" e 23 estudantes da "Intervenção socioeducativa com pessoas idosas". Segundo elas:

"Os estudantes enfatizaram que o uso do *Photovoice* permitiu-lhes aumentar a consciência das potencialidades e fragilidades de sua comunidade e promover o diálogo crítico sobre essas mesmas questões" (Araújo et al., 2015, p. 3).

E complementam: "O *Photovoice* é uma metodologia de ação-investigação em que os participantes apresentam fotografias que representem a sua visão de determinada temática. Apesar de ser tendencialmente utilizada em projetos comunitários (Wang et al., 2004), a aplicação aqui reportada decorreu no âmbito da formação inicial de Educadores Sociais" (Araújo et al., 2015, p. 3).

Para conhecerem o potencial dessa metodologia, as autoras se preocuparam com as características das fotografias: "Os trabalhos demonstraram ter também impacto em outros alunos, o que denota os benefícios" (Araújo et al., 2015, p. 3).

Os/as estudantes envolvidos nesse projeto abordaram questões importantes no campo da intervenção socioeducativa com crianças, adolescentes e idosos, utilizando a fotografia como ferramenta para expressar suas ideias, opiniões e valores sobre o tema.

Consideraram as autoras que as experiências foram positivas, envolvendo aspectos relacionados à postura e à sociabilidade: "[...] Constituíram uma oportunidade para que os alunos pensassem, partilhassem e recebessem dos colegas histórias,

experiências e diferentes pontos de vista" (Araújo et al., 2015, p. 3).

As autoras Silveira e Michel (2018) analisaram as modificações corporais mais usadas, tais como piercings, tatuagens, escarificações e dilatadores, e se os/as jovens possuem maturidade para realizar tais modificações: "A partir das temáticas ligadas à corporeidade, percebemos que, na atualidade, existem muitos artifícios usados pelos indivíduos para construir o seu jeito de ser, dentre eles, as modificações corporais" (Silveira; Michel, 2018, p. 2).

A pesquisa foi realizada por meio de grupo focal, problematizando os/as jovens que usam modificações e os/as que não usam, porém a análise foi feita somente pelo grupo que não usa modificações. Segundo as autoras: "É interessante ressaltar que, embora eles não possuíssem modificações, [...] a ideia de alterar o corpo era bastante recorrente no grupo, pois os estudantes se mostraram bastante familiarizados com as técnicas apresentadas" (Silveira e Michel, 2018, p. 8). Os jovens valoraram e julgaram as práticas mais "radicais" como "equivocadas" ou ainda como "algo inexplicável": "Ter 18 anos para poder fazer uma modificação corporal não quer dizer nada; o que importa é a cabeça." (Depoimento de Brenda, Silveira e Michel, 2018, p. 9).

Segundo as autoras, tais modificações corporais comprometem o acesso ao mercado de trabalho: "O jovem tem preocupações com o emprego e não possui maturidade suficiente para decisões importantes, assim como preocupações referentes a modificações corporais que possam comprometer seu futuro profissional" (Silveira e Michel, 2018, p. 2).

A pesquisa realizada por Borges (2018) baseou-se na metodologia etnográfica, que estuda a cultura e os comportamentos de grupos, diagnosticando uma polifonia de vozes e entendendo o conhecimento escolar como um modo de subjetivação e desenvolvimento para o ser social: "Os jovens são entendidos como quimera escolar e são desejosos de uma escola que querem de outra forma, uma escola reimaginada e possível. Aposta-se aqui numa juventude em trânsito, em processos que se relacionam com o conhecimento escolar a seu modo" (Borges, 2018, p. 29).

O autor pesquisou jovens estudantes do ensino médio em uma escola pública estadual, em relação ao conhecimento escolar, e destacou a importância da etnografia: "A etnografia torna-se, também, um paradigma que, igualmente, se desenvolve com o objeto de estudo" (Borges, 2018, p. 30).

Assim, à medida que a pesquisa foi analisada, surgiu a relevância da polifonia de vozes: "O processo de produção de conhecimento na pesquisa educacional é um

compósito da relação entre reflexividade, vozes discentes e práticas de significação na escola. Tais dimensões mobilizam o questionamento sobre que escola e queconhecimentos hão de existir no futuro" (Borges, 2018, p. 31).

Fernandes (2018), ao utilizar o pensamento de Michel Foucault, organiza sua pesquisa com base em três conceitos fundamentais: disciplina, governabilidade e subjetivação. Esses conceitos, oriundos da teoria foucaultiana, permitem entender como práticas sociais e educativas moldam os sujeitos.

Para Fernandes (2018), a disciplina relaciona-se aos mecanismos de controle presentes em instituições, como a escola, que regulam comportamentos, organizam corpos e delimitam ações. A governabilidade trata das estratégias de gestão da população e da condução dos sujeitos, considerando interesses políticos e sociais. Já a subjetivação refere-se aos processos pelos quais os indivíduos constroem sua identidade, influenciados por discursos e práticas institucionais.

De acordo com o autor, ele analisa como esses conceitos atuam na educação, observando como os sujeitos são formados por meio de relações de poder, normas e discursos, contribuindo para a reflexão crítica sobre o papel das instituições na produção de subjetividades.

> [...] A questão da governamentalidade, na concepção foucaultiana, se consubstancia como uma categoria basilar para se compreender os diversos movimentos de resistência e de proposições da juventude estudantil na contemporaneidade referentes aos conteúdos e procedimentos de ensino, bem como à cultura escolar (Fernandes, 2018, p. 789).

Problematizando a constituição da juventude estudantil, Fernandes (2018) nos remete à ideia de que os/as jovens estão sendo afetados/as pelas mudanças positivas e negativas atuais, podendo ser como sujeitos objetivados, mas também como sujeitos com subjetivação.

É neste sentido que nos é possível afirmar a juventude estudantil como um campo de potencialidades para operar novos modelos e sentidos para sua condição de estudante e para a produção de mutações nos cenários escolares, influenciando na atualização das políticas públicas para a educação (Fernandes, 2018, p. 789).

A autora Lacerda (2019) pesquisou a vida estudantil de camadas populares para terem acesso a universidades públicas e certificou-se de que "[...] o entendimento de que a autoanálise, a realização de pesquisas e a conexão de saberes entre estudantes de camadas populares favorecem os processos de afiliação

intelectual à universidade" (Lacerda, 2019, p. 585). De acordo com a autora:

> As autoanálises viabilizaram às estudantes a compreensão sociológica de suas trajetórias escolares e vivências acadêmicas e dos princípios que engendram suas práticas e se mostraram como uma forma de promover a afiliação intelectual à universidade pública e de enfrentamento dos efeitos que a origem social possa ter nos percursos acadêmicos. (Lacerda, 2019, p. 585).

Lacerda (2019) refere-se à reflexão sobre os percursos de jovens no ensino superior, abordando como fatores sociais e culturais influenciam suas trajetórias. O significado do acesso à universidade é analisado em termos de suas implicações pessoais, familiares e sociais. Essa abordagem revela como as experiências educacionais são moldadas por dimensões individuais e coletivas, reforçando o papel da educação como espaço de transformação social.

> O exercício de reflexividade sobre o vivido consistiu na tomada dos próprios percursos como objeto de reflexão, centrando-se nos seguintes traços: o significado do acesso à universidade; as práticas e o sistema de disposições que as sustentam; as influências das redes de sociabilidade e a mobilização escolar das famílias na constituição dos seus percursos escolares. (Lacerda, 2019, p. 581).

Na mesma linha de pensamento, os autores/as Louvani et al. (2019) apresentam contos de Machado de Assis e a produção de um curta-metragem, que possibilitou a análise da posição axiológica quando um determinado grupo tem a mesma posição ideológica sobre um tema. "[...] A análise do discurso nos interstícios narrativos possibilitou-nos observar a forma como os estudantes imaginam, interpretam e representam o próprio mundo e, consequentemente, aquilo que foi inspirado pelas leituras" (Louvani et al., 2019, p. 272).

A criação do "Projeto Outros Olhares" contribuiu para que a comunidade escolar compreendesse os adolescentes que, além das escolas, efetivamente constituem a escola e seu fazer pedagógico:

> [...] salientamos, contudo, que esse processo só ocorre porque se investe e se acredita no poder transformador da leitura literária, em uma escola que considera e respeita as vozes de seus sujeitos, possibilitando aos seus alunos expressarem, de diversas formas, o seu mundo e produzirem conhecimento através da adaptação e produção de discursos que ideologicamente marcam o seu modus vivendi. (Louvani et al., 2019, p. 271).

De acordo com os autores, "[...] a leitura funciona como direcionamento para aconstrução das narrativas, que permitem aos alunos, adolescentes, pela leitura, depois

pelas produções escrita e fílmica, narrarem a si e aos outros e assim, guiarem-se dentro de sua própria elaboração identitária" (Louvani et al., 2019, p. 271-272).

Através do referido projeto de contos machadianos, o/a leitor/a teve a oportunidade de tomar contato com posições axiológicas de outra época:

> A possibilidade de, pela literatura, ter contato com posições axiológicas de outra época. Os alunos têm, ainda, a possibilidade de estabelecer relações com a atualidade, de refletir sobre a língua e suas variantes, como forma de expressão e identidade dos grupos sociais e da época em foco" (Louvani et al., 2019, p. 271).

Como pôde ser observado, os autores e autoras trazem uma gama de aspectos que se relacionam com os/as jovens e juventudes. Tomando emprestadas as palavras de Borges (2018, p. 28): "As diversas narrativas revelam a riqueza inerente ao simples fato de serem jovens e viverem os movimentos que a juventude acarreta: linguagens, modos de se vestir, questões de gênero e sexualidade, disputa de identidade de raça/cor, posições políticas e religiosas, relação com a tecnologia, evidenciam a diferença como lugar de se dizer no mundo".

A citação de Dayrell (2007) reflete sobre as transformações no mundo do trabalho e seus impactos na juventude brasileira, especialmente nas camadas populares. Ele destaca o aumento do desemprego, a precarização das condições de trabalho e o desassalariamento, que restringem as oportunidades para os/as jovens. Essas mudanças estruturais não apenas dificultam a inserção profissional, mas também afetam o campo de possibilidades de vida e desenvolvimento desses indivíduos.

Contextualizando, o autor situa essa problemática dentro de um cenário de desigualdades sociais e econômicas no Brasil, em que os/as jovens, sobretudo os das classes mais baixas, enfrentam barreiras significativas para alcançar estabilidade financeira e social. Essa análise reforça a necessidade de políticas públicas que promovam a inclusão no mercado de trabalho e protejam os direitos desses jovens:

> Ao mesmo tempo, é necessário situar as mutações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho que, no Brasil, vem alterando as formas de inserção dos jovens no mercado, com uma expansão das taxas de desemprego aberto, com o desassalariamento e a geração de postos de trabalho precários, que atingem, principalmente, os jovens das camadas populares, delimitando o universo de suas experiências e seu campo de possibilidades" (Dayrell, 2007, p. 1107).

Essa riqueza de modos de vida e compreensão de mundo é um dos ensinamentos dos/as jovens que a escola deve apreender e aprender. À medida que interagem com pessoas de diferentes origens, aprendem a negociar diferenças de

classe, etnia e gênero, o que pode ser transformador. Assim como as famílias, as escolas e qualquer grupo com quem interajam tornam-se espaços onde as normas e expectativas sociais são questionadas, e onde os/as jovens podem encontrar maneiras de se expressar fora dos papéis sociais tradicionais. Segundo Morin (2000), a complexidade das identidades juvenis exige que os sistemas educacionais considerem as realidades imprevisíveis e interconectadas que os/as jovens enfrentam hoje.

Passamos agora para a segunda categoria Educação scolar, tratando dos artigos pesquisados referentes ao papel e o funcionamento da educação escolar dentro de uma sociedade.

4.7 EDUCAÇÃO ESCOLAR

Na segunda categoria, apresentamos a ‘‘Educação’’ Escolar que, conforme a LDB, é formada pela educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e pela educação superior.

A Educação escolar é uma categoria que representa não apenas o espaço de transmissão de conhecimentos formais, mas também um ambiente de construção de identidades, relações sociais e valores culturais. Segundo Dayrell (2007), a escola atua como um espaço social dinâmico, onde os sujeitos não apenas assimilam conteúdos, mas também ressignificam suas experiências.

Para Dayrell (2007, p. 96), “A escola não se reduz ao espaço de transmissão de conteúdos, mas constitui um espaço social e cultural onde se articulam práticas, significados e relações sociais que influenciam a formação dos sujeitos”.

Essa perspectiva destaca a importância da escola como um lugar de interação, onde os/as jovens trazem suas vivências e as confrontam com os valores e normas institucionais.

Essa interação é fundamental para a compreensão da juventude e para a formulação de políticas educacionais mais inclusivas e contextualizadas. Parafraseando Dayrell (2007), o autor argumenta que o espaço escolar é reinterpretado pelos estudantes por meio de interações, diálogos e trocas simbólicas. Eles trazem consigo formas de convivência e socialização próprias, que frequentemente divergem das normas e padrões institucionais estabelecidos.

Quadro 7 - Categoria de estudo 02 e seus artigos

Categoria	Artigos
Educação escolar	Influências do ensino médio nas perspectivas de futuro de seus Estudantes
	A sociologia da infância como suporte para os professores: a criança e a essência do brincar
	O silêncio como discurso: o projeto de lei “escola sem partido” e a invisibilidade da juventude LGBT na lógica da mordaça
	Análise do discurso nas pesquisas em educação: perspectivas foucaultianas
	Escola, juventude e perspectivas de futuro: alguns apontamentos
	Educação libertadora e juventude: uma intervenção psicossocial com alunos do ensino médio
	Ensino médio integral em tempo integral: competência socioemocional para uma educação integral!
	Ensinar longe da escola: ensaio sobre as representações em e. Durkheim e R. Chartier
	Paulo freire e educação popular: práxis descolonizadoras em tempos neoconservadores

Fonte: Elaboração da autora, 2024.

Os artigos apresentados estão categorizados no quadro abaixo (quadro 7) e abordam diversos temas relacionados à educação escolar, tais como: a influência que a escola representa na vida dos/as jovens; a compreensão da ludicidade trabalhada na escola, permitindo o desenvolvimento do protagonismo juvenil; o envolvimento de professores/as que ajudaram na transformação dos estudantes e entrevistas com os/as mesmos/as; a problematização do Projeto de Lei (PL) – Escola sem Partido; a relação entre o discurso e o poder, o poder e o saber; o discurso dos diversos segmentos da escola; a importância da escola em ouvir os educandos; a escola pós-pandemia; reflexões de leituras descolonizadoras; escola e currículo; e o olhar do/a educador/a e do/a educando/a diante do estudo de leis para o desenvolvimento da educação.

Os/As autores/as pesquisados/as — Faleiro, Puentes e Aragão (2016); Alves et al. (2016); Checa e Scisleski (2018); Luiz, Silva e Bengtson (2019); Melo e Salles (2020); Evangelista, Dias e Resende (2020); França e Voigt (2021); Menezes e Silva (2022); Sousa e Vasconcelos (2022); e Rodrigues, Souza e Jucá (2022) — tiveram em seus artigos a educação escolar como foco principal. As pesquisas foram realizadas em diversas regiões do Brasil, dentro e fora de unidades escolares. Esses estudos analisam aspectos que marcaram a história da educação escolar no Brasil desde o período colonial, além de trazerem preocupações relevantes para o presente e o futuro.

De acordo com Faleiro, Puentes e Aragão (2016), foi realizada uma pesquisa

em sete escolas com estudantes do ensino médio sobre a influência da escola em suas vidas,

e a maioria relatou mudanças positivas. Diversos/as estudantes destacaram, por exemplo: "Ofereceu-me um conhecimento sobre áreas que dificilmente teria acesso fora dela, assim tenho mais domínio para discutir estes assuntos e viver melhor em sociedade" (Aluno, 17 anos, grupo I) (Faleiro, Puentes e Aragão, 2016, p. 415).

Grande parte dos relatos dos/as estudantes traz depoimentos esperançosos sobre a importância da escola e sua preparação para a vida:

> Considero a escola uma parte muito importante em minha vida, pois me fez crescer como pessoa, me fez adquirir conhecimento, conhecer novas pessoas, aprender a defender pontos de vista, opiniões, etc. Enfim, a escola é muito importante para minha vida. (Aluno, 15 anos, grupo I) (Faleiro, Puentes e Aragão, 2016, p. 415).

A escola representa uma mudança para o futuro dos/as estudantes e uma ponte para a empregabilidade. Os autores destacam:

> Pelas falas, percebe-se que a presença de concepções do senso comum a respeito dos fins da educação está bem marcante em nossa sociedade e, para muitos, essa é a única finalidade da escola, ou seja, melhorar as possibilidades de empregabilidade e esse vir a ser mais bem remunerado e menos penoso (Faleiro, Puentes e Aragão, 2016, p. 415).

De acordo com os relatos, os autores analisaram que os/as jovens estão mais empáticos em relação à diversidade. Preocupam-se com uma escola que os prepare melhor, com mais criticidade, conscientes de seus direitos e deveres, além de melhorias no processo educativo e na carga de trabalho dos/as professores/as. Há também uma preocupação dos/as estudantes por uma escola que os/as capacite para o mercado de trabalho com melhor infraestrutura. Segundo os/as autores/as:

> No Brasil, têm-se grandes dificuldades de cunho social que impedem o funcionamento eficaz das instituições escolares, pois as condições econômicas favorecem à maioria uma completa exclusão social, tornando a escola algo externo à vida dos alunos. Mas é exatamente em uma sociedade desigual e no estágio de desenvolvimento social como o nosso que a existência de uma escola para todos é necessária" (Faleiro, Puentes e Aragão, 2016, p. 421).

A pesquisa realizada por Alves et al. (2016), abordando a ludicidade como eixo estruturador e de grande importância, destacou o envolvimento dos/as professores/as e de toda a unidade escolar. Vertentes sociológicas abordaram o desenvolvimento do ser humano e as diferentes sociedades:

> A ludicidade, segundo Sarmento (2003), é a atuação mais significativa das crianças e necessita estar presente em todos os contextos vivenciados por elas. Ao dizermos 'dar voz à criança', não nos referimos apenas a palavras, mas a todas as formas de expressão de seus sentimentos (Alves et al., 2016, p.7).

De acordo com Alves, Pimentel e Lima (2016), elas refletem sobre a complexidade das culturas infantis, destacando a interação entre a criança e o ambiente social, que é mediado pelo adulto educador. O entendimento dessas particularidades das crianças não pode ser isolado, pois elas são formadas e influenciadas pelo contexto em que estão inseridas.

As crianças produzem e possuem particularidades, mas essas estão envolvidas no contexto em que o adulto que a educa se encontra. Diante disso, Sarmento (2003) nos apresenta quatro eixos que estruturam as culturas infantis: Interatividade, Ludicidade, Fantasia do Real e Reiteração (Alves, Pimentel, Lima e Lima, 2016, p. 09).

> A escola, por sua vez, tem o papel de auxiliar nessa descoberta, visto que as responsabilidades sobre as crianças não se resumem apenas à família, por mais que esta seja a primeira agência geracional responsável pelos cuidados básicos e pela educação, mas compete a toda a sociedade" (Alves, et al., 2016, p. 10).

As autoras trabalharam com a pesquisa qualitativa, tipo Etnografia. "A etnografia compreende a entrada do pesquisador no mundo do pesquisado; no caso em questão, assumimos algumas ferramentas da etnografia, mas passamos um tempo reduzido no contexto que estudamos" (Alves, et al., 2016, p. 07).

O artigo das autoras Checa e Scisleski (2018) problematizou o Projeto de Lei (PL) "Escola sem Partido" e abordou a proibição de temas como gênero e sexualidade nas escolas, principalmente as intolerâncias LGBT fóbicas, referenciando que a escola deve ser vista como espaço de produção de cidadania.

Conforme a contextualização das autoras, "A proposta vai à contramão da educação crítica e reflexiva que buscamos e reforça o preconceito às diferenças culturais, sociais e políticas" (Checa; Scisleski, 2018, p. 98).

De acordo com as autoras (2018), o silêncio sobre questões de gênero nas escolas reforça a exclusão de populações mais necessitadas, configurando uma forma de invisibilização. Esse silêncio é interpretado como um discurso, na perspectiva de Foucault (1999), uma vez que a ausência de fala legitima a violência. Dessa forma, o

silêncio e a inação não apenas permitem que a violência aconteça, mas acabam por representá-la.

Segundo uma professora da Universidade Federal de Minas Gerais citada por Checa e Scisleski (2018), é essencial que se compreenda a função do/a professor/a da educação básica, que, conforme a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional),deve zelar pela aprendizagem dos estudantes, especialmente daqueles com menor rendimento. Essa professora reflete sobre como, ao longo de sua carreira, vivências dos estudantes muitas vezes exigiram sua intervenção como educadora, pois, sem apoio, estudantes que enfrentam sofrimento dificilmente conseguem aprender.

A seguinte fala de um professor e reitor da Universidade Federal de Minas Gerais:

> Esse projeto 'Escola sem Partido', da forma como ele vem sendo tramitado, e se a gente ler com atenção, a gente vai perceber que não se trata da defesa de uma escola que não toma partido, mas se trata de uma crítica a escolas que tomam partido para determinadas causas. E a gente identifica que é uma crítica a escolas que tomam partido em causas de combate à discriminação de gênero, racial, de orientação sexual. É uma crítica a uma escola que toma partido em relação à desigualdade produzida pelo nosso sistema capitalista. Então, no meu ponto de vista, esse projeto é também um projeto de escola com partido, é mais uma defesa de uma escola que toma partido em prol do conservadorismo, da manutenção daquilo que já está, daquilo que já está colocado. Então, é uma escola abertamente conservadora, mas que se esconde atrás de um discurso de neutralidade, de apartidarismo (Checa; Scisleski, 2018, p. 109).

Reforçam as autoras: “Pois, se ‘educar é um ato político’, pesquisar e escrever sobre a educação, neste contexto, tem de ser uma ferramenta política, cujo sentido tem de ser o de quebrar o silêncio e de trazer consigo a possibilidade de novos caminhos” (Checa e Scisleski, 2018, p. 110).

O artigo dos autores/as Luiz, Silva e Bengtson (2019) anuncia as possibilidades de análises do discurso e poder para auxiliar pesquisadores/as da área da educação, tratando a relação discurso e poder sob a ótica de Foucault (1979), pesquisados com todos os segmentos da escola. “Ao contemplar o conflito entre o eu e o outro, nos discursos, Foucault traça um caminho novo para a compreensão do sujeito, isto é, não vislumbra o local em que os sujeitos se relacionam, mas identifica uma visão mais ampla, baseada em suas dispersões” (Luiz; Silva; Bengtson, 2019, p. 427).

Os/as autores/as anunciaram os discursos de Michel Foucault com propósito de referencial teórico metodológico e a intenção nas pesquisas em educação ao analisar relações de poder, observando a questão da disciplina. “Para Foucault, a disciplina é uma técnica, um dispositivo de poder” (Luiz; Silva; Bengtson, 2019, p. 435).

Ainda que: "a Análise do Discurso aumenta a produção de conhecimentos e uma apreensão diferente das relações do sujeito com o seu discurso. Por entender que a fala não é sempre compreensível e exata, seu aproveitamento possibilita delimitar o que foi dito em certa conjunção" (Luiz; Silva; Bengtson, 2019, p. 436).

Em relatos, os/as autores/as ainda citaram (Foucault, 1999, p. 161) que "[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade" (Luiz; Silva; Bengtson, 2019, p. 435). Concluíram a pesquisa afirmando que finalizaram ao identificar:

> A presença do discurso que estabelece um lugar-diretor para a escola pública: aquele que se configura como o guardião da cultura e dos valores correspondentes herdados da tradição social que constituiu, no passado, as instituições do presente, entre elas a escola" (Luiz; Silva; Bengtson, 2019, p. 436).

A intenção com a análise do discurso é multiplicar o sujeito. Para os/as autores/as, "em cada fala de um sujeito existe uma posição distinta, visto que o seu falar vem de diferentes lugares. Como existem embates e conflitos, os interditos fazem o sujeito se situar, ao mesmo tempo em que ele pode ser falado, configurando sua integridade" (Luiz; Silva; Bengtson, 2019, p. 427).

Ao final da análise da pesquisa, os/as autores/as relatam que a Análise de Discurso pode oferecer importantes contribuições para o campo educacional, pois permite uma ressignificação dos diversos papéis assumidos pelos diferentes sujeitos ligados à Educação, como professores/as, diretores/as, alunos/as, familiares e outros/as profissionais. Os autores argumentam que a construção de quem somos ou seremos é influenciada pelo processo de institucionalização ao qual todos, no contexto escolar, estão submetidos (Luiz; Silva; Bengtson, 2019).

A educação escolar, para os/as autores/as Melo e Salles (2020), configura-se de maneira que as unidades escolares se mantenham em um processo de fratura, diante de discussões realizadas com moradores de rua.

De acordo com os autores, a escola ocupa um papel central na construção de projetos de vida, especialmente entre jovens de estratos sociais menos favorecidos, que frequentam escolas localizadas em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Esses jovens, de maneira geral, são submetidos a um processo de escolarização frequentemente classificado como de baixa qualidade, o que os direciona,

majoritariamente, a um futuro associado ao subemprego ou a trabalhos temporários (Melo; Salles, 2020).

Melo e Salles (2020) analisam uma realidade que envolve jovens moradores de periferias urbanas empobrecidas e as escolas que frequentam, centrando a reflexão nas transformações contemporâneas acerca do papel da escola. Os autores argumentam que, mesmo considerando que outras dimensões do espaço escolar também tenham se modificado, a discussão deste artigo foca no entrelaçamento entre a perda do valor do

certificado escolar como elemento determinante de futuros espaços sociais e a ideia da juventude como expressão contemporânea do "gozo". Nesse sentido, apontam para a ressignificação do papel da escola enquanto locus voltado à construção de projetos de vida.

Para as autoras, as reflexões giram em torno do que seria uma nação civilizada ou formada, bem como do papel da escola em receber e preparar essa sociedade. Para esse olhar específico, o fator sistema é determinante.

Evangelista, Dias e Resende (2020) relatam em seu artigo algumas reflexões realizadas com adolescentes, baseadas na teoria de Freire. Com o avanço tecnológico, crescimento social e econômico, é imprescindível que os avanços educacionais não sejam negligenciados. Considerando a educação como prática libertadora, que sobrepõe a prática bancária em que o/a professor/a é o/a detentor/a e o/a estudante apenas recebe as informações, as autoras salientam a importância de ouvir os/as estudantes, permitindo transformações em todos os lugares.

De acordo com Evangelista, Dias e Resende (2020), a escola deve ser concebida como um espaço que permita aos alunos expressarem seus sonhos, deixando de ser vista apenas como um local de transmissão de informações ou um ambiente transitório. Segundo as autoras, é fundamental que a escola reconheça os estudantes como seres dotados de potencialidades que precisam ser desenvolvidas, oferecendo-lhes voz e estímulos para que possam colocar essas capacidades em prática nos contextos em que estão inseridos. As autoras destacam, ainda, a relevância de a escola proporcionar momentos em que os alunos tenham uma participação ativa, ressaltando que essas oportunidades podem gerar impactos significativos não apenas na experiência escolar, mas também em suas vidas nos mais diversos contextos sociais.

As autoras afirmam que, na última intervenção realizada com cada turma, foi

discutido com os/as participantes suas perspectivas futuras e a importância de sonhar e correr atrás do que querem (Dias; Evangelista; Resende, 2020, p. 288). Convidam os/as leitores/as a refletir sobre Paulo Freire (1992, p. 91): “Sonhar faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança” (Evangelista, Dias e Resende, 2020, p. 288).

Novos papéis sociais precisam ser definidos, como afirmam França e Voigt (2021) na pesquisa de seu artigo com estudantes do ensino médio. Defendem a implantação do aspecto socioemocional na discussão de um novo currículo escolar, imprescindível para a preparação do sujeito.

França e Voigt (2021) indicam em seu estudo sobre o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional (EMITI) em Santa Catarina que há uma formação voltada para a preparação dos/as jovens com o objetivo de atender às demandas de capital humano exigidas pelo mercado de trabalho. Segundo os autores, é essencial a implementação de um currículo que organize e padronize a formação dos estudantes. No caso de Santa Catarina, essa formação ocorre através de uma parceria público-privada com o Instituto Ayrton Senna (IAS).

De acordo com França e Voigt (2021), o novo currículo aponta para uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica e os desafios no processo de ensino-aprendizagem. Embora as falas dos/as professores/as revelem satisfação em sua aproximação com os estudantes e a percepção positiva do aumento do tempo de planejamento, há uma preocupação fundamental que deve ser abordada: garantir que a educação não se reduza a uma prática superficial, desprovida de conteúdos sólidos e significativos.

O cuidado mencionado na citação se refere ao risco de uma educação que, ao focar em aspectos como a proximidade afetiva entre professor e aluno ou na ampliação do tempo de planejamento, pode negligenciar a importância de contemplar os saberes específicos de cada área do conhecimento. Cada disciplina tem seu valor intrínseco, e é necessário que elas sejam abordadas de maneira abrangente e fundamentada, para que a prática pedagógica não se torne vazia ou superficial.

As falas dos/as professores/as indicam satisfação em relação à aproximação com os estudantes e ao aumento de tempo para planejamento. Contudo, é fundamental garantir que os conhecimentos das diversas áreas sejam contemplados, evitando práticas curriculares desprovidas de fundamentos, o que comprometeria a formação

como instrumento de emancipação e transformação da realidade, conforme alertam França e Voigt (2021).

O mundo pós-pandemia é analisado por Menezes e Silva (2022), que retratam em seu artigo, através de história em quadrinhos, os problemas e potências da escola, permitindo uma reflexão sobre o desejável em educação daqui para frente: "As heranças das nossas experiências escolares e os desafios postos pela pandemia nos conduzem inevitavelmente à revisão dos modos de conceber os trabalhos de alunos e professores, enfim, das atuais concepções do ensino e da sala de aula" (Menezes; Silva, 2022, p. 330).De acordo com os autores, eles fizeram uma releitura das obras clássicas, relacionando a força de uma representação das histórias em quadrinhos através de autores clássicos: "Daí, revisitar autores clássicos para pensar a educação – Durkheim e Chartier – que, da perspectiva da sociologia e da história, permitem apreender as potencialidades de compreensão postas pela noção em pauta" (Menezes; Silva, 2022, p. 330).

Deste modo, eles propõem uma educação com um novo olhar: "Talvez valha a pena, tal como o historiador, sinalizar que, numa construção de uma escola que efetivamente se destine a todos". Segundo citam (Chartier, 2020), "podemos sonhar e agir juntos para que o mundo pós-pandemia seja menos cruel" (Menezes; Silva, 2022, p. 330). Compreendendo a Educação como elemento essencial para o ser social e o desenvolvimento do país, diante de tal necessidade, as autoras Sousa e Vasconcelos (2022), em seu artigo, refletiram sobre possibilidades de leituras descolonizadoras na Educação Superior, fazendo uma ponte com a Educação Popular, baseadas em obras de Freire e outros/as autores/as na mesma linha, e apontaram a necessidade de assumir a luta contra o fascismo e todas as formas de opressão.

Segundo as autoras, conforme Paulo Freire, a luta pela humanização acontece através da emancipação da liberdade da opressão e remete a questionamentos quanto ao educador/a, que é visto como onipotente.

As experiências no Ensino Superior têm evidenciado a relevância e a atualidade do legado de Paulo Freire, cuja obra é frequentemente utilizada como referencial teórico- metodológico em pesquisas. Estudos de iniciação científica e de pós-graduação em educação, guiados pelos princípios de Freire e da Educação Popular, têm explorado uma variedade de temáticas, conforme destacam Sousa e Vasconcelos (2022).

Para as autoras, os trabalhos extensionistas têm desempenhado um papel

significativo ao envolver os estudantes em um processo de leitura crítica da realidade. Esse processo promove diálogos que permitem identificar e questionar marcas da colonialidade presentes nas instituições educativas. As autoras destacam que reconhecer essas marcas é um passo inicial para construir uma formação baseada em uma educação descolonizadora. Essa perspectiva se desenvolve à medida que os estudantes refletem sobre a possibilidade de propor ações coletivas voltadas para minimizar ou superar os problemas sociais e educativos identificados em suas práticas (Sousa; Vasconcelos, 2022).

Há diversas maneiras de enfrentamento. As autoras relatam que: "Essas pesquisas têm como fios condutores o diálogo e a convivência metodológica, promovendo aapreensão da solidariedade como atitude radical, descolonial, de resistência e insubmissão à onda neoconservadora que tem assolado o nosso país" (Sousa; Vasconcelos, 2022, p. 16).

As autoras corroboram que a Educação Popular é uma maneira de resistência à educação bancária, na qual são depositados os conteúdos nos estudantes sem questionamentos. "Paulo Freire (1970) nos alerta, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, que toda ação antidialógica se pauta na conquista, na máxima do dividir para dominar, na manipulação e na invasão cultural" (Sousa; Vasconcelos, 2022, p. 08).

A autora Rodrigues (2022) também faz menção à Educação Popular, sendo que, para ela, a educação deve ultrapassar tanto o ensinar na escola quanto o currículo, contribuindo para a formação de um sujeito com maior clareza de suas potencialidades e necessidades. Ela discute também a relação entre literatura e cinema como metodologias. Rodrigues (2022) destaca a importância de considerar a perspectiva dos educandos e de investigar como os demais atores do Degase percebem a instituição. A autora enfatiza que, ao abordar a educação de forma integral, torna-se essencial dar visibilidade a essas diferentes perspectivas.

A Educação Popular (EP) visa transformar e libertar os indivíduos de realidades opressoras às quais estão submetidos. Rodrigues (2022) observa que o senso comum frequentemente associa a criminalidade à ausência de valores individuais, atribuindo maior relevância a essa questão do que a fatores de natureza crítico-social. Contudo, a autora não desconsidera a importância de uma educação que aborde aspectos como respeito, cooperação e responsabilidade.

Para a autora, o movimento fornece um leque bem maior de possibilidades: "Penso que o planejamento é um dos pilares do trabalho do/a professor/a. Com ele,

ganhamos ao materializar nossas intencionalidades e ao propor um eixo condutor do processo de aprendizagem" (Rodrigues, 2022, p. 22).

A conquista de novos mecanismos e a redistribuição de recursos destinados à educação, assim como o Novo Ensino Médio, foram os assuntos da pesquisa de Souza e Jucá (2022), para repensar a educação escolar a partir das novas regulamentações legislativas.

Souza e Jucá (2022) reconhecem os avanços alcançados em diferentes momentos da história do Brasil, especialmente após a Constituição de 1988, mas destacam que ainda existem muitos desafios na educação dos/as jovens. O Novo Ensino Médio, embora apresente objetivos promissores, também desperta desconfiança, lembrando, em alguns aspectos, a Lei 5.692/71, com seu enfoque na formação profissional. Contudo, os autores ressaltam que o contexto atual é diferente e enfatizam a necessidade de analisar as mudanças propostas pela nova lei para além das demandas do mercado, considerando as reais necessidades da população, para que seus objetivos se tornem efetivamente válidos.

As autoras anunciam que o Novo Ensino Médio é feito com a distribuição das grades horárias e das disciplinas no ensino médio, com opções de aprofundamento além da carga horária normal, e outras disciplinas diferentes, sendo uma parte dedicada ao Projeto de Vida do estudante, incluindo o desenvolvimento de objetivos pessoais, sociais e profissionais.

Souza e Jucá (2022) destacam que a reforma do Ensino Médio tem como objetivo central auxiliar os/as jovens no desenvolvimento da capacidade de elaborar um projeto de vida. A última etapa da educação básica é vista como essencial para promover a autorreflexão dos estudantes, permitindo que identifiquem aspirações pessoais, profissionais e sociais, e transformem seus sonhos em metas e planos concretos, com foco no desenvolvimento de competências que tornem esses objetivos viáveis.

As autoras também mencionam a flexibilização curricular como um dos pilares da nova Lei. Essa flexibilização prevê que as escolas tenham autonomia para organizar as disciplinas de forma contextualizada, atendendo às necessidades de aprendizagem de diferentes grupos escolares. A organização curricular, por sua vez, divide-se entre a Formação Geral Básica, equivalente à antiga Parte Comum, e os Itinerários Formativos, anteriormente conhecidos como Parte Diversificada. As disciplinas passam a ser denominadas Componentes Curriculares (Souza; Jucá, 2022).

Elementos fundamentais dessa mudança foram a implantação de formações Profissionais e Tecnológicas. A intenção é implementar projetos que busquem diminuir as desigualdades vividas nas escolas e abordar as necessidades da sociedade contemporânea.

Pelos estudos realizados, configura-se a educação como um ponto crucial dos principais elementos da vida humana e do desenvolvimento de um país.

Parafraseando os autores estudados, a escola é o lugar da existência e resistência de diversas formas de crenças e conhecimentos presentes no mundo moderno. Conforme o/a autor/a: "o argumento central é a necessidade de um equilíbrio entre a aproximação afetiva com os estudantes e a manutenção da qualidade e profundidade dos conteúdos trabalhados, garantindo que o ensino seja um instrumento de emancipação e transformação" (França; Voigt, 2021, p. 17).

A preocupação com o processo de ensino-aprendizagem precisa ser diária, por meio de observações e ações permanentes que possibilitem ao/a jovem aprendizagem e transformação dos conhecimentos, criando condições para que todos desenvolvam capacidades para a vida em comunidade de forma prazerosa, estimulando novas estratégias, motivando e efetivando a permanência dos/as estudantes nas escolas, permitindo a participação de todos com compromisso, com a melhoria da qualidade de ensino e o aprimoramento do processo pedagógico.

Passamos para a terceira categoria A voz das juventudes. A voz das juventudes estudantis trata da expressão das experiências, perspectivas e demandas dos/as jovens abordando temas como inclusão, participação democrática, direitos educacionais e desafios enfrentados no processo de aprendizagem.

4.8 A VOZ DAS JUVENTUDES

A terceira categoria pesquisada foi sobre a Voz dos/as jovens, pois, embora o poder da fala e da escuta destes/a ainda esteja em desenvolvimento, pouco parece ser verdadeiramente implementado e compreendido pela sociedade. A escuta atenta e aberta ainda não é uma prática na educação escolar, e a educação recebida não os prepara para a democracia cidadã.

A voz dos/as jovens no ambiente escolar é um tema central nas discussões sobre a educação contemporânea, refletindo o impacto das experiências sociais e culturais dos alunos na forma como vivenciam a escola. A educação não deve ser vista apenas

como um espaço de transmissão de saberes, mas também como um local onde os/as jovens podem expressar suas opiniões, questionamentos e perspectivas, muitas vezes desafiando as normas e estruturas tradicionais da escola.

De acordo com Dayrell (2007), o autor afirma que os/as jovens têm formas de se fazer ouvir, mesmo em um sistema que muitas vezes os silencia. Segundo ele, as relações de poder nas escolas moldam as experiências dos estudantes, criando um espaço em que a voz dos/as jovens pode ser tanto limitada quanto ressignificada através de suas práticas cotidianas e interações sociais. Além disso, as manifestações culturais, como a música, a arte e as expressões informais de comunicação, também são formas de participação ativa, embora nem sempre reconhecidas oficialmente pelas instituições escolares.

Segundo o autor: "A voz dos jovens no ambiente escolar muitas vezes se expressa através das práticas culturais e sociais que escapam às normas formais da instituição, mas são igualmente significativas para a construção de sua identidade e seus processos de socialização" (Dayrell, 2007, p. 103).

Quadro 8 – Categoria de estudo 03 e seus artigos

Categoria	Artigos
A voz das juventudes	A filosofia dos jovens sobre o ser jovem: uma pesquisa sociopoética
	As lições dos alunos: o futuro da educação antecipado por vozes de crianças e jovens
	"Como ocupar uma escola? Pesquiso na internet!" política participativa nas ocupações de escolas públicas do Brasil
	Sentidos de jovens vivendo com HIV, frente aos estigmas, preconceitos e vulnerabilidade em ambiente educacional
	Os sentidos do ensino de filosofia para juventudes: narrativas de jovens do ensino médio
	Web rádio palafita: quais vozes falam pelo dique da vila gilda

Fonte: Capes Periódicos **-** Própria autora; 2024.

Os artigos da categoria de estudo 03 têm a voz das juventudes como principal protagonista e corroboram com diversos assuntos relacionados ao direito à voz dos/as jovens, tais como: reflexão sobre conceitos de ser jovem; as vozes dos estudantes quanto ao futuro; as vozes dos estudantes que analisaram o que a escola tem a oferecer a eles e alternativas de melhorias; a força das vozes quando reunidas em movimentos de reivindicações e utilização de mídias como espaço de divulgação; temáticas como HIV e outras; a conexão entre jovens e a filosofia; vozes em que se veem como sujeitos singulares e ao mesmo tempo sociais; e vozes caladas, dominadas por vozes de

traficantes, políticos e líderes religiosos.

O enfrentamento das diversas maneiras de opressão se faz presente principalmente ao escutar a voz dos/das jovens. É de suma importância que as escolas propiciem a participação da voz dos/as jovens, a fim de que suas vozes sejam ouvidas de forma respeitosa, não devendo ser confundidas com rebeldia (ECA, art. 16). O Art. 16 do ECA estabelece: "O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II - opinião e expressão; III - crença e culto religioso; IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI - participar da vida política, na forma da lei; VII – buscar refúgio, auxílio e orientação" (ECA, 1990).

Os/as autores/as Carneiro et al. (2014), Amorim e Azevedo (2017), Romancini e Castilho (2017), Anjos, Fonseca e Silva (2018), Santos e Sales (2021) e Golobovanti (2022) destacam a voz dos/as jovens como protagonistas em seus artigos. As pesquisas foram realizadas em diversas regiões do Brasil, dentro e fora de unidades escolares. Muitos/as jovens desconhecem seus direitos, sentem-se discriminados/as e não conseguem reivindicar suas necessidades. Contudo, em contextos diferentes, todos/as expressam suas necessidades, injustiças e discriminações. Em contrapartida, demonstram também como gostariam de ser tratados e suas preocupações com o futuro, como exemplificado nos depoimentos: “ninguém leva jovem a sério, todo mundo acha que jovem é só uma fase que vai passar, como se a gente hoje não fosse nada, ou é criança ou é adulto, e entre isso e outro, ninguém compreende” (Carneiro et al., 2014, p. 261).

As autoras Carneiro et al. (2014) direcionaram sua pesquisa para a questão “O que é ser Jovem?”, trazendo uma reflexão sobre os conceitos de juventude. Utilizando a sociopoética como metodologia, e parafraseando Santos (2013, p. 35), buscaram refletir sobre os conceitos relacionados à juventude, suas identidades e experiências. Através da sociopoética, foi possível uma abordagem que valoriza a participação ativa dos sujeitos pesquisados, permitindo que os próprios/as jovens expressem suas percepções e vivências de maneira criativa e colaborativa.

> Abordagem filosófica de pesquisa e de ensino-aprendizagem, criada pelo filósofo e pedagogo francês Jacques Gautier, [...] a expressão sociopoética surge de um neologismo que une o latim socius – aquilo que é coletivo –, ao grego poiésis, que significa criação. Desse modo, o termo designa a construção coletiva do conhecimento (Carneiro et al 2014, 257).

Essa metodologia enfatiza a construção coletiva do conhecimento, integrando arte, sensibilidade e ciência, e reconhece os/as jovens como protagonistas na elaboração de suas narrativas e identidades. Assim, para as autoras os/as jovens demonstram que não há uma única forma de pensar, que não há um único modo de ser jovem e que suas rotinas estão relacionadas à escola.

> Os jovens problematizaram a dimensão do tempo de espera para o mundo adulto, mostrando que não há um único modo de ser jovem e nem de se tornar adulto, pois para eles os ritos de passagem eram: casamento, saída da casa dos pais, o ingresso em um colégio técnico federal e o início dos estágios do curso técnico em enfermagem, demonstrando que esse momento não é fixo e nem demarcado (Carneiro et al, 2014, p. 265).

Segundo as autoras, tinham como intenção desafiar os questionamentos, para futuros estudos:

> Possibilitou a oportunidade de reflexão sobre os (pre)conceitos em relação ao ser jovem, conceitos estes muitas vezes cristalizados numa sociedade que raramente leva em consideração a voz de quem mais entende sobre si mesmo,ou seja, do próprio sujeito que tem a experiência e vivencia a juventude. A intenção desse estudo foi de provocar movimento, induzir a descristalização e abrir possibilidades para que outras pessoas também se interessem pelo tema em questão (Carneiro et al, 2014, p. 265).

Neste contexto, Amorim e Azevedo (2017), em sua pesquisa ressaltam que há possibilidades de fazer com que os estudantes se apaixonem pela escola, pelo que ela oferece: “a sua capacidade de análise e de avaliação de um infindável número de aspectos que dizem respeito a sua experiência escolar” (Amorim e Azevedo, 2017, p. 94).

Na socialização dos/as jovens implica ouvir:

> Importa dizer, contudo, que as crianças e os jovens, como qualquer outra pessoa ou grupo de pessoas, não são detentores da verdade, nem as suas vozes devem ser sacralizadas. Cada um tem a sua perspectiva, que é histórica e culturalmente situada (Lave e Wenger, 1991); logo, deve ser parte de um diálogo frontal, democrático, em liberdade. Mais do que com as tecnologias, não só os alunos mas também muitos dos seus professores são nativos da liberdade (Amorim; Azevedo, 2017, p. 94).

Há possibilidades de sonhar com o futuro de uma escola, segundo o autor. “É importante sublinhar que nem tudo na escola é negativo, que as visões dos estudantes sobre a escola e os/as professores/as não são derrotistas. É importante não perder de vista que o que lhes foi pedido por nós foram ideias para melhorar a educação”

(Amorim e Azevedo, 2017, p. 94).

Estudantes preocupados/as com a melhoria da educação e na luta para que seus direitos fossem ouvidos/as ocuparam escolas públicas de São Paulo, procuraram dar visibilidade ao movimento através das tecnologias e redes de informação, neste artigo de Romancini e Castilho (2017), relataram o contexto de mobilização das juventudes tendo como resultado o engajamento estudantil e a luta política.

> Foi possível estabelecer relações entre os estudantes e a utilização das mídias, estabelecendo um novo conceito na voz dos Jovens". Muitos dos jovens produtores de mídia puderam, como vimos, aproximar seus interesses culturais ao movimento estudantil, o que faz com que possamos dizer, afinal, que a *política participativa* é um conceito importante ecodizente para compreender a mobilização (Romancini; Castilho, 2017, p. 107).

Segundo Romancini e Castilho (2017) abordam o papel crucial da escola na promoção de uma cultura democrática e participativa entre os/as jovens. Para que isso ocorra, é necessário que a instituição escolar desenvolva práticas pedagógicas e estruturas curriculares que estimulem o envolvimento político consciente e crítico dos estudantes, permitindo que eles participem ativamente de decisões e reflexões que impactam suas vidas e a sociedade.

> É somente com elevada noção democrática que a próprioinstituição escolar, como um todo, poderá estimular e promover a política participativa entre os jovens. O que pode ser pensado em termos de práticas pedagógicas e estruturas curriculares. O diálogo da escola com essa forma de participação seria importante para qualificá-la, de modo a também contornar possíveis limites e riscos, como o da apropriaçãoapenas pelos estudantes de grupos social e economicamente privilegiados, assim comoo seu uso como manifestação de narcisismo juvenil – até mesmo na expressão de ideias incoerentes ou discursos políticos de ódio (Romancini; Castilho, 2017, p.108).

O texto também expressa a importância do diálogo da escola com essas formas de participação juvenil, não apenas para incentivá-las, mas também para qualificá-las. Isso inclui a necessidade de evitar riscos como a exclusão de estudantes de grupos menos privilegiados, que poderiam ser deixados de lado em espaços dominados por jovens de contextos socioeconômicos mais favorecidos. Além disso, alerta para o perigo da participação ser distorcida, seja pela expressão de discursos incoerentes, narcisismo juvenil ou até mesmo pela propagação de discursos de ódio.

Portanto, a escola, ao fomentar a participação política, deve fazê-lo com uma abordagem democrática, inclusiva e educativa, garantindo que todos os estudantes

sejam ouvidos, compreendam as implicações de suas ações e desenvolvam habilidades para dialogar e construir soluções coletivas. Dessa forma, a escola se torna um espaço de formação cidadã, comprometido com a igualdade e o respeito às diferenças.

De acordo com os autores Romancini e Castilho, "A política participativa é definida por Cohen e Kahne como 'atos interativos, baseados em pares, através dos quais indivíduos e grupos procuram exercer voz e influência nas questões de interesse público'" (Romancini e Castilho, 2017, p. 99).

A escola deve ser um ambiente acolhedor e voltado para a educação de prevenção do HIV, conforme o artigo de Anjos, Fonseca e Silva (2018), que analisaram as vivências e o silenciamento escolar diante das temáticas HIV/AIDS e a falta de investimento para que os/as professores/as trabalhem com a inclusão e o respeito.

> Afirmações tais como: "seria um desafio"; "me olhariam com outros olhos"; "não sou coitadinho"; "não estou morrendo", apontam para a reivindicação de respeito e não vitimização frente a uma nova condição de se viver. Como exemplo, vejamos algumas afirmações dos participantes que apontam para os sentidos encontrados (Anjos; Fonseca; Silva, 2018, p. 286).

A citação de Anjos, Fonseca e Silva (2018) reflete a busca por dignidade e respeito de indivíduos que vivem em condições desafiadoras, rejeitando qualquer abordagem que os coloque como vítimas ou os reduza a um estado de vulnerabilidade extrema. As frases "não sou coitadinho" e "não estou morrendo" revelam uma postura de resistência e afirmação, onde os participantes da pesquisa expressam o desejo de serem reconhecidos como sujeitos plenos, capazes de construir sentidos e significados em suas vidas, mesmo diante de adversidades.

Essa perspectiva aponta para uma nova forma de entender essas condições de vida, focada na valorização da autonomia e da capacidade de ressignificar experiências. O trecho também sugere a importância de ouvir e valorizar as vozes dessas pessoas, compreendendo-as como protagonistas de suas histórias, ao invés de serem vistas apenas sob o prisma da fragilidade ou da compaixão. Isso promove um olhar mais inclusivo e humanizador, essencial em contextos sociais e educacionais. Os/as autores/as trazem relatos de jovens estudantes com HIV, destacando a necessidade de compreender suas realidades e respeitar sua autonomia:

> Eu acho que sim, pelo que eu conheço minha turma, sim, eu estaria mais exposto, perante as conversinhas fiadas, e são tipos de pessoas que se separam mesmo [...] prefiro não falar pra evitar problemas, também pra ninguém ficar em cima de mim perguntando: "e aí, como você tá", todos os

> dias, até mesmo porque eu não to morrendo [...] alguns colegas iriam se separar de mim, por isso prefiro manter como está (Ngongang, 22 anos). (Anjos; Fonseca; Silva, 2018, p. 287).

A citação de Anjos, Fonseca e Silva (2018) ressalta a importância de humanizar as instituições de ensino para que estas compreendam sua responsabilidade no enfrentamento das vulnerabilidades juvenis. As autoras afirmam que as escolas devem se engajar ativamente na luta contra as desigualdades e desafios enfrentados pelos/as jovens, proporcionando um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

Em consonância com essa perspectiva, as autoras Santos e Sales (2021) discutem a relação entre juventude, projetos de vida e filosofia, apontando como o meio em que os/as jovens vivem influencia suas percepções e formação. Embora pertencentes à mesma faixa etária, o contexto social e cultural dos estudantes pode ter impactos profundos sobre seus projetos e aspirações de vida. A reflexão sobre o ensino da filosofia é crucial, pois ela oferece ferramentas para que os/as jovens desenvolvam suas capacidades argumentativas e críticas, fundamentais para o exercício da cidadania e para a construção de projetos de vida mais conscientes.

As autoras Santos e Sales (2021) também destacam a complexidade da juventude, afirmando que ela é um "universo de imbricamentos", em que as relações sociais com a família, escola e trabalho influenciam o modo como os/as jovens se percebem e são percebidos pela sociedade. Isso enfatiza a necessidade de olhar para os/as jovens de forma integral, considerando tanto suas individualidades quanto as dinâmicas sociais em que estão inseridos.

Além disso, as autoras refletem sobre a filosofia no currículo do Ensino Médio, destacando que, apesar de ser um componente obrigatório, ela está sob ameaça devido às reformas educacionais e ao atual contexto político-social. A filosofia, segundo elas, deve ser vista não apenas como uma disciplina obrigatória, mas como um campo essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e da reflexão sobre a realidade, elementos fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e engajados.

A escola, como apontado, é uma porta de acesso a oportunidades, e sua responsabilidade é não apenas fornecer conhecimento técnico, mas também formar indivíduos críticos, autônomos e conscientes de seu papel na sociedade. As autoras afirmam que é essencial compreender a juventude como um sujeito singular e social, capaz de desenvolver uma argumentação sólida e de se envolver ativamente na

construção de um futuro melhor:

> [...] mesmo sendo considerada uma categoria social, a juventude agrupa pessoas que mesmo estando em determinada faixa etária, há uma multiplicidade de vivências que interferem diretamente nessa forma de ser jovem. Nesse sentido é importante pensar a(s) juventude(s) ou olhar esses sujeitos como singulares e ao mesmo tempo sociais, que têm como modos de expressão a cultura juvenil, além de partir da ideia que são sujeitos de direitos (Santos; Sales, 2021, p. 43).

O rádio possibilita estarmos conectados com as diversas informações, permite ouvir vozes, compartilhar histórias e viajar no imaginário. É um meio de comunicação gratuito. Para tal temática, Golobovante (2022) pesquisou para seu artigo sobre o Projeto Rede de Informação Comunitária da Implantação da Web Rádio Palafita, na maior favela de palafitas da América Latina. Após três anos, foi possível começar a ouvir e a entender a pluralidade das vozes dos moradores da favela, identificando que vozes dominantes, como as de traficantes, líderes políticos e religiosos, são muitas vezes fatores determinantes no processo social.

> Portanto, essa mesma região pode se transformar em lugar deregeneração a partir de uma abordagem também sistêmica de seus problemas, que só podem ser enfrentados com a efetiva participação de seus moradores. E é aí que a comunicação, como ferramenta, estratégia e política, pode se tornar um catalisador das demandas e vozes da comunidade, gerando um "hub" de participação para que seus problemas possam ser enfrentados, de forma que as soluções acordadas possam ganhar escala na medida em que o projeto receba investimentos (Golobovante, 2022, p. 50).

A citação de Golobovante (2022) aborda a potencial regeneração de uma região específica por meio de uma abordagem sistêmica, que considera a complexidade dos problemas locais e a necessidade de soluções integradas. O ponto central é a efetiva participação dos moradores, reconhecendo-os como agentes essenciais na identificação, discussão e resolução dos desafios que enfrentam.

Nesse contexto, a comunicação é destacada como um elemento estratégico, funcionando como uma ferramenta capaz de articular as demandas, amplificar as vozes da comunidade e promover o diálogo entre os diversos atores envolvidos. A ideia de criar um 'hub' de participação reflete a intenção de estabelecer um espaço coletivo onde as pessoas possam colaborar para desenvolver soluções que sejam não apenas acordadas, mas também sustentáveis e escaláveis, à medida que os projetos locais atraiam investimentos e recursos. Isso reforça a importância de unir engajamento

comunitário, comunicação eficiente e apoio externo para transformar realidades sociais.

Para a autora, “Se o rádio é produto dessa interação semiótica, a web rádio, por seu caráter móvel, descentralizado e interativo, gera potência e significa para o meio sonoro e nos faz pensar nela como um amplificador do entrelaçamento de vozes que ali escutamos” (Golobovante, 2022, p. 54). Assim, O projeto da web rádio Palafita é, de fato, um meio de comunicação comunitário.

Em tempos de ameaças, em que as escolas estão sendo transformadas em espaços cívico-militares, a presença constante da Polícia Militar nas escolas, como será o caso no Meira a partir de novembro, torna ainda mais urgente a necessidade de entrar nessas instituições e estabelecer relações com os/as jovens. Isso permitiria a criação de espaços ampliados para a expressão coletiva de seus talentos e desejos, além de proporcionar o exercício da cidadania e de poder. Nesse contexto, a web rádio Palafita pode ser vista como um território para as performances vocais dos/as jovens, seus desejos simbólicos e imaginários, e uma brecha de resistência contra as imposições normativas do neoliberalismo (Barbosa; Faustini; Silva, 2012; Golabovante, 2022).

Ecoar a voz dos/as jovens, aumentar o conhecimento, ouvi-los sobre temas diversificados, também é assunto escolar. Possibilitar aos/às jovens debaterem e dialogarem sobre determinados assuntos, construindo o desenvolvimento de uma reflexão sobre comportamentos sociais e emocionais, corrobora para o melhor pedagógicas incorporam as experiências e os saberes dos alunos como parte fundamental da construção do conhecimento.

Pesquisar sobre a voz das juventudes requer destacar a importância de convívio possível na sociedade.

De maneira geral, dar voz aos estudantes é proporcionar momentos de diálogo e torná-los protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. Por meio do diálogo, é viável ampliar as visões dos indivíduos sobre o mundo, promovendo mudanças que vão além dos limites da escola.

A escola, enquanto espaço formal, não pode se limitar ao papel de reprodutora de conteúdos acadêmicos, mas deve também ser um local de troca, onde as vozes dos/as jovens, com suas especificidades e desafios, sejam ouvidas e respeitadas. Esse reconhecimento contribui para uma educação mais inclusiva, e podem tornar os/as jovens como protagonistas na sociedade.

Suas participações ativas em processos decisórios e espaços de diálogo são

fundamentais para promover mudanças sociais, culturais e educacionais. Escutar suas vozes significa valorizar suas perspectivas e contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva e plural. O fortalecimento das juventudes como agente transformador é um passo essencial para enfrentar desafios contemporâneos e garantir um futuro mais equitativo.

Através das categorias temáticas de estudo “Jovens e juventudes’’, “Educação escolar” e “A voz das juventudes”, foi possível analisar cada artigo com seus protagonistas, corroborando para a estruturação e análise das pesquisas relacionadas ao papel dos/as jovens na educação.

Na primeira categoria de estudo, “Jovens e juventudes”, foi possível perceber as diferentes identidades, culturas e experiências doas/as jovens, reconhecendo suas diversidades, singularidades e a importância de suas subjetividades.

Para uma análise da educação escolarizada com os/as jovens, foi criada a segunda categoria de estudo, “Educação escolar”, abordando como a escola interage com essas juventudes, através dos currículos, práticas pedagógicas e ambiente escolar.

De acordo com a terceira categoria de estudo, “A voz das juventudes”, foi destacada a importância de ouvir e valorizar as perspectivas dos/as jovens como agentes ativos de transformação.

O estudo por categorias interconectadas facilita a compreensão dos assuntos ao organizar e estruturar o conhecimento de forma mais clara e sistemática. Essa abordagem permite identificar relações entre diferentes aspectos de jovens, juventudes e a educação escolar, promovendo um entendimento mais aprofundado e integrado. Além disso, torna mais acessível à análise de temas complexos, permitindo conexões críticas entre teoria e prática. Assim, o aprendizado se torna mais significativo e direcionado, contribuindo para a evolução da práxis educacional e para uma atuação mais efetiva no contexto escolar.

Através dessas categorias interconectadas, foi possível um entendimento amplo e crítico sobre jovens, juventudes e a educação escolar, além de possibilitar o aprendizado com eles, aproveitando todo o conhecimento que possuem e como podem contribuir para o desenvolvimento da práxis educacional e da sociedade.

Segue a nuvem de palavras baseada nas categorias deste estudo.

Figura 2 - Nuvem de palavras baseado nas categorias da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção nesta pesquisa foi refletir as vozes das juventudes em suas diversas dimensões da realidade, com especial atenção às unidades escolares. Consideramos os elementos característicos dos grupos juvenis, formados por estudantes da educação básica. Torna-se relevante dar continuidade às investigações sobre as vozes das juventudes estudantis e explorar a possibilidade de tecer redes de ação conjunta entre os diferentes segmentos das unidades escolares.

A proposta deste estudo baseia-se na pedagogia dialética de Paulo Freire, Carlos Brandão e nas ideias de Juarez Dayrell. Evidenciamos que as vozes dos/as jovens representam a possibilidade de um diálogo problematizador, desenvolvido em rodas de conversa e em diversos espaços — escolares, religiosos, políticos e digitais utilizando as tecnologias para promover interação, comunicação e participação no contexto social.

Abordamos o tempo histórico, cultural e social, observando importantes avanços nas políticas públicas, sustentadas pelo poder da fala, da escuta e do diálogo. Essas práticas concretizam a efetivação das vozes juvenis, facilitando a compreensão das realidades investigadas. Nesse sentido, os estudos realizados demonstraram a pluralidade de formas de expressão, tanto coletivas quanto individuais, mas apontaram a necessidade de avanço na compreensão do equilíbrio entre o ser coletivo e o ser individual. Esse equilíbrio é essencial para que os/as jovens desenvolvam sua subjetividade, um aspecto fundamental para sua autonomia nas diversas facetas apresentadas.

Os grupos juvenis, geralmente formados por pessoas da mesma faixa etária, estabelecem relações que refletem suas vivências e concepções de vida. Os artigos analisados destacaram as diferentes fases do desenvolvimento humano, enfatizando a juventude como princípio central na construção da identidade. A família aparece como a instituição mais importante nesse processo, o que reforça a necessidade de estudos que promovam a articulação entre família e escola, com um compromisso mútuo na formação das juventudes.

A revisão de literatura, realizada com base em artigos disponíveis na Plataforma CAPES, utilizou descritores como "juventude", "voz" e "escola". Os resultados indicaram a presença do protagonismo juvenil e das narrativas que enfatizam

o poder de voz dos/as jovens. A educação escolar, ao se conectar com os/as estudantes, incentiva a participação, a transformação social e a troca de saberes entre os diferentes atores sociais, considerando o espaço territorial a qual pertence. A escola pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de competências diversas nas crianças, promovendo mudanças que ampliem sua participação no processo de reestruturação educacional e social.

As manifestações juvenis são evidenciadas em diversas formas de linguagens e movimentos culturais, muitas vezes como expressões de resistência no contexto social atual. As mudanças geraram visibilidade, mediando diferentes dimensões da vida social, que funcionam como espaços de expressão para os/as jovens.

As vozes juvenis são fios condutores para o anúncio de mudanças político-educacionais, mudando experiências e contribuindo para soluções mais humanas nas unidades escolares. Essa abordagem estimula aprendizagens que extrapolam os muros da escola e da família, promovendo um processo mais amplo de humanização.

Embora as gerações jovens tenham grande familiaridade com as tecnologias, os estudos revelam um paradoxo. Por um lado, as tecnologias conectam os/as jovens ao mundo; por outro lado, distanciá-los da realidade offline e limitar suas interações presenciais. Nossas ações buscam promover impactos sociais significativos, valorizando as perspectivas e contribuições dos/as jovens para construir uma sociedade mais inclusiva e engajada.

Baseando-se nos pensamentos de Freire e Brandão, que destacam a importância de uma educação reflexiva e participativa, compreendemos que a conscientização sobre a realidade ocorre pela mediação educacional. Com novas concepções metodológicas, é possível construir um mundo melhor ao valorizar o poder da fala e da escuta, especialmente a voz dos/as jovens, como elementos centrais nesse processo transformador.

Constatamos que o poder da voz juvenil promove a participação e a transformação social, ao permitir trocas de conhecimentos entre diferentes atores sociais. Assim, a educação escolar pode valorizar as experiências e saberes dos estudantes, apoiando-os como agentes de transformação e protagonistas de suas vidas.

Com a democratização da educação brasileira pela Constituição Federal de 1988, a voz dos/as jovens ganhou espaço, rompendo com a visão tradicional de ensino vertical e autoritário. Isso viabilizou uma relação horizontal e respeitosa, que valoriza a diversidade de saberes e estimula a participação ativa no processo educativo.

No entanto, ainda existem lacunas sobre como garantir a presença constante da voz juvenil na sociedade. Muitos artigos apontam que essas vozes são frequentemente silenciadas. Apesar disso, há avanços políticos que oferecem maior visibilidade aos jovens, permitindo a construção de novos espaços criativos e laborais para as gerações emergentes.

Tenho buscado em minha atuação na área da educação junto aos estudantes juvenis compreender maneiras de contemplar os assuntos propostos, trazendo para a escola reflexões que possam ilustrar diferentes formas de ouvir a voz dos/as jovens, que o diálogo se perpetue em todos os lugares, seja na escola, na família ou na sociedade.

Os resultados indicam a necessidade de maior atenção e desenvolvimento da prática de diálogo a partir da voz dos/as jovens estudantes na educação escolar, seja formal ou não formal, em instituições públicas ou particulares de ensino e em projetos sociais. Essa abordagem aponta para a ampliação do conceito de educação, permitindo a exploração de novos espaços territoriais e temporais. A partir de nossas experiências e reflexões, tornou-se evidente para nós, professores/as, que desconhecemos, muitas vezes, os contextos vívidos por cada jovem, especialmente no ambiente familiar.

A voz dos/as jovens e a educação escolar desenvolveram-se significativamente para esta dissertação, especialmente no desenvolvimento da autonomia, na construção de percursos relacionados ao tema e na formulação de questionamentos que enriqueceram a pesquisa.

Por meio do desenvolvimento das seis subseções: “A voz que não quer calar”, “Juventude, tecnologias e protagonismo construindo uma educação inclusiva e transformadora”, “A padronização da sociedade de forma discriminatória”, “Períodos transitórios juvenis e suas confluências”, “Escolas como meio de conexão das juventudes” e “Currículo escolar e suas diversidades”, foi possível anunciar e analisar temas relevantes à vida das juventudes em relação à educação escolar.

Na primeira subseção “A voz que não quer calar”, destacou-se a importância de ouvir e valorizar as perspectivas e demandas dos/as jovens, apoiando-os como agentes de transformação. Na segunda subseção “Juventude, tecnologias e protagonismo construindo uma educação inclusiva e transformadora”, analisou como tecnologias, protagonismo juvenil e um ambiente acolhedor promovem uma educação inclusiva e transformadora.

A terceira subseção, “A padronização da sociedade de forma discriminatória” analisa como estruturas padronizadas na educação perpetuam exclusões e desigualdades, limitando a diversidade juvenil. A quarta subseção “Períodos transitórios juvenis e suas confluências”, discutiram-se os desafios e oportunidades enfrentados pelos/as jovens em momentos de transição, como a passagem para a vida adulta e suas implicações educacionais.

A quinta subseção “Escolas como meio de conexão das juventudes” explorou o papel da escola como espaço de interação, inclusão e construção coletiva, conectando diferentes culturas juvenis. Por fim, a sexta aubseção “Currículo escolar e suas diversidades”, estudou-se a necessidade de currículos mais inclusivos, que considerem as diversidades culturais, sociais e identitárias dos/as jovens..

Os artigos analisados foram organizados em categorias de estudo, permitindo que as análises refletissem perspectivas complementares sobre a relação dos/as jovens com o sistema educacional, explorando suas vivências, demandas e contribuições. A categoria “Jovens e Juventudes” tratou de questões identitárias e socioculturais, destacando a pluralidade das juventudes em seus contextos específicos.

A segunda categoria “Educação Escolar” analisa o papel da escola como espaço de formação, interação e construção de conhecimento. Já a categoria “A Voz das Juventudes” enfatizou a importância de considerar as opiniões e contribuições dos/as jovens, liberando-os como agentes ativos e transformadores.

As categorias e subseções estruturaram a análise, evidenciando a complexidade e relevância das juventudes na construção de uma educação mais equitativa e transformadora. Essa organização possibilitou uma compreensão mais aprofundada de como os/as jovens percebem e interagem com o ambiente escolar, destacando tanto as potencialidades quanto os desafios de incorporar suas perspectivas na construção de uma educação mais inclusiva e participativa.

Convido os leitores e as pessoas em geral a confiar nos/nas jovens estudantes, valorizando suas inúmeras qualidades e potencialidades. Cabe a nós garantir que suas vozes sejam ouvidas, abrindo caminho para a transformação de paradigmas antigos em novas oportunidades.

Devemos nos posicionar de forma responsável, rompendo com práticas históricas de exclusão que deslegitimam a participação doas/as jovens como cidadãos plenos, capazes de influenciar as mudanças possíveis para a construção de uma sociedade mais justa. O respeito aos/as jovens é fundamental, pois deles surge a

oportunidade de reestruturar o mundo sob uma visão renovada e inclusiva.

Não posso deixar de enfatizar o quanto cresci como pessoa e profissional ao cumprir os objetivos desta formação, especialmente no que se refere à reflexão sobre práticas pedagógicas e incorporação de metodologias inovadoras no ensino-aprendizagem.

Os objetivos propostos nesta pesquisa foram cumpridos, proporcionando uma análise aprofundada sobre a relação dos/as jovens com a educação escolarizada. O objetivo geral, de compreender as percepções dos/as jovens sobre essa relação e como elas influenciam suas experiências e perspectivas educacionais, foi atendido por meio da análise de 25 artigos selecionados, que revelaram diversas visões e contribuições dos estudantes.

Em relação aos objetivos específicos, realizou-se um levantamento de pesquisas na área de Educação e Juventude, seguido de uma revisão específica sobre a voz dos/as jovens estudantes do ensino médio, consolidando uma base teórica robusta. O estudo permitiu identificar o pensamento dos/as jovens sobre sua realidade. As análises destacaram seus posicionamentos sobre a vivência escolar, evidenciando demandas, desafios e aspirações.

Quanto ao papel da escola e da comunidade escolar, destacou-se a importância de práticas educativas que valorizem as vozes e potencialidades dos estudantes. Essas iniciativas fortalecem seu protagonismo e contribuem para uma educação mais inclusiva e transformadora.

Os resultados alcançados não apenas atenderam aos objetivos traçados, mas também aprofundaram o entendimento sobre as possibilidades de transformar a educação escolar a partir das percepções e demandas dos próprios/as jovens estudantes, contribuindo significativamente para toda a comunidade educacional.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Nathalia Franco; PIMENTEL, Monique Bahr; LIMA, Márcia Regina Canhoto de; LIMA, José Milton de. A sociologia da infância como suporte para os professores: a criança e a essência do brincar. **Colloquium Humanarum**, [S.L.], v. 13, n. 04, p. 6-10, 10 dez. 2016. Disponível em: https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1835/1784. Acesso em: 25 abr. 2024.

AMORIM, José Pedro; AZEVEDO, Joaquim. As lições dos alunos: o futuro da educação antecipado por vozes de crianças e jovens. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 61-97, 1 jan. 2017. Disponível em: https://journals.ucp.pt/index.php/investigacaoeducacional/article/view/3434. Acesso em: 22 abr. 2024.

ANJOS, Degmar Francisco dos; FONSECA, José Henrique Monteiro da; SILVA, Jessika Karoliny Ostelony da. SENTIDOS DE JOVENS VIVENDO COM HIV FRENTE AOS ESTIGMAS, PRECONCEITOS E VULNERABILIDADES EM AMBIENTE EDUCACIONAL. **Revista Prática Docente**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 279-294, 26 jun. 2018. Disponível em: https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/615. Acesso em: 17 abr. 2024.

ARAÚJO, Lia; FIGUEIREDO, Maria; AMANTE, Maria João; JALES Ribeiro, Esperança. As potencialidades do photovoice enquanto metodología participativa na formação de Educadores Sociais. **Revista de Estudios e Investigación En Psicología y Educación**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 072-075, 10 nov. 2015. Disponível em: https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/3425. Acesso em: 11 maio 2024.

ARROYO, Miguel Gonzales. **Outros sujeitos, Outras Pedagogias**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

ARROYO, Miguel Gonzales. **Passageiros da Noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BORGES, Luís Paulo Cruz. JUVENTUDES EM TRÂNSITO: notas etnográficas sobre a relação dos estudantes do ensino médio com o conhecimento escolar.. **E-Mosaicos**, [S.L.], v. 7, n. 15, p. 20-32, 31 ago. 2018. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/34444. Acesso em: 15 maio 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação? Educações**: aprender com o índio, São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Tatuapé: Editora Brasiliense, 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pensar a prática**. São Paulo: Editora Loyola, 1990.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 mai. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em: 16 maio 2024.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 16 maio 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 maio 2024.

CARNEIRO, Cristianne Teixeira; BEZERRA, Maria Augusta Rocha; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; SANTOS, Kathia Raquel Piauilino; CARVALHO, Francimeiry Santos. A filosofia dos jovens sobre o ser jovem: uma pesquisa sociopoética. **Holos**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 254-266, 3 fev. 2015. Disponível em: https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1935. Acesso em: 20 maio 2024.

CAVALIERE, Ana Maria**. Escola de tempo integral versus alunos em tempo integral**. Em aberto, v. 21, n. 80, 2009.

CHECA, Maria Eduarda Parizan, SCISLESKI, Andrea. **O silêncio como discurso**: o projeto de lei "escola sem partido" e a invisibilidade da juventude lgbt na lógica da mordaça. PUC, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/6370159/maria-eduarda-parizan-checa. Acesso em 14 de jun. 2024.

CURY, Augusto. **Você é Insubistituível**. São Paulo-SP: Sextante, 2002.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sociocultural**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez. **Juventude(s): Trilhando novos caminhos**. Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 62).

DAYRELL, Juarez, MOREIRA. Maria Ignez Costa Moreira. STENGEL Márcia. **Juventudes Contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011.

DAYRELL, Juarez, MOREIRA. Maria Ignez Costa Moreira. STENGEL Márcia. A escola "faz" as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100 especial, São Paulo, 2007, p. 1105-1128.

DAYRELL, Juarez, MOREIRA. Maria Ignez Costa Moreira. STENGEL Márcia. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DAYRELL, Juarez, MOREIRA. Maria Ignez Costa Moreira. STENGEL Márcia. **O jovem como sujeito social**. Universidade Federal de Minas Gerais,Faculdade de Educação, Set /Out /Nov /Dez 2003 No 24. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 12 de mai. 2024.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço social. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César Rodrigues (Orgs.). **Juventude e escolarização**: uma relação em questão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

EVANGELISTA, Rodolfo Victor Cancio; DIAS, Mariele Ribeiro; RESENDE, Fernanda Mendes. Educação libertadora e juventude: uma intervenção psicossocial com alunos do ensino médio. **Pretextos**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 271-290, jul./dez.
2020. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/22241. Acesso em: 23 maio 2024.

ALEIRO, Wender; PUENTES, Roberto Valdes; ARAGÃO, Milena Cristina. Influências do Ensino Médio nas perspectivas de futuro de seus estudantes. **Educação**, Universidade Federal de Santa Maria, vol. 41, núm. 2, p. 411-423, 2016. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/1171/117146405011/html/. Acesso em: 23 maio 2024.

FERNANDES, Dorgival Gonçalves. A juventude estudantil moderna na confluência da contemporaneidade. **Revista Eletrônica de Educação** , São Carlos, v. 3, pág. 776-791, set./dez. 2018. Disponível em: https ://www .reveduc .ufscar .br /index .php /reveduc
/article /view /2072 /735 . Acesso em: 25 maio 2024.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. UEC, Fortaleza: Apostila 2002.

FRANÇA, Daniel de Souza; VOIGT, Jane Mery Richter. Ensino Médio Integral em Tempo Integral: competência socioemocional para uma educação integral?. **Reflexão e Ação**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 6-20, 30 maio 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1982-
99492022000200006&script=sci_arttext. Acesso em: 25 maio 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 25ª edição, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 42.ª edição, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLOBOVANTE, Maria. Web Rádio Palafita: quais vozes falam pelo dique da vila gilda em Santos - SP?. **Boitatá**, [S.L.], v. 17, n. 33, p. 47-55, 17 out. 2022. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/46729. Acesso em: 20 jun. 2024.

GUERREIRO, Luiza Regina Florêncio dos Santos. **A Vez a Voz de Jovens sobre Educação Escolar: Uma Pesquisa Bibliográfica.** 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7503181. Acesso em: 12 abr. 2024.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: GODOY, Arnaldo (Org.). **Juventude e cultura na contemporaneidade** . São Paulo: Editora Brasil, 2007. p. 44-55. Disponível em: https ://criancaeconsumo .org .br /wp -content /uploads /2014 /02 /140165062 -revista -2007 .pdf #page =43 . Acesso em: 29 jun. 2024.

LACERDA, Wania Maria Guimarães. Estudantes de camadas populares e a afiliação à universidade pública (Students from working classes and their affiliation to the public university). **Revista Eletrônica de Educação**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 572-587, 10 maio 2019. Disponível em: https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2541. Acesso em: 29 jun. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de. MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Florianópolis- SC, v.10, São Paulo, 2007.

VOLMER, Lovani; CARVALHO, Ana Candida; SANTOS, Luciano; VAN LEEUVEN, Leonardo. Voz da juventude nos interstícios narrativos. **Gláuks - Revista de Letras e Artes**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 254-273, 24 abr. 2020. Disponível em: https://revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/127. Acesso em: 1 jul. 2024.

LUIZ, Maria Cecília; SILVA, Flávio Caetano da; BENGTSON, Clarissa Galvão. Análise do discurso nas pesquisas em educação: perspectivas foucaultianas (discourse analysis in education research. **Revista Eletrônica de Educação**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 425-437, 10 maio 2019. Disponível em: https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3354. Acesso em: 23 maio 2024.

MARTINS, Angela Maria. Autonomia e educação: a trajetória de um conceito. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], n. 115, p. 207-232, mar. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/KSQ4hkbkNcZT9tqJSQVJRSq/?format=html&lang=pt. Acesso em: 25 maio 2024.

MELO, Luciano Plez de; SALLES, Leila Maria Ferreira. ESCOLA, JUVENTUDE E PERSPECTIVAS DE FUTURO: alguns apontamentos. **Cadernos Cedes**, [S.L.], v. 40, n. 110, p. 86-96, mar. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WZbyKMkFTsqwYrDPkZtWHVH/?lang=pt. Acesso em: 15 maio 2024.

MENEZES, Roni Cleber Dias de; SILVA, Vivian Batista da. Ensinar longe da escola: ensaio sobre as representações em e. durkheim e r. chartier. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 36, n. 105, p. 321-335, ago. 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/rZK9wVSSZT4QT8FWhsBqzRP/. Acesso em: 10 maio 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

PACHECO, Raquel. **Nós também temos voz**: dinâmicas e movimentos em análise. PUC. Ponta Grossa – PR, 2011. Disponível em: https://sapientia.ualg.pt/entities/publication/f09282a9-c4dd-4377-8e9c-ea32d696ff0e. Acesso em: 26 abr. 2024.

RAUTER, Mariana. SALLES, Leila Maria Ferreira. **Concepções sobre as fases da vida na comunidade escolar pelas vozes da infância e adolescência contemporânea**. UNESP. Rio Claro, 2012. Disponível em: https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/287. Acesso em: 22 jun. 2024.

RODRIGUES, Beatriz Batistela. **Educação Popular e experiências estéticas**: a pedagogia do cinema vai ao sistema socioeducativo fluminense. Universidade Federal Fluminense – RJ. 2022. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/5950. Acesso em: 14 de jun. 2024.

ROMANCINI, Richard. CASTILHO, Fernanda. **Como ocupar uma escola?**: política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil. USP. São Paulo, 2017. https://repositorio.usp.br/item/002867490. Acesso em: 22 de abr. 2024.

SANTA CATARINA. **Proposta curricular de Santa Catarina** (Educação infantil, Ensino Fundamental e Médio: temas Multidisciplinares). Florianópolis: COGEN, 2005.

SANTOS, Priscila Gomes dos; SALES, Christianne Thereza de Almeida. Os sentidos do ensino de filosofia para juventudes: narrativas de jovens do ensino médio / the meanings of philosophy teaching for youth. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 7, n. 4, p. 43037-43052, 29 abr. 2021. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/28996. Acesso

em: 12 jun. 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Alessandra Amaral da; MICHEL, Caroline Braga. "A GENTE SEMPRE TEM UMA CONVICÇÃO MUITO MAIOR DO QUE VAI FAZER AOS 20 DO QUE COM 15 ANOS": a juventude como .:imaturidade:: .. **Educere Et Educare**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 1-21, 29 ago. 2018. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/16297/13156. Acesso em: 20 jun. 2024.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp** , v. 43, pág. 64-83, 2021. Disponível em: https ://revistas .fucamp .edu .br /index .php /cadernos /article /view /2336 . Acesso em: 1 jun. 2024.

SOUSA, Fabiana Rodrigues de; VASCONCELOS, Valéria Oliveira de. Paulo Freire e Educação Popular: práxis descolonizadoras em tempos neoconservadores. **Reflexão e Ação**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 07-22, 21 mar. 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1982-99492022000100007&script=sci_arttext. Acesso em: 12 jun. 2024.

SOUZA, Maria Deuselena Dias de; JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O ensino de educação brasileira: recortes de leis que deram voz à formação escolar de jovens no brasil. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 56511-56528, 10 ago. 2022. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/51041. Acesso em: 7 set. 2024.

STRECK, Danilo Romeu. Ecos de Angicos: temas freireanos e a pedagogia atual. **Pro-Posições**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 83-101, dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/4m9kQFrKk4BRpSq5mjs7RNL/. Acesso em: 20 ago. 2024.

VASCONCELOS, Valeria Oliveira. AYALA, Rita. Marcia. Pesquisa-ação e Educação Popular: pertinências e impertinências. In: BISSOTO, Maria Luisa; MIRANDA, Antonio Carlos. (Org.). **Metodologias em educação sociocomunitária**. 1ª. Ed. Jundiaí: Paco Editorial, v. 1, 2016, p. 63-92.

7. APENDICE A: QUADRO 9 - ARTIGOS DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA COM SEUS RESUMOS E PERIÓDICOS

Ano	Título	Autor	Resumo	Periódico
2011	Nós também temos voz: dinâmicas e movimentos em análise	PACHECO, Raquel	Relata um trabalho de campo desenvolvido durante pesquisa realizada numa escola pública na cidade de Lisboa, foi utilizado o cinema como meio para reflexão sobre a violência, cidadania e juventude. A intenção foi tentar perceber, através de alguns filmes, por um lado o movimento que ocorre quando o cinema de ficção aborda a temática da realidade de crianças e jovens pobres e excluídos, trazendo a vida destes jovens para as telas; por outro lado, a visão que os jovens têm destes filmes, utilizando o cinema como meio para que eles pudessem se sentir estimulados para externalizar o que pensam, sentem e veem. Para entenderem o olhar dos jovens, foi desenvolvido uma pesquisa etnográfica, durante seis meses, e utilizado como "campo" uma escola secundária situada dentro da zona urbana de Lisboa. O objetivo dessa investigação foi perceber como os jovens se veem e pensam ser vistos pela sociedade (o que inclui o cinema, as mídias etc.) da qual fazem parte. Foi utilizado como ferramenta de registro de pesquisa, por parte da autora, um "diário de bordo" retratando o dia a dia na escola. A filosofia deste trabalho de campo baseou-se na pedagogia dialética de Paulo Freire. É através do diálogo problematizante desenvolvido principalmente após a exibição de filmes, nas aulas e nos encontros, de uma maneira geral, que foi feito o questionamento e a problematização, e a partir de questões, opiniões e ideias foi realizado um vídeo. Através da educação para, com e sobre as mídias, foi utilizado conceitos de comunicação, educação e participação, trabalhando temáticas relacionadas ao dia a dia destes jovens. O produto final deste projeto foi um documentário em que os alunos foram os protagonistas em todas as etapas de realização: da pré-produção até a conclusão do trabalho.	Olhar de Professor
2012	Concepções sobre as fases da vida na comunidade escolar pelas vozes da infância e adolescência contemporânea	RAUTER, Mariana / SALLES, Leila Maria Ferreira	O objetivo deste texto é investigar os sentidos e concepções sobre a infância e a adolescência que vigoram na sociedade atual. Procuramos discutir como a tutela e a consequente autonomia e independência que crianças e adolescentes desfrutam estão sendo configuradas. Para tanto foram entrevistadas quatro crianças e quatro adolescentes. Esse estudo possibilitou- nos perceber que jovens e crianças, ao caracterizarem as três fases da vida, reproduzem em suas falas características universalizadas. Infância é a época de brincar, a adolescência de se divertir e a idade adulta assumir responsabilidades. A associação entre idade adulta com razão e o fato de o adulto ser considerado o provedor da família parece legitimar sua autoridade à criança e	Contexto & Educação

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

			ao adolescente. Este paradoxo indica então a necessidade de que outros estudos que aprofundem tal questão sejam realizados.	
2014	A filosofia dos jovens sobre o ser jovem: uma pesquisa sociopoética	CARNEIRO, Cristiane T./ CARVALHO, Francimeiry, S / SANTOS, Khatia R. P/ BEZERRA, Maria A. R / ADAD, Shara J. H. C	Objetivou-se conhecer os modos de pensar dos jovens de um curso técnico em enfermagem de um colégio técnico federal sobre "o que é ser jovem?". A pesquisa se insere no paradigma qualitativo de investigação utilizando a Sociopoética, foi realizada com onze jovens que cursavam o ensino médio concomitante ao técnico em enfermagem em 2013. Os jovens problematizaram a dimensão do tempo de espera para o mundo adulto, mostrando que não há um único modo de ser jovem e nem de se tornar adulto, pois para eles os ritos de passagem eram: casamento, saída da casa dos pais, o ingresso em um colégio técnico federal e o início dos estágios do curso técnico em enfermagem, demonstrando que esse momento não é fixo e nem demarcado. Eles também relataram jeitos de ser jovem em bandos que agem de modo diferente. Discutiram o tempo e a liberdade, ressaltando o quanto a rotina do jovem está relacionada à escola. Essa pesquisa possibilitou a oportunidade de reflexão sobre os conceitos sobre jovens, muitas vezes cristalizados numa sociedade que raramente leva em consideração a voz de quem mais entende sobre si mesmo, ou seja, do próprio sujeito que tem a experiência e vivencia a juventude.	Revista Holos
2015	As potencialidades do photovoice enquanto metodologia participativa na formação de educadores sociais	ARAÚJO, Lia/ FIGUEIREDO , Maria Pacheco/ AMANTE, Maria João/ JALES, Esperança Ribeiro	O estudo providencia informação sobre uma experiência do valor do *photovoice* enquanto metodologia pedagógica na licenciatura de Educação Social. 35 estudantes que frequentaram "Intervenção socioeducativa com crianças e jovens" analisaram temas relacionados com essas populações e 23 estudantes de "Intervenção socioeducativa com pessoas idosas" analisaram temas relacionados com envelhecimento. A análise do photovoice revelou que muitas das fotografias tinham um significado pessoal e demonstraram ter também impacto noutros alunos, denotando benefícios em criar diálogo na turma. Os estudantes enfatizaram que o uso do *photovoice* permitiu-lhes aumentar a consciência das potencialidades e fragilidades da sua comunidade e promover o diálogo crítico.	Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viseu
2016	Influências do ensino médio nas perspectivas de futuro de seus estudantes	FALEIRO, Wender/ ARAGÃO, Milena Cristina/ PUENTES,	O presente estudo objetivou conhecer a percepção que os estudantes do Ensino Médio de Uberlândia, MG possuem sobre a influência da escola em suas vidas. O estudo foi realizado em sete escolas, com 1.040 alunos de todos os três níveis de seriação do Ensino Médio. Para a maioria dos alunos entrevistados a escola representa algum tipo de mudança positiva e, para muitos, a única finalidade da escola é melhorar as possibilidades de empregabilidade. Por outro lado, muitos demonstram estarem mais conscientes da importância das relações interpessoais, da valorização das diferenças e da diversidade cultural, e querem ter mais voz e espaços no	Revista Educação - UFSM

		Roberto Valdes	processo educativo. Os jovens estão ansiosos por uma escola que lhes proporcione chances mínimas de trabalho e que se re- lacione com suas experiências presentes.	
2016	A sociologia da infância como suporte para os professores: a criança e a essência do brincar	ALVES, Nathalia Franco/ PIMENTEL, Monique Bahr/ LIMA, Márcia Regina Canhoto de/ LIMA, José Milton de	O presente artigo trata-se de um recorte de uma pesquisa de iniciação científica intitulada "A Ludicidade como eixo estruturador das culturas da infância, dando voz a criança", desenvolvida pelo grupo de pesquisa CEPELIJ- Centro de estudo e pesquisa em educação, ludicidade, infância e juventude, coordenado pelos professores doutores José Milton de Lima e Márcia Regina Canhoto de Lima, em parceria com uma escola de Educação Infantil de Presidente Prudente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo – etnográfica que tem como aporte teórico a Sociologia da Infância. Tem por objetivos compreender como a Ludicidade é trabalhada dentro do contexto escolar, qual a postura das professoras diante desse eixo e permitir que a criança protagonize suas vivências. As observações são realizadas semanalmente, assim como os encontros dos bolsistas para a discussão do material teórico. Ocorrem também quinzenalmente uma reunião com um grupo maior denominado, Cultura Corporal, Saberes e Fazeres, que atualmente está estudando as diferentes vertentes sociológicas e uma disciplina de história que aborda todo o processo de desenvolvimento do ser humano e as diferentes sociedades. Como resultados, observou-se o envolvimento gradativo das professoras em relação à brincadeira, a transformação que ambas estão tendo desde que a pesquisa passou a contemplá- las. Em relação às crianças, notou-se que em todas as situações elas estiverem como atores sociais e protagonistas.	Colloquium Humanarum - Unoeste
2017	As lições dos alunos: o futuro da educação antecipado por vozes de crianças e jovens	AMORIM, José Pedro/ AZEVEDO, Joaquim	Embora sejam os alunos que melhor podem falar-nos sobre a sua experiência na escola, nem sempre as suas vozes são ouvidas e consideradas quando se trata de pensar na melhoria das escolas e da educação. Neste texto, apresentamos e analisamos, por um lado, as "vozes" de crianças do pré-escolar, que recolhemos através de trabalhos, cartazes e desenhos em grupo e individuais; por outro lado, as vozes de alunos do 2.º e do 3.º ciclos do ensino básico que recolhemos em entrevistas de grupo, não estruturadas. A todos pedimos as suas ideias relativamente ao futuro da educação. Os resultados podem ser surpreendentes, pela qualidade da reflexão e pela capacidade de análise, mas também porque permitem refletir – num exercício que poderá ser útil para todos os atores sociais envolvidos pela dinâmica escolar – sobre a vida das escolas em muitas das suas facetas: os professores e a atividade pedagógica, as aulas e as visitas de estudo, a oferta educativa, os espaços educativos e os recursos, a organização da atividade escolar. Em síntese, dir-se-ia que só com os alunos, numa narrativa dialogada e construída em conjunto, será possível reforçar aquilo que as escolas têm de melhor e pensar alternativas a processos escolares que são já ineficazes.	Revistas Científicas da Universidade Católica Portuguesa

2017	Como ocupar uma escola? Pesquiso na internet: política participativa nas ocupações de escolas públicas no brasil	ROMANCINI, Richard/ CASTILHO, Fernanda	O movimento das ocupações das escolas públicas no estado de São Paulo, realizado por jovens estudantes no final de 2015, marcou mais uma série de protestos reivindicatórios por melhores condições de ensino no Brasil. Nestes eventos, os adolescentes participantes ganharam voz ao utilizar as mídias como espaço de mobilização, criando conteúdos que serão analisados neste artigo à luz do conceito de política participativa (COHEN; KAHNE, 2011; JENKINS, 2016) e sua interface com juventude e tecnologias. Tal proposta engloba a análise sistemática da produção dos ativistas (textos, imagens e vídeos) em 42 páginas da rede social Facebook, com objetivo de perceber o uso das mídias e seu papel no contexto mobilizatório. A intersecção entre cultura popular, engajamento afetivo e luta política, evidenciada pelas análises, foi um dos principais resultados do trabalho.	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação
2018	O silêncio como discurso: o projeto de lei "escola sem partido" e a invisibilidade da juventude lgbt na lógica da mordaça	CHECA, Maria Eduarda Parizan/ SCISLESKI, Andrea Cristina Coelho	Este artigo problematiza a interdição à cidadania da juventude LGBT a partir tanto da atual tramitação do PL (Projeto de Lei) "Escola sem Partido" na Câmara Municipal de Campo Grande – MS quanto das reverberações dos discursos que o permeiam em nível nacional. O PL tem como determinação a proibição da abordagem de temas como gênero e sexualidade nas escolas, com a justificativa de que tais temas marcariam uma postura "partidária" da escola, enquanto a mesma deveria ser politicamente neutra, deixando a abordagem de tais questões exclusivamente no âmbito familiar. Um dos questionamentos que o presente trabalho suscita é "Em um cenário em que a juventude LGBT é majoritariamente violentada por familiares e conhecidos (GRUPO GAY DA BAHIA, 2017), a escola, enquanto espaço de produção de cidadania, não deveria ser a esses jovens um espaço de proteção?" e mais: "Ao silenciar os temas que poderiam dar voz às eventuais violências sofridas por esses jovens, a escola não seria, ela mesma, um espaço violador?". Ao pensar, juntamente com Foucault (1999), o processo de produção de discursos em meio às relações de saber-poder que atravessam o atual cenário pós-golpe em que vivemos, entendemos que a proposta do PL de neutralidade do espaço escolar é defensora de uma escola que toma partido pela (re)produção da invisibilização da juventude LGBT a partir da proibição discursiva da mesma no espaço escolar. Em outras palavras, a obrigação do silêncio das questões de gênero e sexualidade na escola institui uma política não apenas de legitimação da violência sofrida por essa população, como também compõe parte de um cenário de desmonte de Políticas Públicas implicadas na visibilidade de populações marginalizadas, visando, sobretudo, formas capilares de extermínio das mesmas.	Revista Nanduty
2018	"A gente sempre tem uma convicção muito maior do	SILVEIRA, Alessandra Amaral da/	Essa pesquisa tem como objetivo analisar o que os sujeitos que não possuem modificações corporais dizem sobre elas, relacionando-as com o debate sobre a juventude. Consideramos práticas corporais, para essa pesquisa, as vinculadas ao *body modification*, que são: os	Revista Unioeste

	que vai fazer aos 20 do que com 15 anos:" a juventude como "imaturidade"	MICHEL, Caroline Braga	*piercings*, as tatuagens, os dilatadores, as escarificações, etc. Para tanto, utilizamos como metodologia de pesquisa o Grupo Focal. Esse estudo foi realizado numa escola de ensino médio, intitulada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). As principais considerações encontradas durante a análise dos dados foram: a preocupação em associar às práticas corporais a algum significado; os participantes reforçaram o discurso de que a juventude não possui "maturidade suficiente" para tomar decisões importantes, devido a inconstância de sentimentos que é associado ao ser jovem; também identificamos a preocupação com o emprego, já que os jovens da pesquisa demarcam que possuir uma modificação corporal pode comprometer o acesso ao mercado do trabalho.	
2018	Juventudes em trânsito: notas etnográficas sobre a relação dos estudantes do ensino médio com o conhecimento escolar	BORGES, Luiz Paulo Cruz	A relação dos jovens estudantes do Ensino Médio com o conhecimento escolar é objeto de estudo do presente artigo. Pauta-se na abordagem teórico-metodológica etnográfica, situada na fronteira entre a antropologia e a educação. Assim, foram utilizados o caderno de campo, notas etnográficas, descrição densa, entrevistas, fotografias, observação participante e produções textuais como formas de apreender um recorte da realidade social. Articulam-se as categorias conhecimento escolar e juventudes privilegiando uma abordagem pós-crítica e pós-colonial para pensar a escola e seus sujeitos. Questiona-se como jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual do Rio de Janeiro se relacionam com o conhecimento socializado pela escola? Opera-se numa lógica de que há uma polifonia nas vozes discentes que podem ser escutadas como forma de uma produção curricular pensando os dissensos como caminhos possíveis a partir da ideia de juventudes em trânsito abordando a relação dos jovens com seus processos educacionais e suas imagens. À guisa de conclusão, defende-se a ideia de que o conhecimento escolar, entendido como atos de significação, é uma dimensão criadora dos modos de subjetivação e diferença, capaz de permitir a emergência dos trânsitos juvenis presentes na escola de hoje.	e-Mosaicos - Revista Multidisciplinar de Ensino, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
2018	Sentidos de jovens vivendo com hiv frente aos estigmas, preconceitos e vulnerabilidades em ambiente educacional	ANJOS, Degmar Francisco dos/ FONSECA, José Henrique Monteiro da/ SILVA, Jessika	No presente artigo se objetiva analisar as vivências, no ambiente educacional, de jovens com diagnóstico positivo para HIV, debatendo a presença dos estigmas e preconceitos diante do HIV/Aids, apontando seus traços históricos presentes no ambiente educacional. Perante tal fenômeno realizou-se estudo com 12 jovens na faixa etária entre 15 a 24 anos no município de Cuiabá - MT. A pesquisa, de cunho qualitativo, investigou os sentidos desses jovens vivendo com HIV no ambiente educacional. Com especial atenção ao processo ensino-aprendizagem e às relações de poder – estigmas e preconceitos – diante de seus pares. Trabalhou-se enquanto olhar teórico-metodológico com o Construcionismo Social por meio da análise de repertórios linguísticos investigando a produção de sentidos enunciados por práticas discursivas.	Revista Prática Docente

		Karoliny Ostelony.	Observaram-se nos resultados, relatos de sujeitos que foram vítimas de estigmas, preconceitos e/ou - como aparece unânime em meio às vozes - que provavelmente seriam vítimas de preconceitos e isolamento caso alguém soubesse de sua condição soropositiva, relatando o medo de se expor para colegas e professores. Aparecem consonâncias, também, nas constatações acerca do silenciamento escolar diante de temáticas como HIV/AIDS/Preconceitos, haja vista que nas poucas vezes que houve algum trabalho relacionado a essa questão, limitaram-se epidemiologicamente às aulas de biologia. Tais ambientes mostram-se vulneráveis, carentes de respaldo - enquanto formação docente - para lidar com essas realidades de nossa contemporaneidade, bem como para abarcar assuntos tão importantes para atenuação das vulnerabilidades sexuais de nossa juventude.	
2018	A juventude estudantil moderna na confluência da contemporaneidade	FERNANDES, Dorgival Gonçalves	Este artigo, elaborado como parte da nossa pesquisa desenvolvida no Estágio de Pós-doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Brasil, tem por objetivo pensar a constituição da juventude estudantil no contexto de transformações sociais, políticas e culturais que marcam a contemporaneidade, considerando-a como um tempo de crise, transição e supostas rupturas. Teoricamente toma como inspiração o pensamento de Michel Foucault, centrando-se nas noções de disciplina, governamentalidade e subjetivação. Na sua elaboração, evidenciamos alguns traços constituintes da juventude estudantil na modernidade e na confluência desta com as caracterizações do tempo presente, discutimos a conceituação de juventude a partir da condição de estudante, demarcada nos movimen- tos contestatórios da década de 1960 e, por fim, assinalamos as implicações trazidas pelas mutações que afetam e constituem a contemporaneidade, problematizando-se alguns dos desafios novos que têm afetado a formação e o governo da juventude estudantil no plano das políticas educacionais e no campo escolar na temporalidade atual.	Revista Eletrônica de Educação
2019	Estudantes de camadas populares e a afiliação à universidade pública	LACERDA, Wânia Maria Guimarães	O artigo trata de um trabalho realizado nos anos de 2013 a 2015, no âmbito do Observatório Sociológico da Vida Estudantil da Universidade Federal de Viçosa – UFV – (Brasil), instância formativa, de produção e de divulgação do conhecimento sobre a vida estudantil de universitários das camadas populares. O objetivo do trabalho foi criar possibilidades para a afiliação intelectual de estudantes pobres à universidade pública. Na primeira etapa, dezoi- to universitárias, do curso de Pedagogia, realizaram autoanálises das trajetórias escolares e vivências acadêmicas, tendo como referência o pensamento bourdieusiano, e fizeram a descrição reflexiva delas. Na segunda etapa, foram elaborados projetos e desenvolvidas pesquisas sobre temas que emergiram dessas autoanálises. O método de geração de dados foi o relato biográfico, e os investigados, em sua maior parte, eram estudantes da UFV, o que, juntamente	Revista Eletrônica de Educação

			com as autoanálises realizadas, viabilizou a conexão de saberes entre as estu- dantes na condição de pesquisadoras e os sujeitos investigados. Dentre os resultados desse trabalho há o fato de que as autoanálises permitiram às estudantes a interpretação dos princípios que engendram suas práticas e a incorporação e/ou atualização de disposições favoráveis à constituição de percursos acadêmicos de qualidade e se mostraram uma forma de promover a afiliação intelectual à universidade pública e de enfrentamento dos efeitos que a origem social possa ter nos percursos acadêmicos. A associação da autoanálise, como um trabalho interpretativo das disposições e práticas, com a realização de pesquisas, e a conexão de saberes entre estudantes com afinidades de *habitus*, engendrou a constituição de redes de sociabilidade e a permanência na UFV.	
2019	A voz da juventude nos interstícios narrativos	LOUVANI, Volmer / CARVALHO, Ana Cândida Santos de /SANTOS, Luciano Dirceu dos/ VAN LEEUVEN, Leonardo Guilherme	Este estudo discute a importância da narrativa literária na constituição do sujeito e apresenta um projeto de leitura, realizado com alunos de Ensino Médio em uma escola comunitária gaúcha, como objeto de análise. Pretende-se, em uma perspectiva discursiva, analisar um roteiro e um curta-metragem produzido a partir da leitura de contos de Machado de Assis e, por meio deles, averiguar a posição axiológica dos adolescentes, seu olhar sobre si e o outro, seus hábitos culturais, seus posicionamentos ideológico-políticos, seus traços identitários, seus sonhos e utopias.	Gláuks - Revista de Letras e Artes,
2019	Análise do discurso nas pesquisas em educação: perspectivas foucaultianas	LUIZ, Maria Cecilia, SILVA, Flávio Caetano da/ BENGTSON, Clarissa Galvão	O objetivo deste artigo é auxiliar os pesquisadores da área de Educação a compreenderem algumas possibilidades de aplicação da Análise do Discurso, segundo Foucault, com o propósito de dispor deste referencial teórico-metodológico nas pesquisas em Educação. Foucault (1979) trata da relação entre discurso e poder, visto que para o autor as práticas discursivas estão interligadas nas relações de poder e saber. O discurso é mais do que a referência das coisas, pois possibilita uma rede conceitual que lhe é própria. Este estudo justifica-se devido à necessidade da área de Educação investigar e referendar os diferentes discursos de segmentos da escola, como: gestores, professores, alunos, funcionários, ou mesmo de textos oficiais sobre políticas educacionais, etc., isto é, as diversas e profundas perspectivas de investigar as coisas ditas. Para facilitar a compreensão da Análise do Discurso, buscamos exemplificá-la com pesquisas referentes ao campo da Educação, em geral, como também	Revista Eletrônica de Educação

			pesquisas específicas desenvolvidas em 2017 e 2018, por grupos de pesquisa da Linha Educação, Cultura e Subjetividade do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos.	
2020	Escola, juventude e perspectivas de futuro: alguns apontamentos	MELO, Luciano Plez De / SALLES, Leila Maria Ferreira	Este texto objetiva discutir fatores que têm colaborado para que a escola se mantenha em processo de fratura com uma de suas marcas identitárias: sua contribuição para a construção de projetos de vida ou perspectivas de futuro. Agir na construção de projetos de vida implica impor interdições a prazeres imediatizados em função de recompensas futuras; o certificado escolar esvaece seu significado, mas é por meio dele que projeções de vida futura são construídas. As referências para essa discussão são jovens moradores de periferia urbana empobrecida e as escolas que frequentam.	Cadernos Cedes
2020	Educação libertadora e juventude: uma intervenção psicossocial com alunos do ensino médio	DIAS, Mariele Ribeiro/ EVANGELISTA, Rodolfo Victor Cancio / RESENDE, Fernanda Mendes	O objetivo do artigo é relatar a experiência de dois extensionistas do 8º período do curso de Psicolo gia em uma intervenção psicossocial realizada com adolescentes do segundo ano do Ensino Médio de uma esco la estadual. As reflexões e análise dos dados coletados são baseados na teoria de Paulo Freire no que diz respeito à educação enquanto prática libertadora, que se propõe a superar a educação bancária, como práticas hierárqui cas, em que o professor tem o lugar de detentor do saber e o aluno o depósito de informações. Ao final, busca-se fazer uma reflexão referente à intervenção realizada, além da importância da escola ouvir os educandos, propor cionando momentos de diálogos com estes sujeitos, como protagonistas do seu processo ensino-aprendizagem. A partir do diálogo é possível expandir perspectivas dos sujeitos no que diz respeito ao mundo, proporcionando transformações que se encontram para além do ambiente escolar.	Pretextos - Revista de Graduação em Psicologia da PUC - Minas Gerais
2021	Ensino médio integral em tempo integral: competência socioemocional para uma educação integral?	FRANÇA, Daniel De Souza/ VOIGT, Jane Mery Richter	Este artigo propõe a discussão sobre o componente socioemocional como competência a ser desenvolvida pelos estudantes do Ensino Médio Integral em Tempo Integral (EMITI) para uma formação integral na relação entre mundo do trabalho e escola. O estudo tem como base pesquisas sobre as políticas curriculares, o currículo e as juventudes. A análise documental e as entrevistas com professores do EMITI apontam para uma crescente centralidade do aspecto socioemocional nos currículos e indispensável para a inserção do sujeito no mercado de trabalho, resultado de pressões de organismos internacionais e parcerias público-privadas na elaboração e condução do currículo.	Reflexão e Ação – Revista do Programa de Pós-graduação em Educação
2021	Os sentidos do ensino de filosofia para juventudes: narrativas de	SANTOS, Priscila Gomes dos /	O objetivo desse artigo é apresentar possíveis conexões entre as juventudes, os projetos de vida e a filosofia. A filosofia contribui para pensar perspectivas e projetos de vidas? Até que ponto a filosofia contribui para o processo de reflexão para a vida dos sujeitos? Esse não é um exercício simples, nem tampouco dará conta de responder a todas as nossas indagações.	Brazilian Journals Publicaçõe

	jovens do ensino médio	SALES, Christianne Thereza de Almeida	Portanto, procuraremos tecer apontamentos sobre essas relações e tentar estabelecer conexões entre as juventudes, a filosofia e projetos de vida de jovens do Ensino Médio. Sobre os estudos das juventudes, ancoramo-nos em autores como Dayrell (2009), Peralva (1997), Pais (2003), Mannheim (1952), que darão embasamento teórico ao que nos propomos discutir. Para este intento, a pesquisa desenvolveu-se por perspectivas teórica e prática, sendo a empiria alicerçada na análise de conteúdo coletado a partir da metodologia de dois grupos focais, cujo público alvo são jovens estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual situada na mesorregião do sertão alagoano. Os dois grupos focais da pesquisa foram formados por doze jovens ao todo, cada qual com seis pessoas. Percebeu-se que compreender a juventude, que mesmo sendo considerada uma categoria social, agrupa pessoas que mesmo estando em determinada faixa etária, há uma multiplicidade de vivências que interferem diretamente nessa forma de ser jovem. Nesse sentido é importante pensar a(s) juventude(s) ou olhar esses sujeitos como singulares e ao mesmo tempo sociais. Pelas participações dos jovens estudantes dos grupos focais, foi possível identificar a capacidade de argumentação desses jovens, que embora os saberes sejam construídos em diferentes espaços, a escola e seus componentes curriculares contribuem para seu desenvolvimento e seus sentidos e projeções de vida, no entanto precisam dar mais espaço para as diferentes vozes desses sujeitos jovens que lá estão.	s de Periódicos,
2022	Ensinar longe da escola: ensaio sobre as representações em E. Durkheim e R. Chartier	MENEZES, Roni Cleber Dias de/ SILVA, Vivian Batista da.	Após meses com as salas de aula fechadas, professores e alunos ainda não vislumbram quando se poderá voltar às escolas. Roger Chartier, no artigo “Mundo pós-pandemia”, publicado em 1º de junho na página virtual do Sesc-SP, destaca a “in- finita tristeza do ensino” no isolamento. Na esteira dessa percepção, vimos desde a interrupção das aulas avaliações as mais diversas sobre o papel da instituição escolar e da socialização que ela realiza para a formação educacional da infância e juventude. Interes- sados em alargar a visão sobre o tema, propomos historicizar o que chamamos aqui de “imagem da sala de aula”. Para concretizar nosso propósito, escolhemos para análise as imagens presentes nas famosas histórias em quadrinhos francesas do Petit Nicholas, assi- nadas por René Goscinny e ilustradas por Jean-Jacques Sempé entre 1956 e 1964. Tais imagens serão interpeladas com o auxílio da noção de representação, na voz de autores há muito tempo lidos e relidos entre os educadores: Émile Durkheim e Roger Chartier. O uso do conceito de representação nos será útil para explorar as múltiplas respostas dos autores de seus respectivos tempos históricos sobre os problemas e as potências da esco- la. Lembrando as palavras de Ítalo Calvino (1993), convém dedicarmos um tempo para revisitar leituras importantes de nossa formação. As referências permanecem as mesmas, mas nossas trajetórias e desafios mudam. A atual situação é um convite à releitura dessas obras “clássicas”	Clássicos da Educação - Estudos Avançados

			que, pela sua fecundidade, sobretudo quando explicam a força da re- presentação, permitem refletir sobre a construção do desejável em educação hoje.	
2022	Web rádio palafita: quais vozes falam pelo dique da Vila Gilda em Santos – SP?	GOLOBOVANTE, Maria Conceição	O objetivo maior do projeto Rede de Informação Comunitária do grupo de pesquisa Mediações Telemáticas da área de Comunicação da PUC-SP, iniciado em 2017, foi implantar a web rádio Palafita na maior favela de palafitas da América Latina, o dique da Vila Gilda, localizada em Santos – SP, pela criação e produção de conteúdos de mídia livre, alternativos aos veiculados pelas mídiais hegemônicas locais. O Dique é uma área periférica marcada pela cultura caiçara, dos habitantes tradicionais do litoral, formados a partir da miscigenação entre índios, brancos e negros e pela imensa quantidade de imigrantes, principalmente nordestinos, que ali se estabeleceram depois da construção das rodovias Anchieta e Imigrantes. São mais de 6 mil famílias que vivem em condição visualmente insalubre para o olhar externo, mas que, quando nos aproximamos e passamos a conviver com os moradores, percebemos quão diferente é a opinião deles a respeito do mesmo lugar. Depois de três anos de aproximação e parceria com o instituto Arte no Dique e com a Escola Estadual Francisco Meira, somente agora, nós, pesquisadores, estamos começando a, de fato, ouvir e entender as vozes, apreendendo os códigos e as poéticas vocais ali presentes. No processo de escuta da pluralidade de suas vozes, é interessante notar o quanto as vozes dominantes de traficantes e líderes políticos e religiosos, pincipalmente pastores, influenciam de forma implícita os códigos de comportamento e como, do ponto de vista do consumo, moradores, principalmente moradores jovens, utilizam as mesmas marcas presentes em outros territórios da cidade, onde a faixa de renda dos moradores é maior. Outro ponto em relação aos jovens é que eles entendem TV, rádio e outdoor como mídia, mas celular como tecnologia, ou seja, há uma separação clara para eles que parte do critério de qual suporte eles dominam. E é a partir do recorte da relação entre oralidade, suporte midiático móvel, território e juventude, que esse artigo (apresentação) se desenvolverá. Para entender a relação das mutações vocais dos moradores a partir da sua interação com os suportes tecnológicos da web rádio, acionaremos os pensamentos de Carmen L. José, Jerusa P. Ferreira, Ivana Bentes e Jaílson de Souza e Silva, entre outros autores.	Revista Boitatá
2022	Paulo Freire e educação popular: práxis descolonizadoras em tempos neoconservadores	SOUSA, Fabiana Rodrigues de/ VASCONCELOS, Valéria Oliveira de	Neste ensaio, refletimos sobre possibilidades de leituras descolonizadoras na Educação Superior, articuladas aos princípios da Educação Popular, principalmente, aqueles presentes nas obras de Paulo Freire e de autoras/es latino-americanas/os. Metodologicamente apoiamo-nos na emersão e problematização de temas geradores como colonialidade do poder, invasão cultural, consciência crítica, resistência e utopia. Indicando pesquisas ancoradas em aportes freireanos, apontamos, por fim, considerações sobre a viabilidade de assumirmos a insubmissão	Reflexão e Ação - Revista do |Programa de Pós-Graduação

			e resistência, frente aos retrocessos vivenciados em nosso país, como bandeira coletiva na luta contra o fascismo e toda forma de opressão.	em Educação – Mestrado e Doutorado - UNISC
2022	Educação popular e experiências estéticas - a pedagogia do cinema vai ao sistema socioeducativo fluminense	RODRIGUES, Beatriz Batistela	Este artigo foi feito a partir das experiências de uma graduanda em um trabalho de educação popular em um ciclo de oficinas de formação de leitores, escritores e da Pedagogia do Cinema de Alain Bergala com adolescentes privados de liberdade em uma sala de leitura localizada na unidade provisória Cense Ilha do Degase. Cotejando experiências, observações pessoais e sensíveis com uma pesquisa bibliográfica e teórica, discuto a realidade da juventude encarcerada à luz de uma educação para a liberdade. Entendendo qual minha identidade enquanto educadora, quem são os adolescentes interlocutores desta pesquisa, o presente trabalho reflete sobre desafios e potencialidades de um fazer educação que ultrapasse os limites impostos pela escola e pelo currículo, despertando sensibilidades estéticas e contribuindo para a formação de identidades fortalecidas, a partir do olhar para o vínculo educador-educando. A partir da metodologia de pesquisa-ação e da opção pela voz discursiva autobiográfica, o presente trabalho faz um mergulho pela realidade encontrada na unidade provisória Cense Ilha, discutindo também a relação entre literatura e cinema e as possibilidades de uma educação estética e artística prática. Palavras-chave:	Revista Communitas

2022	O ensino de educação brasileira: recortes de leis que deram voz à formação escolar de jovens no Brasil	SOUZA, Maria Deuselena Dias de/ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota	No presente artigo buscamos compreender as diversas mudanças que foram imputadas sobre a Educação no Brasil. O texto tem início na forma de se conceber o ensino a partir da construção da República Brasileira, compreendendo que ela foi edificada em meio a entendimentos diversos, mistura de ideologias, posições políticas ambíguas e autoritárias, elementos enraizados em nossa história, resultante da colonização, que nos foi imposta. Buscamos centralizar nossas reflexões em diferentes Leis, que foram marcos importantes para o desenvolvimento da educação destinada aos jovens, para que se pudesse tecer algumas considerações acerca das muitas luzes e sombras que pairam sobre o Novo Ensino Médio, implementado no ano vigente nas escolas. Baseamo-nos nos seguintes autores: ARANHA (2006), GHIRALDELLI JÙNIOR (1990), ROMANELLI (2001), e diversos documentos publicados para nortear os estudos de professores/as da Rede Pública do Ensino acerca das mudanças propostas para os anos finais da Educação Básica. Esperamos através da leitura desse texto, que se possa acender um debate entre educadores nas escolas de modo a se pensar e repensar os caminhos que se delineiam para a educação a partir da promulgação das Leis que dão orientação ao ensino, e que através dessas reflexões se possamos amenizar as sombras que pairam sobre a formação escolar destinada aos jovens.	Brazilian Journal of Developme nt